



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

Henrique Inojosa Cavalcanti

CLARICE LISPECTOR: no coração do Recife (1925-1935)

RECIFE

2020

Henrique Inojosa Cavalcanti

CLARICE LISPECTOR: no coração do Recife (1925-1935)

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Departamento de História da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP/PE, como requisito parcial de desempenho para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim.

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúcia do Nascimento Oliveira

RECIFE

2020

Catálogo na fonte

Bibliotecária Pollyanna Alves - CRB 4/1002

C377c Cavalcanti, Henrique Inojosa.
Clarice Lispector : no coração do Recife (1925-1935)
/ Henrique Inojosa Cavalcanti, 2020.

141 f. : il.

Orientador: Helder Remigio de Amorim

Coorientadora: Ana Lúcia do Nascimento Oliveira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2020.

1. Historiografia - Recife. 2. Escrita
3. Lispector, Clarice, 1925-1977. I. Título.

CDU 930.28

Pollyanna Alves - CRB 4/1002

FOLHA DE APROVAÇÃO

HENRIQUE INOJOSA CAVALCANTI

CLARICE LISPECTOR: NO CORAÇÃO DO RECIFE (1925-1935)

Trabalho de Conclusão do Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Data de Aprovação - 23/ 10 / 2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim (Orientador e Presidente da Banca)

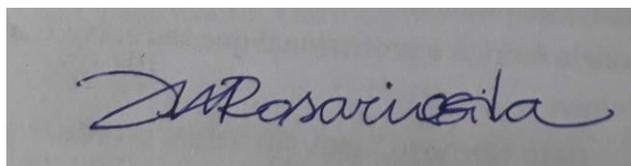
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Humberto da Silva Miranda

Prof. Dr. Humberto da Silva Miranda (Titular Externo)

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE



Profª. Drª Maria do Rosário da Silva (Titular Interno)

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

RECIFE
2020

A Maria Eunice Campos Marinho.

AGRADECIMENTOS

Adriana Cavalcanti, Ana Cláudia Abrantes, Ana Emília Barros, Ana Mary Guerra, Ana Lúcia do Nascimento, Émerson Cardoso, Flávio Cabral, Geórgia Alves, Gisela Cavalcanti Raposo, Grace Novaes, Helder Remigio de Amorim, Humberto da Silva Miranda, Inalda Cavalcanti, Jane Nunes, João Carlos Cavalcanti, Jorge Gomes, José Castello, Lídia Santos, Lourinaldo Barreto Cavalcanti, Luciana Inojosa Cavalcanti, Luiz Cavalcanti, Marcia Algranti, Maria Cristina Inojosa Cavalcanti (em memória), Maria Eunice Marinho (em memória), Maria do Rosário da Silva, Maviael Cavalcanti, Mônica Cavalcanti, Nádia Battella Gotlib, Neiva Boeno, Nicole Allgranti, Olga Costa Rêgo, Paulo Cadena, Rosa Bernarda Ludermir, Selma Santos, Sérgio Dourado, Stella Maris Saldanha, Taciana Oliveira, Teresa Montero, Thiago Cavalcante Jeronimo, Tiago da Silva Cesar, Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito estudar a trajetória de Clarice Lispector quando viveu no Recife, no período entre 1925 a 1935, sob o aspecto de como ela se relacionava com a cidade. Desta forma, serão levadas em consideração suas vivências, sua construção de mundo, seu olhar sobre a cidade do Recife na época, registrado em entrevistas, contos, crônicas e romances que escreveu. O objetivo deste trabalho se pauta principalmente, na perspectiva de como a escritora, quando criança, desenvolveu na cidade do Recife, seu apreço pela leitura, pela escrita, pela cultura, a ponto de decidir partir para uma trajetória baseada na intelectualidade. Recorremos à obra da própria Clarice Lispector para contar estas histórias, porém, utilizamos também entrevistas, livros, fotografias, periódicos, correspondências, a fim de complementar os relatos a respeito da escritora com relação a sua passagem pela cidade do Recife no período descrito. Foram consultados, também, os acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Clarice Lispector vivenciou o Recife de forma intensa. Desde pequena, a escritora avançava em suas indagações, ia “além do pensamento”. Desejava aprender através de conversas, leituras e desde muito cedo também, começou a apreciar a escrita, passando a colocar sobre o papel as sensações que vivenciava, o que nos ajudou sobremaneira, na composição historiográfica deste trabalho.

Palavras-Chave: Clarice Lispector. Recife. Escrita.

ABSTRACT

This work aims to study the trajectory of Clarice Lispector when she lived in Recife, in the period between 1925 to 1935, considering the aspect of how she connected with the city. Thus, her experiences, her world visions, her perceptions about the city of Recife, will be taken into account. So, the objective of this work is based mainly on the perspective of how the writer, as a child, developed her appreciation for reading, writing, culture, to the point of deciding to start on a trajectory based on intellectuality. We used Clarice Lispector's own work to tell these stories, however, we also used interviews, books, photographs, periodicals, correspondences, in order to complement the reports about the writer, concerning her passage through the city of Recife in the period described. The Casa de Rui Barbosa Foundation's collections in Rio de Janeiro were also consulted. Clarice Lispector experienced Recife intensely, as a child lives, however, since she was a little girl, she moved forward, went further, wanting to learn through conversations, readings and from a very early age, also learned to write about the sensations she experienced, what helped us with the composition of this work, in terms of historiography.

Keywords: Clarice Lispector. Recife. Writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	28
Figura 2.....	38
Figura 3.....	56
Figura 4.....	57
Figura 5.....	75
Figura 6.....	90
Figura 7.....	111
Figura 8.....	115
Figura 9.....	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1:.....	23
NO RECIFE, AS PRIMEIRAS SENSações	23
1.1 – NO PEITO, ONDE PULSA O CORAÇÃO	24
1.2 – NO CORAÇÃO DO RECIFE	35
1.3 - RECIFE, UM LUGAR NA ALMA DE CLARICE LISPECTOR.....	48
CAPÍTULO 2:.....	62
A INFÂNCIA REVELADA	62
2.1 – A RICA INFÂNCIA DE UMA MENINA POBRE	63
2.2 – A SINUOSA CONQUISTA DA FELICIDADE	76
2.3 – O CONTATO COM A NATUREZA	83
CAPÍTULO 3:.....	91
OS TONS E SONS DO RECIFE.....	91
3.1 – “UM AR MEIO PERDIDO”	92
3.2 – OLHOS ATENTOS	102
3.3 – A VERTIGEM DE CLARICE LISPECTOR.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
FONTES	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
ANEXO	136
ROTEIRO HISTÓRICO-CULTURAL CLARICE LISPECTOR	136

INTRODUÇÃO

Quando Clarice Lispector chegou ao Recife ainda menina, não sabia o que a esperava. A família dela tinha passado por uma longa jornada de angústias, incertezas, sofrimento, até chegar naquela cidade portuária. Esta dissertação tem como mote apresentar um estudo acerca do olhar da escritora a respeito da cidade do Recife entre os anos de 1925 a 1935, tendo como foco as sensações (para usar uma palavra comumente utilizada pela escritora) que nela vivenciou. As experiências por ela vividas serviram como base para sua vida adulta e conseqüentemente para a sua escrita. Seus textos estão repletos de revelações e referências a uma cidade que a instigava e produzia reflexões acerca da vida que acabara de abraçar, a exemplo das crônicas “Banhos de mar” (1969), “O passeio da família” (1971)¹, quando escrevia para o *Jornal do Brasil*², ou em romances como *A hora da estrela* (1977), o último que escreveu.

Clarice Lispector chegou ao Brasil em 1922, quando tinha 1 ano e três meses de idade, morando primeiro em Maceió, e depois, no Recife. Na capital Pernambucana, chegou aos 4 anos de idade, em 1925. Durante o período em que viveu na cidade, foi criando o hábito de inventar histórias, ler, escrever, iniciando assim o seu contato com o mundo das letras. Foi quando passou a refletir que livros não nasciam das árvores e sim, eram escritos por pessoas como ela. A partir daquela descoberta em sua infância, passou a desejar também, ser uma autora.

O objetivo geral deste trabalho é descrever a trajetória de Clarice Lispector quando viveu no Recife e o registro que fez dessa passagem, na literatura, em entrevistas, cartas, depoimentos, refletindo acerca de percepções históricas, culturais e biográficas, tanto da escritora, quanto da capital pernambucana, no período estudado. A representatividade dessa passagem pela cidade na vida da autora é ressaltada em muitos dos seus escritos. Ela interagiu com a cidade que seu pai escolhera para viver e projetou o que sentiu em sua obra. Como objetivos específicos, relacionamos três: Selecionar crônicas, contos,

¹ As duas crônicas citadas, além de outras escritas entre 1967 e 1973 e publicadas no *Jornal do Brasil*, foram editadas posteriormente na coletânea *A descoberta do mundo* (1984). O livro foi organizado pelo filho da escritora, Paulo Gurgel Valente, após a morte dela que ocorreu em 1977.

² O *Jornal do Brasil* foi fundado em 1891 pelo jornalista Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco, tendo como sede o Rio de Janeiro. É um tradicional jornal brasileiro. Quando começou, sua proposta era a de criticar o governo republicano, que estava nascendo no Brasil. Também divulgava descobertas importantes, falava sobre a vida urbana, informava sobre notícias internacionais. Hoje, o jornal é presidido por Omar Resende Peres Filho, empresário. Fonte: CPDOC.

romances, entrevistas em que a escritora reflete seu olhar acerca da cidade do Recife; elaborar, através de relatos, biografias, depoimentos, cartas, a vida da menina Clarice quando morou na cidade; analisar aspectos históricos do cotidiano recifense entre 1925 e 1935 no que se relaciona com a autora.

A escolha pelo tema se deu por entender que o legado que a escritora deixou para seus leitores, não se dá apenas no âmbito de uma mera descrição de fatos e personagens. Sua obra, que apresenta caráter quase filosófico, expõe percepções de vida, reflexões sobre a profundidade e os meandros da alma humana. Para os leitores, o contato com suas palavras constitui um rico aprendizado. As raízes desta escrita estão no Recife. Foi nesta cidade que ela decidiu escrever sua história tomando a literatura como esteio.

Na capital do estado de Pernambuco, Clarice Lispector leu os primeiros livros, assistiu às primeiras peças teatrais, teve contato com o estudo de piano, com o cinema, com a cultura popular, através de eventos como o carnaval. Teve contato com a arte. A contribuição do presente estudo se dá através das discussões sobre as percepções implícitas na obra da escritora, acerca do Recife que foi experienciado pela autora. São observações sobre hábitos, comportamentos, patrimônio, trocas entre indivíduos e a forma pela qual a cidade é vivenciada por eles. Ela é retratada pela autora, em sua escrita, ora de forma subjetiva, ora concreta.

Para a construção deste trabalho, recorreremos à materialidade de fontes históricas como jornais da época, principalmente o *Diario de Pernambuco*, encontrados para pesquisa na Hemeroteca Digital, que faz parte da Biblioteca Nacional.³ As principais biografias utilizadas para compor a pesquisa acerca de Clarice Lispector foram as de Nádia Battella Gotlib e Teresa Cristina Montero Ferreira. Com relação às averiguações relacionadas à história da cidade do Recife entre 1925 e 1935, utilizamos os autores Antônio Paulo Rezende, Souza Barros e Sylvia Couceiro e para a construção da história dos judeus na cidade no início do século XX, recorreremos às autoras Rosa Bernarda

³ O *Diario de Pernambuco* é o jornal mais antigo em circulação na América Latina, tendo sido fundado em 1825, quando Recife não era ainda a capital de Pernambuco e sim Olinda. Foi concebido na residência do seu fundador, Antonino Falcão, que era tipógrafo. Desde então, tornou-se um dos principais jornais do país. Em 1925, a comemoração de seu centenário seguiu com a circulação de uma edição de 60 páginas com ilustração de Manuel Bandeira e logo depois do *Livro do Nordeste*, organizado por Gilberto Freyre. Fonte: GASPAR, Lúcia. *Diario de Pernambuco*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 22 de dez. 2019.

Ludermir e Tânia Neumann Kaufman. Quanto às imagens, muitas foram extraídas da Brazilianiana Fotográfica, também do acervo da Biblioteca Nacional, bem como da Fundação Joaquim Nabuco e do livro *Clarice Fotobiografia*, de Nádya Battella Gotlib. Nas questões levantadas acerca da teoria da biografia, referenciamos as obras de François Dosse, José Castello, Benito Bisso e Alexandre de Sá Avelar. Também consideramos depoimentos orais, entrevistas, de pessoas ligadas diretamente a Clarice Lispector, a exemplo de sua sobrinha Marcia e sua sobrinha-neta Nicole Algranti, bem como depoimentos de importantes pesquisadoras clariceanas como os de Gotlib e Montero. No Recife, além de Alves, entrevistamos também a jornalista Stella Maris Saldanha, a cineasta Taciana Oliveira e o escritor José Castello. Por indicação do historiador Tiago da Silva Cesar, construímos um roteiro histórico-cultural (anexo), revelando cinco pontos importantes da trajetória de Clarice Lispector no Recife, direcionado ao público que deseja conhecer um pouco da história da escritora quando criança na capital pernambucana.

O apreço pelo tema surgiu por razões afetivas. Minha mãe tinha profunda admiração por Clarice Lispector. Sua estante era repleta de livros da escritora e sempre conversava comigo a respeito de como suas palavras a tocavam. Muitas vezes se reunia com amigas e amigos para conversarem, dentre outras coisas, sobre Clarice Lispector, conforme ela contava. O nome da escritora então, despertava em mim, muita curiosidade, pois era uma personalidade da qual eu nunca deixava de ter contato, através da voz da minha mãe.

Sempre gostei de literatura. Quando criança lia os gibis de autoria de Maurício de Sousa ou os de Marjorie Henderson Buell, pelo caráter humano de seus textos. Quando adolescente, passei a ler livros sugeridos pelo colégio onde estudava: os da série Vaga Lume ou os da coletânea *Para gostar de ler*. Durante a adolescência, lembro de ter ficado bastante impressionado com autores como Aluísio de Azevedo e Machado de Assis. Com relação a Clarice Lispector, comecei a ler sua obra através da obra *Felicidade Clandestina* (1971). Não por indicação do colégio, mas porque uma prima presenteou o livro à minha irmã mais nova e o título me chamou a atenção. Lembro de ter achado os contos diferentes de tudo o que eu já tinha lido, pela delicadeza, por fazerem pensar sobre as emoções muito íntimas contidas nos personagens.

Ouvia, certo dia, uma aula proferida pela professora Scarlett Marton, titular de História da Filosofia Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP), que contou

escolher Nietzsche para estudar e se aprofundar, porque, quando cursava filosofia na USP, foi a uma biblioteca no intuito de achar algo interessante para compor um trabalho de curso, quando se deparou com o livro *A genealogia da moral* (1887), que segundo ela “caiu em suas mãos”. Por isso ela observa que “nós determinamos muito menos nossas vidas do que nós imaginamos, ou supomos”. Ao ler aquele livro, ficou extremamente tocada principalmente pelo tratamento que Nietzsche dá ao sentimento de culpa. Ela enfatiza: “Se tratava, antes de mais nada, de um livro que me permitiu me livrar da culpa”⁴.

Este depoimento da professora Marton me fez pensar que a chave do que nos leva a nutrir determinada admiração por determinado autor é a necessidade que temos de aprender a lidar com a vida. Alguns autores nos levam a uma construção de pensamento, que muitas vezes nos servem de alicerce para o nosso caminhar. É esse sentimento que provoca em mim, Clarice Lispector. Quando entramos em contato com sua literatura, no meio de um parágrafo, deparamo-nos com uma frase impactante, algo que nos faz refletir profundamente sobre quem somos nós, a ponto de mexer com nossas estruturas, em um bom sentido. Ela nos convida a uma reconstrução do que nós somos.

Faço parte de uma família de pessoas que, no geral, gostam de ler, tanto pelo lado paterno quanto materno, o que me ajudou a enveredar por esta seara também. Alguns dos meus familiares se expressaram através da escrita, cada um de acordo com suas inclinações. Minha mãe, Cristina Inojosa, gostava de temas ligados à emancipação feminina. Publicou o livro *Martha de Hollanda: feminismo e feminilidade* (1984), sobre uma mulher que, na década de 1930 requereu na justiça seu direito de votar (na época, aquele era um consentimento dado apenas aos homens). Meu tio-avô, Joaquim Inojosa, dedicou-se a divulgar o movimento modernista em Pernambuco. Escreveu alguns livros acerca do tema, dentre eles *A arte moderna (1924-1974) – o Brasil brasileiro (1925-1975)* (1977) e *A arte moderna: o movimento que originou a segunda fase do modernismo* (1984).⁵ Também, uma prima chamada Gina Inojosa, publicou seu livro *Poesia menina* (1976).

⁴ *Aula aberta. Nietzsche: Por onde começar?*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jbu_4pi0AWI. Acesso em 10 de jul. 2020.

⁵ Editora Meio-dia e Editora Cátedra, respectivamente.

Com relação à vida acadêmica, minhas escolhas tiveram seus tropeços. Inseguro e sem uma definição do que queria abraçar como profissão, ingressei em um curso superior na área de biologia, abandonando logo depois para pensar em seguir o caminho da publicidade, porque meu objetivo era trabalhar com cinema e no Recife ainda não havia formação específica na área. Após tentar diversas vezes o vestibular para publicidade, não obtive êxito e voltei para estudar biologia. Pouco mais de seis meses de aulas, na UFRPE, decidi cursar economia na UFPE, graduação que finalmente terminei. Tempos depois, fiz uma especialização em gestão de pessoas e finalmente, por achar que a vida estava passando rápido e eu estava preso a valores que percebi serem sem sentido e que não me satisfaziam, ingressei no mestrado em história e para minha surpresa, foi-me permitido, através da aprovação do meu projeto de pesquisa no Mestrado Profissional em História da Universidade Católica de Pernambuco, realizar um trabalho sobre uma pessoa que, tinha certeza, poderia me proporcionar grande aprendizado.

Clarice Lispector, por ser uma escritora que muito intimamente reflete sobre sensações, nos faz sentir, ao lermos seus contos, crônicas, romances, uma espécie de gratidão pelas reflexões e questionamentos levantados em sua escrita. De acordo com alguns depoimentos, ela era considerada hermética, porém, ao lermos qualquer de seus livros, sentimos uma proximidade mais íntima com a escritora, pela simplicidade e humanidade a que se expõe. Com ela, criamos laços, reaprendemos. Bons escritores tendem a convidar seus leitores à desconstrução e à reconstrução.

As sensações são inerentes aos seres humanos. Surgem a partir de estímulos que podem ser externos ou internos e que provocam reações. Algo é experienciado através destes estímulos. Podemos observar, detalhar estes sentimentos ou não. Clarice Lispector gostava de aprender com eles, de depurá-los até esgotarem-se dentro dela mesma. Tornou-se um hábito e uma das formas que achou para analisar o que sentia quando era provocada, era falando acerca das sensações através da escrita. Traçou sua história de vida tendo como apoio principal o que a vida oferecia como provocação e o que sentia a partir destas provocações.

A partir deste pensamento, poderíamos dizer que seria importante pensar na história como uma análise de informações, incluindo as sensoriais. Analisando a escrita de Clarice Lispector, poderíamos construir uma vertente da história que analisaria as sensações, baseando-se em relatos, escritos, até mesmo fotografias, levando em

consideração aspectos que partem de uma narrativa com base em aspectos sensoriais das pessoas envolvidas. Elaborar narrativas em torno das sensações vivenciadas pelos agentes envolvidos seria então, o mote deste tipo de análise histórica.

Nasci no Recife em um ano difícil: 1968. O Brasil passava por turbulências políticas por causa da ditadura militar que fora instaurada no país. Naquele ano, Clarice Lispector saiu à frente de uma passeata, junto com outras personalidades, no Rio de Janeiro, para exigir que o governador Negrão de Lima apoiasse os estudantes. Participou de uma vigília no Colégio Santo Inácio e da *Passeata dos Cem mil*, todos movimentos contra a ditadura. Havia várias manifestações acontecendo no país naquele momento. Eu era recém-nascido, mal sabia que iria futuramente realizar um estudo sobre esta mulher que deu sua contribuição a favor da democracia e liberdade dos brasileiros.

O Recife onde cresci era diferente daquele em que Clarice Lispector viveu, nas décadas de 1920 e 1930, porém, guarda até hoje, muito da história daquele período. Uma, época em que a escritora brincava pela praça Maciel Pinheiro, andava pelas margens do rio Capibaribe. A memória dos Lispector pode ser vista através de um sobrado que fica na citada praça. E foi também pela dor que sinto ao ver essa memória ser tão desvalorizada pela população e pelas autoridades, que decidi seguir adiante com os estudos a respeito da escritora e tentar fazer com que meu projeto de pesquisa contribuísse também, de alguma forma, para atentar às pessoas o quão importante seria a preservação daquele patrimônio que representa a memória dos Lispector no Recife⁶.

Com ajuda do meu orientador, professor Helder Remigio de Amorim, iniciei os primeiros esboços, os traçados dos capítulos, a organização da bibliografia a ser utilizada, as entrevistas que iria realizar. Como a maior parte do material de pesquisa se encontra no Rio de Janeiro, decidi viajar para aquela cidade em junho de 2019. Realizei algumas

⁶ A família Lispector morou no sobrado de número 387 na praça Maciel Pinheiro, esquina da Travessa do Veras com a rua do Aragão, de 1925, quando chegou, até por volta de 1928. Depois, ela se mudou para a rua da Imperatriz, número 173, segundo andar, deslocando-se posteriormente para a mesma rua, sendo que no número 21, no ano de 1931. Em 1933, a família passou a habitar o último endereço no Recife: uma casa comprada na avenida Conde da Boa Vista, número 178. (Fonte: FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 34, 39, 52, 58). Um importante projeto foi elaborado na tentativa de recuperar o sobrado e transformá-lo em memorial. Chama-se Memorial Casa Lispector⁶ e visa oferecer oficinas de criação e crítica literária, sessões de leituras de textos e debates, reflexões sobre relações entre literatura, cinema e artes visuais, colocando os visitantes em contato com o universo que inspirou Clarice Lispector a produzir sua obra. O projeto foi concebido por Nicole Allgranti, Nádia Battella Gotlib, Nivaldo Vitorino, Cíntia Padovan, Erika Valença (Fonte: Memorial Casa Lispector. Tabocas Produções Artísticas. Rio de Janeiro, 2011).

pesquisas na Fundação Casa de Rui Barbosa, onde se encontra parte do acervo da escritora e tentei contato com o Instituto Moreira Sales no Rio de Janeiro, que por se encontrar em reformas, não tive acesso.

No Recife, já tinha entrevistado pessoas que possuíam trabalhos a respeito de Clarice Lispector ou que mantinham laços de profunda admiração pela sua pessoa e pela sua escrita. Realizei entrevistas com as jornalistas Stella Maris Saldanha e Geórgia Alves e com a cineasta Taciana Oliveira, diretora do documentário *A descoberta do mundo*. No Rio de Janeiro, fui ao encontro da biógrafa Teresa Montero. Com sua generosidade, apresentou-me um pouco da vida da escritora quando morou no Leme – os dois apartamentos onde viveu, alguns lugares para onde costumava ir. Mostrou-me também, homenagens feitas à Clarice Lispector, como uma estátua montada no Leme, no Caminho dos Pescadores Ted Boy Marino, como também um espaço dedicado à escritora no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, composto por seis bancos com frases escritas por Lispector acerca do lugar, um de seus preferidos na cidade onde passou a viver definitivamente de 1959 a 1977.

Fui convidado por Teresa Montero para assistir a uma palestra proferida por ela e Ana Cláudia Abrantes sobre a nova edição de *Água Viva*, livro que Clarice Lispector publicou em 1973. Na Livraria Travessa do Shopping Leblon, onde ocorreu o evento, conheci Neiva Boeno, cuja tese intitulada *Cronótopo, diálogo e afiguração no romance Água Viva de Clarice Lispector*, foi defendida em 27 de setembro de 2019. Ana Cláudia Abrantes escreveu o livro *Objeto Gritante: um manuscrito de Clarice Lispector* (2016). Naquela noite fui apresentado a Paulo Gurgel Valente, filho de Clarice Lispector, conhecendo também Nicole Allgranti, sobrinha-neta da escritora. Teresa Montero é autora dos livros: *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector* (1999) e *O Rio de Clarice: passeio afetivo pela cidade* (2018).

Rumei para Teresópolis no dia 10 de junho de 2019, onde entrevistei Nicole Allgranti, já citada no parágrafo anterior, e sua mãe, Marcia Algranti, filha de Tania, irmã da escritora. Senti-me bastante acolhido, e entre cafés e bolos oferecidos pela senhora Marcia, conversamos não apenas acerca de Clarice Lispector, mas a respeito de toda a sua família. Conheci através delas, lembranças afetivas, dificuldades que enfrentaram. Aprendi que os desafios enfrentados pela família não impediram que o afeto permanecesse como elo principal que unia os Lispector. Isso ficou claro nas entrevistas.

As irmãs Elisa, Tania e Clarice Lispector se gostavam profundamente e passaram este querer bem para seus descendentes. Ocorrência que reforçou minha admiração pela pessoa que eu tinha escolhido para biografar.

Em Belo Horizonte, um dia depois da entrevista com Nicole e Marcia Algranti, foi a vez de conversar com Nádia Battella Gotlib, autora de dois importantes livros sobre Clarice Lispector: *Clarice: uma vida que se conta* (1995) e *Clarice Fotobiografia* (2007). Nossa conversa caminhou sobretudo para um alerta: o oportunismo que há no meio literário em torno da autora atualmente. Benjamin Moser, que recentemente recebeu o prêmio Pulitzer por sua biografia acerca da escritora Susan Sontag, é um exemplo disso. Na biografia que escreveu a respeito de Lispector, ele afirma detalhes da intimidade de sua família, sem a devida comprovação documental.

Batizada de *Clarice*, (2009), a biografia de Moser foi reeditada pela Companhia das Letras. Nela, o autor afirma que Marieta Lispector, mãe da escritora, foi estuprada durante um pogrom (ataque aos judeus) na Ucrânia e em decorrência desta violência, contraiu sífilis. Porém, não conseguiu reunir documentos que provem que estes incidentes de fato ocorreram. Alguns pesquisadores levantaram a questão da falta de confiabilidade e falta de ética no meio acadêmico e editorial, por parte do biógrafo, através de artigos e cartas abertas. São eles Thiago Cavalcante Jeronimo, Benjamin Abdala Junior, Márcia Lígia Guidin, Magdalena Edwards, Breno Couto Kümmel e Ludimila Moreira Menezes, Lisa Paddock, Carl Rollyson, assim como Nádia Battella Gotlib, que em um debate no Recife, durante o evento literário Fliporto, em 2010, confrontou Benjamin Moser acerca do assunto⁷.

Com relação ao Recife, o biógrafo comete um deslize grave, desta vez na coletânea “Todos os contos” (2016). Como aponta Geórgia Alves, em sua obra *O retrato*

⁷ Benjamin Moser e Nádia Battella Gotlib com Mona Dorf, na Fliporto 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFFiA15CC-8&t=12s>. Acesso em 12 de mar. 2020. Alguns artigos que questionam a confiabilidade de Benjamin Moser foram escritos posteriormente a este encontro, a exemplo: “Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos”, de Benjamin Abdala Junior; “A introdução de Benjamin Moser à *Crônica da casa assassinada*: o biografismo literário e a valorização da informação frívola”, de Breno Couto Kümmel e Ludimila Moreira Menezes; “Benjamin Moser e a menor mulher do mundo”; “Benjamin Moser and the smallest woman in the world”, de Magdalena Edwards; “*Uma biografia pop*: Nova edição de livro sobre vida e obra de Clarice Lispector segue repleta de equívocos defendidos por Benjamin Moser”, de Márcia Lígia Guidin; “Benjamin Moser: quando a luz dos holofotes interessa mais que a ética acadêmica”; “A Clarice de Benjamin Moser: uma evidência folclórica”, de Thiago Cavalcante Jeronimo; “Benjamin Moser’s Pulitzer Prize for biography is a travesty”, de Nádia Battella Gotlib, Magdalena Edwards, Lisa Paddock e Carl Rollyson.

do Recife de Clarice Lispector (2017)⁸, Moser, no prefácio de abertura do livro, suprime o Recife na passagem da escritora e sua família pelo Nordeste. Ele argumenta: “

Nasceu em 10 de dezembro de, 1920, numa família judia do oeste da Ucrânia. Era uma época de caos, fome e guerra racial. Seu avô foi assassinado; sua mãe foi violentada; seu pai foi exilado, sem um tostão, para o outro lado do mundo. Os restos dilacerados da família chegaram a Alagoas em 1922. Lá, seu brilhante pai, reduzido à condição de vendedor ambulante de roupas usadas, mal conseguia alimentar a família. Lá, quando Clarice ainda não tinha nove anos de idade, perdeu a mãe, levada pelos ferimentos sofridos durante a guerra.

Desta forma, caso o leitor não conheça a história de Clarice Lispector, pensará que ela viveu apenas em Alagoas. De fato, ela passou 3 anos naquele estado, porém, antes de ir com a família morar no Rio de Janeiro, ela residiu por 10 anos no Recife. Observamos que no mesmo prefácio que abre a coletânea, ele reforça a ideia de que a mãe da escritora havia sido violentada em seu país de origem, sem novamente, apresentar documentos que comprovem o fato⁹.

Não é fácil construir uma biografia. Enquanto escrevia, tive que tomar decisões e até questionar se de fato, o trabalho poderia ser considerado como biográfico. Talvez ele não tenha, de fato, uma definição. Procuramos falar a respeito de Clarice Lispector e acerca do Recife, sob o viés do que ela sentia ser a cidade. As sensações, como a autora gostava de expressar, estão presentes na sua literatura, nas entrevistas que concedeu, nos depoimentos, fotografias, ou na voz das pessoas que desfrutaram de sua convivência.

Procuramos, de fato, perceber o que a menina Clarice sentia naquele período em que viveu no Recife. Interessa-nos a essência, as dicotomias presentes na sua existência, o que a fazia sofrer ou ficar feliz, a forma como absorvia as dificuldades e os gozos e como fazia para transformar essa essência vital em aprendizado. Portanto, podemos dizer que se trata de uma análise das vivências de uma criança recém-chegada com a família de origem ucraniana, judia, numa cidade do nordeste brasileiro, com características biográficas. São imagens, recortes, extraídos de crônicas, fotografias, que tentam entender a essência da escritora e que conta com a preocupação de que o leitor entenda

⁸ ALVES, Geórgia Priscila. *O Retrato do Recife de Clarice Lispector*. Dissertação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. p. 26 e 27.

⁹ LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 17-18.

um pouco quem ela foi na infância. Deste modo, não podemos dizer que o presente trabalho se trata exatamente de uma biografia. O importante para nós, é o entendimento da essência, que revela também outro tipo de entendimento que está subentendido: mesmo que quiséssemos construir uma convencionalidade, ou seja, uma história de vida com começo, meio e fim, isso não estaria ao nosso alcance. Optamos então, pelos recortes, pelas pistas que a própria escritora revelava e por relatos da família, de biógrafos.

Ao contar a história da vida de uma pessoa, identifica-se lacunas e há uma tendência a imaginar a possibilidade de um preenchimento dos espaços vazios, tarefa logo abandonada pela percepção da real impossibilidade de que esse fato aconteça. A quietude só acontece quando o biógrafo se atém à ideia de que há limites durante a jornada da escrita e que não se pode ultrapassá-los para não cair em divagações sem sentido. De fato, nunca há uma certeza ao dissertar a respeito da vida de alguém. Com relação a este aspecto, o escritor José Castello, autor das memórias relacionadas aos poetas Vinícius de Moraes e João Cabral de Melo Neto, comenta que as biografias “deixam, atrás de si, um grande abismo – o abismo daquilo a que o biógrafo não chegou; dos fracassos que, iludido, ele chama de êxito”¹⁰.

O historiador François Dosse parece apoiar-se também em questionamentos semelhantes ao de José Castello, quando diz que “a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o polo imaginativo do biógrafo”¹¹. Questionamentos como estes nos deixam em situações, que muitas vezes, não são fáceis de resolver... ou de admitir.

Por vezes, queremos desesperadamente registrar tudo o que achamos ser “verdade” sobre o biografado, para que nosso trabalho se apresente da forma mais verosímil possível, seja através de documentos, seja pela confiança que depositamos em pessoas que entrevistamos. Contudo, deparamo-nos muitas vezes com algumas surpresas que tornam o caminhar da escrita tortuoso. Sabe-se, por exemplo, que Clarice Lispector teria nascido no dia 10 de dezembro de 1920, conforme certidão de nascimento expedida na Ucrânia. O primeiro impasse: o número “0” do 1920 da data de nascimento está borrado, e até hoje a dúvida persiste. Numa tradução brasileira da certidão da escritora,

¹⁰ CASTELLO, José. *A literatura na poltrona: jornalismo literário em tempos instáveis*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 165.

¹¹ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 55.

apresentada no Ginásio Pernambucano, no Recife, em 21 de dezembro de 1931, a data de nascimento consta tal como a do documento expedito na Ucrânia, porém, uma tradução feita no Rio de Janeiro, define a data de seu nascimento como 10 de outubro de 1920, deixando certamente, os biógrafos confusos¹².

O presente trabalho dispõe de três capítulos. O primeiro deles, discorre acerca da chegada dos Lispector ao Recife, da experiência deles como judeus, da representação do Brasil na vida deles, de como se estruturava a cidade geograficamente, socialmente, culturalmente falando, assim como era a estrutura da família. A profissão do pai de Clarice Lispector, assim como a maneira como vivia sua mãe, ela e as irmãs, serão estudados neste capítulo. Nele, também serão apresentados os colégios frequentados pela menina Clarice, o bairro da Boa Vista, onde ela morou em quatro endereços diferentes, o início de sua escrita e do apreço pelas leituras, o contato com a cultura, a apresentação de algumas crônicas onde suas experiências no Recife são mencionadas direta ou indiretamente. Alguns fatos marcantes como a morte da mãe e o que isso representou em sua vida.

O capítulo dois se inicia com uma discussão a respeito da história da infância, sob o ponto de vista de alguns teóricos, como o historiador Philippe Ariés e Humberto da Silva Miranda, relacionando-se com a infância de Clarice Lispector. Apresentaremos neste capítulo, algumas crônicas e contos interligados com aspectos como natureza, contato com a família, dicotomias, dificuldades e culpas acerca da relação com sua mãe. Consta neste capítulo o registro da partida da família Lispector para o Rio de Janeiro, em 1935.

O capítulo três vem a tratar acerca do olhar de Clarice Lispector sobre as pessoas que viviam na cidade do Recife, através do romance *A hora da estrela*. Algumas crônicas importantes que retratam o início da sexualidade da menina Clarice, sua visão de mundo, lembranças da infância, a evocação ao passado ao lembrar de quando pisava nas sementes das aroeiras, muito comuns no Recife. Registra-se também, instantes da única entrevista que deu para a televisão e momentos acerca da morte da escritora.

Isto posto, a preferência pelo que se caracteriza pelo sentimento, pelas vivências, pelas sensações, que desde cedo Clarice Lispector expressou na escrita, é o que de fato,

¹² GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 32-36.

sentimos necessidade de realçar no presente trabalho. Sendo desta forma também, mais fiel ao que a escritora tanto desejou em vida: de não se prender a rótulos, movimentos, definições. Liberdade era o bem subjetivo que talvez mais ela almejasse.

CAPÍTULO 1:

NO RECIFE, AS PRIMEIRAS SENSações

*“Como uma mãe que aperta ao peito o recém-nascido sem o acordar, assim a vida trata durante muito tempo a recordação ainda tênue da infância”.*¹³

¹³ BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única – Infância Berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 70.

1.1 – NO PEITO, ONDE PULSA O CORAÇÃO

Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso de tudo: o próprio silêncio.¹⁴

Em silêncio. É assim que muitas pessoas se comportam depois de vivenciarem experiências traumatizantes, especialmente, aquelas que são oriundas de violência. Assim percebeu Walter Benjamin: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha”.¹⁵ Conta-se que no ano de 2010, no Chile, alguns mineiros ficaram presos dentro de uma mina durante dezessete dias, ao serem surpreendidos por uma grande rocha que obstruiu a única entrada do lugar. Ao serem resgatados, optaram por permanecer em silêncio por um período significativo.¹⁶ Para os Lispector, que como muitos judeus, sofreram com os ataques severos antisemitas na Ucrânia, chamados de pogroms, ao chegarem ao Brasil, escolheram por não falar sobre aquele passado sombrio. Em 1975, Clarice Lispector disse em depoimento: “Nasci na Ucrânia. Quando? ...não, não quero dizer”.¹⁷ Havia de fato, um desconforto ao falar a respeito do assunto que tanto marcou sua família.

Marcia Algranti, filha de Tania Kaufmann,¹⁸ conta que os Lispector eram muito fechados quando a conversa resvalava para o que ela chama de “assuntos pesados”, referindo-se às dificuldades que sofreram, tanto na Ucrânia quanto no Recife, onde passaram a morar em 1925. Por questões financeiras, a vida naquela cidade foi difícil. Segundo Algranti, a família preferiu manter a discrição a este respeito. Comenta também, que sentia muita falta de saber o que realmente se passou. Disse que outras famílias judias, de conhecidos seus, tinham mais abertura para conversar em ídiche¹⁹ e de comentar assuntos relacionados às tradições judaicas, assim como comentários trazidos da Europa

¹⁴ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987. p. 198.

¹⁶ *Mineiros fazem pacto de silêncio sobre primeiros dias que passaram soterrados*. BBC News Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/10/101016_mineiros_pacto_silencio_mdb#:~:text=Os%2033%20mineiros%20que%20ficaram,se%20sabia%20se%20estavam%20vivos. Acesso em 18 jul. 2020.

¹⁷ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 37.

¹⁸ Tania Kaufmann era uma das irmãs de Clarice Lispector. O sobrenome foi adquirido por ter sido casada com William Kaufmann.

¹⁹ Língua falada pelos judeus, principalmente da Europa Central e Europa Oriental.

sobre seu povo. Ela conta: “a minha mãe, quando eu nasci, nunca mais falou ídiche. É como se ela quisesse se separar daquele período infeliz. Então, uma vez ou outra, ela falava com meu pai algumas coisas em ídiche, que eu guardei bem na minha cabeça”²⁰. Ela ressalta que, ao optar pelo silêncio a respeito do passado, seus pais desejavam que ela tivesse uma infância mais fácil do que a que eles tiveram: “eles procuravam não falar sobre dramas. Na minha casa, não se falava sobre dramas. A minha mãe fazia tudo, apesar de ter pouco tempo, porque trabalhava o dia inteiro, para que a minha vida fosse boa”²¹. Marcia Algranti enfatizou a dificuldade que sua mãe tinha para falar sobre um passado que era muito dolorido para ela e para as irmãs Elisa e Clarice:

... inclusive na infância da minha tia Elisa, meu avô teve que vender, no caminho, uma boneca dela para comprar um pouquinho de comida para a família. [...] Isso para uma criança representa muito (referindo-se à viagem em fuga da Ucrânia para o Brasil).²²

Os Lispector chegaram ao Brasil no navio Cuyabá, aportando em águas recifenses em março, de 1922. Estavam a bordo Pedro, Marieta, Elisa, Tania, Clarice²³ e outros tantos imigrantes judeus que vinham tentar a sorte em terras menos hostis. Naquela ocasião, não desceram no Recife porque Zina, irmã de Marieta, estava aguardando a família em Maceió, para lá se estabelecer.

Segundo o olhar de Elisa Lispector, Maceió era uma cidade muito pacata. O silêncio era interrompido apenas ao passar de uma carroça ou outra a caminho das refinarias de açúcar ou pelos balaieiros entoando pregões a fim de vender suas mercadorias. O cheiro do açúcar, certamente um dos produtos mais valorizados da região, expandia-se por toda a cidade. O mormaço ardia na pele dos moradores, de quem andava nas ruas, das crianças nuas e sujas, dos homens que andavam carregando seus fardos.²⁴

O marido de Zina, José Rabin, foi o responsável por enviar a “carta de chamada” a Pedro, dando condições para que sua família embarcasse para o Brasil.²⁵ A recepção dos parentes deve ter proporcionado certo alento diante do choque causado pelo contato

²⁰ Entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

²¹ Entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

²² Entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

²³ Nomes adotados no Brasil. Na Ucrânia, seus nomes eram Pinkouss, Mania, Lea, Tania e Haia, respectivamente. Fonte: FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 30.

²⁴ LISPECTOR, Elisa. *No Exílio*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005. p. 98-99.

²⁵ Para sair do continente europeu e embarcar para as américas, a carta de chamada era importante. Para entrar no Brasil, não era obrigatório (passou a ser solicitada no país a partir da constituição de 1934). Fonte: KAUFMAN, Tânia Neumann. *A presença judaica em Pernambuco – Brasil*. Recife: Ensol, 2005. p. 100.

com a terra desconhecida. Ao Recife, voltaram apenas três anos depois. Desta vez para ficar.²⁶

Na capital de Alagoas, as péssimas condições de trabalho e as desavenças com José Rabin fizeram Pedro Lispector tomar a decisão de tentar nova vida numa cidade mais próspera.²⁷ O ano era 1925 e o Recife foi a cidade que escolheu para se estabelecer com sua família. Conta Marcia Algranti que Pedro Lispector foi muito maltratado por José Rabin: “ele foi diminuído, massacrado, entendeu? [...] ele falou inclusive na cara do meu avô, que meu avô nunca ia ser nada na vida [...] então meu avô resolveu ir para o Recife”.²⁸

O Recife não é tão longe de Maceió. Naquela época, havia um movimento na cidade em direção ao que era mais próspero e moderno, e como Nádia Battella Gotlib bem analisa, apresentava-se mais atraente para o imigrante:

Para lá devem ter ido por decisão do pai de família, atraído pelas possíveis facilidades que a cidade oferecia para o imigrante. Lá circulava o capital proveniente, entre outras fontes e desde os tempos da colônia, da indústria do açúcar, que ainda atraía o europeu. E muitos outros se dedicavam ao comércio.²⁹

Ao chegarem ao Recife³⁰, os Lispector se acomodaram em um sobrado situado na praça Maciel Pinheiro, no bairro da Boa Vista. Na época, a cidade arriscava se desvencilhar dos ares provincianos do passado para ganhar uma atmosfera mais esmerada. Os bondes elétricos estavam tomando um aspecto moderno, valorizavam-se os espaços de lazer, o porto se revitalizava e a luz elétrica já passava a iluminar as ruas, lares

²⁶ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 45, 46, 50, 51.

²⁷ No livro *No exílio*, Elisa Lispector menciona uma ida de Pedro e Marieta ao Recife de navio, para que esta última fosse internada em um hospital. Ele deixou Elisa, Tania e Clarice aos cuidados do cunhado. Talvez isso explique a razão pela qual constem os nomes de Pedro e Marieta Lispector em uma lista de passageiros do vapor nacional Itaberá. O navio Partiu de Maceió chegando ao Recife no dia 19 de maio de 1922. (Fonte: *Diário de Pernambuco*, 20 de maio de 1922, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Pública Nacional). Observa-se que o dia 19 de maio é uma data bem próxima da data que chegaram pela primeira vez em Maceió, dando a entender que Marieta Lispector piorou da doença durante a difícil viagem que a família fez da Alemanha para chegar até o Brasil. LISPECTOR, Elisa. *No Exílio*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005. p. 100.

²⁸ Entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

²⁹ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 53.

³⁰ José Antônio Gonçalves de Mello chama a atenção para a forma mais apropriada de designar o nome da cidade do Recife: como provém da palavra arrecife, sendo correto o uso do artigo para preceder a palavra, dizemos “o arrecife”. Desta forma, o artigo definido masculino se faz necessário antes da palavra Recife. Portanto, diz-se “o Recife”, “do Recife”, “no Recife”, “para o Recife”. Não seria adequado dizer “Recife”, “em Recife”, “de Recife”, “para Recife”. Fonte: REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005. p. 21.

e casas comerciais. Naquela época, Clarice Lispector estava para completar cinco anos de idade.

Caso os Lispector não tivessem vindo para o Brasil, provavelmente teriam morrido na Ucrânia, como aconteceu com muitos dos parentes que ficaram por lá, porque os ataques contra os judeus se tornaram cada vez mais violentos. Mesmo antes de eles emigrarem da Ucrânia para o Brasil, uma tragédia aconteceu na família: o pai de Marieta Lispector, Isaac Krimgold, após ter sua aldeia invadida por bandidos, foi fuzilado por se oferecer como refém em troca da libertação de rapazes e moças da aldeia.³¹

Nicole Algranti observa que o Brasil foi uma espécie de salvação para a família Lispector e que por isso, eles consagraram o país como a terra deles.³² Ela lembra que uma das características mais marcantes de Elisa Lispector era o nacionalismo. Reforça também que as três irmãs, Elisa, Tania e Clarice Lispector, não gostavam de lembrar aquelas memórias difíceis do passado. Ela acha que, por esta razão, Tanto Elisa quanto Clarice Lispector, sentiram a necessidade, em suas obras, de expurgar emocionalmente o que viveram.³³

Elisa Lispector era a primeira filha do casal Marieta e Pedro Lispector, ou seja, ela passou a infância ainda na Ucrânia e acompanhou de perto os horrores dos *pogroms*. Quando adulta, ficou com a ideia então, de que o Brasil merecia ser valorizado. Conta Nicole Algranti, que ela perdeu um pouco da infância e da adolescência: “ela era uma criança que não podia brincar muito, entendeu? Entrar nas viagens de criança, porque ela tinha que cuidar da mãe doente e das irmãs, que eram pequenas”.³⁴

Na época em que os Lispector chegaram, o Recife procurava acompanhar o movimento das sociedades desenvolvimentistas, embora estivesse muito aquém de centros urbanos mais avançados, como o Rio de Janeiro ou São Paulo. A cidade era bastante jovem, em comparação com as da terra de onde os Lispector vieram. Recife tinha seus 388 anos e possuía cerca de 239.000 habitantes.³⁵ A cidade, que surgiu de um delta entre os rios Beberibe e Capibaribe, chamada, nos seus primórdios, de “povoado dos arrecifes”, abrigou os Lispector e também, diversos outros imigrantes.

³¹ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 23-24.

³² Nicole Algranti é neta de Tania Kaufmann, portanto, sobrinha-neta de Clarice Lispector.

³³ Entrevista realizada com Nicole Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

³⁴ Entrevista realizada com Nicole Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

³⁵ REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005. p. 94.

O sobrado onde a família Lispector se estabeleceu quando chegou ao Recife, ficava no número 387, na praça Maciel Pinheiro, esquina da Travessa do Veras com a rua do Aragão. Ficaram lá até por volta de 1928. Depois, os Lispector se mudaram para a rua da Imperatriz, número 173, segundo andar, deslocando-se posteriormente para a mesma rua, sendo que no número 21, no ano de 1931. Em 1933, a família passou a habitar o último endereço no Recife: uma casa comprada na avenida Conde da Boa Vista, número 178.³⁶

Figura 1 – Clarice Lispector no sobrado da rua da Imperatriz, onde morou.



Fonte: GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 83.

Na figura 1, Clarice Lispector é retratada circunspecta, na sacada do sobrado onde morava, na rua da Imperatriz. Seu silêncio e mistério se coadunam com os do rio Capibaribe. A aparente tranquilidade paira sobre o ambiente. A escritora parecia estar concentrada em seu mundo interior, o que vem mais tarde demonstrar em sua literatura. Clarice Lispector estava, também, atenta a tudo o que a cercava, e de uma intensidade tal, que tudo era capaz de provocar nela reflexões profundas.

Na fotografia, o rio Capibaribe aparece ao fundo, marcando uma das principais características da cidade do Recife: a de possuir água em abundância. Não é à toa que a

³⁶ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 34, 39, 52, 58.

cidade nasceu de um porto, construído próximo aos arrecifes, de onde escoava a principal mercadoria produzida em Pernambuco: o açúcar. O contato de Clarice Lispector com o rio Capibaribe era diário. Todos os lugares onde morou no Recife eram próximos a ele. A praça Maciel Pinheiro, a rua Imperatriz Tereza Cristina, a avenida Conde da Boa Vista são lugares que possuem grande intimidade com o rio.

As águas estão presentes também nos nomes das ruas e dos bairros, como Várzea, Afogados, Ilha do Leite, Córrego da Areia. E devido a tanta água, o Recife é um lugar repleto de pontes, que unem bairros separados pelos rios. A ponte mais próxima que Clarice Lispector conviveu sem dúvida foi a ponte da Boa Vista. Construída em 1640, no período da dominação holandesa em Pernambuco, liga a rua da Imperatriz à rua Nova, que na década de 1920, figurava como principal ponto de comércio da cidade.

Nádia Battella Gotlib ressalta a relação que Clarice Lispector tinha com o rio Capibaribe³⁷, na citação abaixo:

Clarice brincava à beira do cais Capibaribe, mas não era apenas uma brincadeira simples à beira do cais. Quando volta mais tarde à capital pernambucana, Clarice foi a alguns lugares, e entre eles, a esse mesmo lugar: “foi ao cais do Capibaribe para rever o ‘abismo’ à beira do qual brincava.”³⁸

Na crônica O passeio da família, Clarice Lispector fala acerca do pai, Pedro Lispector, quando descansava seu olhar sobre as águas do rio Capibaribe, aos domingos, quando saía para passear com a família no cais do porto. Aquele olhar melancólico fixado nas águas, preocupava suas filhas, que vez ou outra, chamavam a atenção do pai para outros aspectos da paisagem.³⁹ Provavelmente sua melancolia tinha suas raízes em memórias de uma vida improvável, permeadas por sofrimento, e pelas dificuldades financeiras.

Conta Marcia Algranti, que, quando chegou ao Recife, seu avô, para conseguir sustentar a família, trabalhava como *klientelshik*, conforme suas palavras: “meu avô já ganhava qualquer dinheiro fazendo *Klientelshik*, [...] é o que o judeu mais fez na vida, que é vender de porta em porta, roupa, sabonete ...”⁴⁰ Seria o que no Brasil, chamamos

³⁷ A nascente do rio Capibaribe fica no município do Brejo da Madre de Deus. Ele cruza várias cidades pernambucanas até se bifurcar com o rio Beberibe e desaguar no mar, onde fica o Bairro do Recife.

³⁸ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 68.

³⁹ LISPECTOR, Clarice. “O passeio da família”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1971. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁴⁰ Entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

de mascate, vendedor ambulante. Ele não ganhava muito, por isso, os Lispector passaram por problemas financeiros quando moravam na cidade.

Clarice Lispector, em seu texto “Baú de Mascate”, refere-se à profissão de seu pai, contando que o mascate tanto servia às senhorinhas das casas grandes pelo meio das fazendas, quanto às mulheres simples, moradoras das casas de sapé, que beiravam as estradas. A escritora descreve que o valor do mascate estaria em carregar em seu baú “princípios de civilização” para serem levados a pessoas que não tinham, muitas vezes, acesso nem mesmo a produtos básicos de higiene. Reclama que aqueles homens nunca receberam justa homenagem. Merecimento reconhecido para quem levava sobretudo alegria para as mulheres que cercavam seus baús cheios de mimos femininos.

A autora revela, com a familiaridade de quem presenciava dentro de casa a rotina de um membro ilustre daquela profissão, o que se poderia encontrar dentro daqueles compartimentos levados pelos mascates, muitas vezes carregados nos lombos dos burros:

...pente grosso de pentear, pente fino de limpar a cabeça, pentinho de enfeite com pedrinha que brilha, fivela ou passadeira, grampo de todo o feitio e tamanho, brilhantina que deixa o cabelo ‘alumando que é lindeza’, água de cheiro, pó de arroz alvo que nem farinha, caixinhas de carmim que dão cor de saúde, peças de renda, cadarço, barbatana, colchete, agulha, linha, botão de ceroula, de madrepérola e de vidro em todas as cores, alfinetinho de cabeça, pregadeira, chinelo, meia de seda e algodão, remédio de curar dor de dente e de botar no ouvido de criança, óleo de Sta. Maria para dar cabo nas bichas, garrafinhas de óleo de rícino, que tanto serve para o cabelo como de purgante na hora do aperto.⁴¹

E os mascates seguiam apresentando as mercadorias com muito conhecimento acerca do que estava sendo vendido: do soutien ao novo modelo de escova de dente, para o mulhério que se amontoava em torno deles, proferindo expressões bem nordestinas: “que buniteza!”, “espia só, comadre Cotinha!”. Por fim, a autora descreve o mascate como: “um homem simples, cheio de paciência, misto de andarilho e negociante humilde”. Assim era o olhar de Clarice Lispector sobre seu pai, a quem certamente gostaria de ver sendo justamente homenageado. Não haveria tributo maior à profissão de Pedro Lispector do que na crônica “Baú de mascate”⁴².

Os judeus, particularmente, por questões históricas, estavam acostumados a comercializar móveis e trabalhar como mascates. A forma de pagamento também era um diferencial: os judeus, diferentemente do que impunha a religião católica, podiam vender

⁴¹ LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 120-121.

⁴² *Ibidem*.

a prazo, estabelecer juros. No Recife, essa prática era bem aceita por causa da forma semanal de pagamento, mais atrativa para os clientes. Olga Borelli, amiga de Clarice Lispector, comenta sobre a profissão de Pedro Lispector:

Ele percorria as ruas dos bairros mais pobres do Recife com um carrinho de mão e anunciava gritando com seu sotaque de estrangeiro e sua voz cansada: “compa rôpáaaaa, compa rôpáaaa” ... Ele adquiria roupas velhas, usadas, e as revendia para comerciantes da cidade... Até hoje eu guardo aqui no meu ouvido a voz de Clarice imitando o pai com um carinho imenso, “compaaaa rôpáaaaa”, eu não me esqueci nunca mais...⁴³

Sobre a profissão muito comum entre os judeus, a historiadora Tânia Neumann registra:

O Klientelshik saía batendo de porta em porta nos bairros mais pobres, com seus pacotes de sombrinhas, tecidos, quadros, enfeites, guarnições de cama e mesa, e tudo o que podiam transportar nas caminhadas a pé, a cavalo, em carroças, de trem ou de bonde. A clientela, em sua maior parte constituída por pessoas de limitado poder aquisitivo, via no sistema de pagamento semanal a sedução para adquirir os bens desejados”.⁴⁴

Gilberto Freyre deixou seu comentário sobre os ambulantes que circulavam no Recife naquela época:

O Recife foi até poucos anos cidade de muitos vendedores ambulantes – de peixe, de macaxeira, de fruta, de galinha. De manhãzinha cedo eles já estavam gritando: “banana-prata e maçã madurinha! Macaxeira! Miúdo! Figo! Curimã! Cioba! Tainha! Cavala-perna-de-moça! Dourado! Carapeba!” [...] Nunca se compra nada pelo primeiro preço que o vendedor pede. Ajusta-se. É uma arte em que as donas de casa do Recife são peritas.⁴⁵

Enquanto seu pai trabalhava, Clarice Lispector brincava com crianças que abordava na porta do sobrado onde morava, como contou à sua amiga, também escritora, Marina Colasanti, em entrevista:

⁴³ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 44-45.

⁴⁴ KAUFMAN, Tânia Neumann. *A presença judaica em Pernambuco – Brasil*. Recife: Ensol, 2005. p. 144-149.

⁴⁵ FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. São Paulo. Global Editora e Distribuidora LTDA, 2013. p. 53.

... Eu morava em um andar de um prédio na praça Maciel Pinheiro [...] e eu descia do andar, ficava na porta da escada e, a toda criança que passasse, conforme fosse, porque meu instinto me guiava, eu perguntava: “Quer brincar comigo?”. Algumas aceitavam, outras não, e a outras, ainda, eu não perguntava.⁴⁶

No conto-crônica “Cem anos de perdão”⁴⁷, Clarice Lispector remontou ficcionalmente passagens significativas de sua infância. Nesse texto, ao relembrar sua meninice pelas ruas do Recife, a narradora memora as brincadeiras que criava com uma amiga acerca do pertencimento dos palacetes que existiam nas ruas mais abastadas da cidade. Elas colocavam o rosto entre as grades e ficavam observando os casarões, geralmente rodeados por lindos jardins. Um dia, ela e sua amiga pararam diante de uma casa, cujo jardim tinha uma rosa que chamou muito sua atenção. Ela relatou: “Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era”.⁴⁸ Aí veio o desejo de possuir a rosa, de tê-la só para si.

O conto-crônica prossegue. Do desejo de posse, seguiu-se o desejo de transgredir, por não aguentar mais a ansiedade de não ter seu objeto. Articulou um plano bem elaborado, junto com sua amiga, que ficaria vigilante enquanto ela iria até a rosa para pegá-la para si. Depois de um momento de deslumbramento diante da rosa, que descreve: “Paro um instante, perigosamente, porque de perto ela é ainda mais linda”⁴⁹, consegue separá-la do talo e sair correndo. Nesta parte da crônica “Cem anos de perdão” (1970), a escritora gera um suspense no leitor. Das janelas que sua amiga vigia, poderia aparecer alguém e observar sua transgressão. O jardineiro poderia também, aparecer a qualquer momento, expulsando-as como se faz com moleques. O portão rangeu levemente, o coração dela batia, até finalmente conseguir pegar a rosa e correr para longe da casa.

O prazer da “perigosa” experiência motivou a jovem Clarice Lispector para que o ato se repetisse não só com rosas, mas com pitangas também, como fazia ao pegá-las além das grades de uma igreja presbiteriana que ficava próxima à sua casa. E assim como Edith Piaf alçava sua voz para dizer “não me arrependo de nada”⁵⁰, Clarice Lispector dizia não

⁴⁶ SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 218.

⁴⁷ O texto foi publicado em 1970 em dois momentos: como conto no volume *Felicidade clandestina* e como crônica no *Jornal do Brasil*. Como conto pode-se dizer que a voz narrativa é ficcional, como crônica, contudo, o teor memorialístico ganha a projeção do relato.

⁴⁸ LISPECTOR, Clarice. *Cem anos de perdão*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁴⁹ LISPECTOR, Clarice. *Cem anos de perdão*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁵⁰ Non, je ne regrette rien (1956), música composta por Michel Vaucaire e Charles Dumont, conhecida pelo público pela primeira vez em 1960 na voz de Edith Piaf.

ter arrependimento pelas transgressões da infância. Ela finaliza a crônica dizendo: “Não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem cem anos de perdão”. E justifica: “As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens”.⁵¹

Os palacetes que a escritora menciona no conto-crônica “Cem anos de perdão”, não constituíam uma realidade para a maioria dos cidadãos do Recife. Na época em que a autora era criança, a escravidão havia sido abolida havia pouco mais de 40 anos no Brasil (a Lei Áurea, que extinguiu oficialmente a escravatura, foi assinada em 13 de maio de 1888). O contingente de pessoas sem qualificação, sem emprego e por conseguinte, sem moradias dignas, era grande. Desde pequena, Clarice Lispector desenvolveu seu olhar crítico para as diferenças e desigualdades sociais, como bem registrou na crônica “O que eu queria ter sido” (1968):

Eu sentia o drama social com tanta intensidade que vivia de coração perplexo diante das grandes injustiças a que são submetidas as chamadas classes menos privilegiadas. Em Recife eu ia aos domingos visitar a casa de nossa empregada nos mocambos. E o que eu via me fazia como que me prometer que não deixaria aquilo continuar. Eu queria agir.⁵²

A cronista acentua que havia na cidade, movimentos de pessoas que se juntavam nas ruas para ouvir alguém discursando sobre os problemas sociais que estavam em evidência e que nela, desenvolvia já desde cedo uma vontade vibrante de defender o direito dos outros. Interessante observar que, anos mais tarde, em 1943, morando no Rio de Janeiro, Clarice Lispector se graduaria em direito.⁵³

Olga Borelli, ao referir-se à visão de Clarice Lispector sobre a problemática social do Recife, afirma que:

A verdade, porém, é que tudo o que se refere à questão social sempre esteve presente em sua vida. Ela jamais conseguiu apagar da memória a imagem da miséria nordestina, ou melhor, a pobreza do Recife, principalmente a que até hoje se concentra nos mocambos dos mangues recifenses. Ela própria dizia que os problemas da justiça social despertavam nela um sentimento tão básico, tão essencial que não conseguia escrever sobre eles. Era algo óbvio. Não havia o que dizer. Bastava fazer...⁵⁴

⁵¹ LISPECTOR, Clarice. “Cem anos de perdão”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁵² LISPECTOR, Clarice. “O que eu queria ter sido”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁵³ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Lispector: vida*. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://claricelispectorims.com.br/vida/>. Acesso em: 27 de jul. 2020.

⁵⁴ BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 53.

Quando chegou ao Brasil, a família Lispector passou por um processo de renomeação: Pedro, Marieta, Elisa, Tania e Clarice, na Ucrânia, haviam sido batizados como Pinkouss, Mania, Lea, Tania e Haia. Dentro da tradição judaica, as mudanças nos nomes são comuns e têm um significado profundo. No judaísmo, o nome de uma pessoa possui um significante divino. As escrituras judaicas sugerem que os nomes podem influenciar na personalidade e no destino das pessoas que os recebem.

Conta-se que certa vez, Deus apareceu a Abram e anunciou que ele mudaria seu nome para Avraham pois seria, a partir daquele momento, o pai de várias nações. A alteração no nome de Abram para Avraham teria o sentido de amplitude: sua missão que antes se restringia ao particular, passou a ser universal. Dessa história, parte da Torá, surgiu a ideia de relevância no que concerne à transformação do nome de batismo de uma pessoa.⁵⁵

Conforme encontramos em alguns dicionários da língua portuguesa, o verbo nomear traz uma interpretação também de “conferir dignidade”. Novos nomes não apenas facilitariam a vida dos Lispector no Brasil. Serviriam para distinguir um passado sombrio de uma vida inteiramente nova e possivelmente mais honrada.

Na crônica “O que eu queria ter sido”, Clarice Lispector nos faz refletir como as atitudes prevalecem sobre o nome. O itinerário que o ser humano percorre é mais valorizado. O que chamamos comumente de “processo”. Não é à toa que alguns de seus personagens não tem nome, como a protagonista da crônica “Tortura e Glória” (1967) ou da personagem G.H. do romance *A paixão segundo G.H.* (1964), que durante todo o enredo, apenas suas iniciais são reveladas.

Porém, indubitavelmente, um nome carrega seus simbolismos, como o caso de “Lispector”. Em sua única entrevista que concedeu para a televisão, Clarice Lispector fala sobre seu nome:

É um nome latino, não é? Eu perguntei a meu pai desde quando havia Lispector na Ucrânia. Ele disse que há gerações e gerações. Eu suponho que o nome foi rolando, rolando, rolando, perdendo algumas sílabas e foi formando uma outra coisa que parece... Lis e peito, em latim... É um nome que, quando escrevi meu primeiro livro, Sérgio Milliet (eu era então completamente desconhecida, é claro) disse: “Essa escritora de nome desagradável, certamente um pseudônimo...”. Não era, era o meu nome mesmo.⁵⁶

⁵⁵ WEISBERG, Chana. *Mudança de nome, mudança no destino?* Bnei Noach. Disponível em: <https://bneinoach.org.br/mudanca-de-nome-mudanca-no-destino/>. Acesso em: 04 de set. 2020.

⁵⁶ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 20

Segundo a pesquisadora Regina Obata, Clarice é um nome derivado de Clarissa, que provém de Clara, “inspirado na denominação das religiosas da Ordem de Santa Clara, ou Clarissas”. E assim como Lispector, Clara também se deriva do latim, significando “brilhante, ilustre”.⁵⁷ Porém, como já havíamos apontado em nota, Clarice Lispector não foi registrada com este nome. Na certidão de nascimento expedida na Ucrânia, na pequena aldeia onde nasceu, chamada de Tchetchélnik, seu nome consta como Haia, que em hebraico significa “vida”.⁵⁸ A escritora mencionou certa vez: “Um nome para o que eu sou, importa muito pouco. Importa o que eu gostaria de ser”.⁵⁹

É dentro do peito onde o coração pulsa, onde se localiza simbolicamente o afeto. Lispector, nome nada mais justo, para uma família cuja valorização do sentimento de amor se torna evidente, seja nos depoimentos de pessoas da família e amigos, nas cartas trocadas entre as irmãs Elisa, Tania e Clarice Lispector, seja nas entrevistas que a escritora concedeu.

1.2 – NO CORAÇÃO DO RECIFE

As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Nessa aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular: definindo um espaço construído e organizado, logo tornado icônico do urbano – torres, muralhas, edifícios públicos, praças, mercados, templos: a exibir sociabilidades complexas e inusitadas na aglomeração populacional que abrigavam; a ostentar a presença de um poder regulador da vida e de outro ordenador do além, na transcendência do divino.⁶⁰

O bairro da Boa Vista é o coração do Recife. Um lugar onde vibra o povo, o comércio, suas aglomerações, a tradicionalidade, as trocas de mercadorias, de energias, de afetos. Um local que possui diversos estilos arquitetônicos, principalmente os sobrados altos, dispostos em ruas estreitas, entrecortadas por becos e vielas. Algumas delas convergem para a praça Maciel Pinheiro: rua do Hospício, da Imperatriz Tereza Christina, da Matriz, do Aragão, da Conceição e avenida Manoel Borba. No centro da praça, há uma

⁵⁷ OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986. p. 54-55.

⁵⁸ GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 37.

⁵⁹ LISPECTOR, Clarice. *O que eu queria ter sido*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁶⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. São Paulo: Revista Brasileira de História, nº 53, vol 27, 2007.

fonte de pedra, capaz de chamar a atenção de quem transita pelo local, ornamentada com leões, máscaras, ninfas e uma índia, que afixada no topo da fonte, simboliza a população nativa brasileira.⁶¹

É para lá que ia a maior parte dos judeus que chegavam para morar no Recife, no início do século XX, fugindo dos *pogroms*. E assim fizeram os Lispector quando aportaram na cidade. Não era aleatória a escolha dos judeus pelo bairro da Boa Vista. O bairro oferecia algumas vantagens: as áreas compreendidas entre as ruas da Glória e a rua da Imperatriz eram consideradas de baixo interesse comercial. Além disso, os imóveis eram, em sua maioria, degradados, portanto, com preço menor do que em outras localidades da cidade. Outro motivo de atração era a facilidade do transporte. A partir de 1914, os bondes elétricos passaram a circular nas imediações, com linhas da companhia *Pernambuco Tramways and Power Company*, que transportavam passageiros para outras partes da cidade. Outro aspecto positivo para os judeus era a proximidade do lugar com o comércio da rua Nova, importante centro comercial da época. É interessante observar também que as pontes e as águas do Recife traziam aos judeus uma ideia de proteção, ao lembrar dos rios e pontes que os protegiam dos ataques dos cossacos em suas terras natais, tendo para eles, portanto, um valor simbólico.⁶² Rosa Bernarda Ludermir discorre:

A princípio concentrados em torno de suas instituições culturais – entre outras, idioma, religião e sentido de responsabilidade social – os imigrantes iam modelando, no Recife, a cidade estrangeira. Reproduziam aqui, relações urbanas e de vizinhança comuns nos seus locais de origem. Quando, socialmente inseridos, acompanharam a classe média na ocupação de outros bairros da cidade, o lugar – a Boa Vista – vira sujeito, protagonista da história, parte da experiência pessoal [...] na diversidade, na convivência das diferenças, está a síntese da cidade. A presença judaica no Recife teve o espaço da Boa Vista, com seus atributos, sua história e sua materialidade, como substrato físico para que se desenvolvessem as relações entre duas sociedades – recifense e imigrante.⁶³

⁶¹ VAINSENER, Semira Adler. *Maciel Pinheiro*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 29 de jan. 2020.

⁶² LUDERMIR, Rosa Bernarda. *Um Lugar Judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano no bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX*. Dissertação. Recife: UFPE, 2005. p. 94,97, 98.

⁶³ LUDERMIR, Rosa Bernarda. *Um Lugar Judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano no bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX*. Dissertação. Recife: UFPE, 2005. p. 7.

As questões afetivas eram um fator fundamental para que os judeus ali se estabelecessem. Vindos de um mundo distante, ansiavam por acolhimento. A praça Maciel Pinheiro logo se tornou um lugar importante para os judeus que moravam no entorno. Jáder Tachlitsky, coordenador de comunicação da Federação Israelita de Pernambuco, registra em depoimento que o bairro da Boa Vista abrigou a migração judaica e que a praça Maciel Pinheiro “vibrava uma espécie de ponto de encontro”. Era um lugar onde as pessoas se reuniam no final da tarde, depois do trabalho, para conversar sobre política, lazer, judaísmo e de tudo um pouco. Segundo ele, a praça era “um centro de efervescência da vida judaica naquela época”.⁶⁴ Para os transeuntes e frequentadores, além do português, uma outra língua preenchia o ambiente: o ídiche, língua falada pelos judeus asquenazes, provenientes do Leste Europeu. A vinda dos imigrantes judeus trouxe nova atmosfera para o Recife. A cidade ganhou novas ideias, novas formas de pensar.

O bairro da Boa Vista tem ligação direta com o período de ocupação holandesa em Pernambuco. O nome remonta ao Palácio da Boa Vista, que o conde Maurício de Nassau construiu para repousar às margens do rio Capibaribe. Depois, ele construiu uma ponte, que ligava os arredores do palácio até o outro lado do rio, o que favoreceu o surgimento das ruas Velha, da Matriz e da Glória. Nas imediações da rua da Glória, enterraram-se ancestrais judeus no que é considerado como o primeiro cemitério judeu das Américas.⁶⁵

Clarice Lispector conhecia bem aquelas ruas, principalmente a rua da Aurora, certamente o caminho que fazia para chegar até o Ginásio Pernambucano, último colégio que frequentou no Recife.

64 CLARICE: “O Recife em Mim”. Produção, reportagem e edição de Mayra Rossiter, Raquel Carneiro Leão e Maria Isabel Chaves. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2007.

65 VAINSENER, Semira Adler. *Boa Vista (bairro, Recife)*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 29 de jan. 2020.

Figura 2 – Ginásio Pernambucano (segundo prédio)



Fonte: Brasileira Fotográfica – Biblioteca Nacional.

O Ginásio Pernambucano, observado na figura 2, foi construído às margens do rio Capibaribe, ao lado do prédio da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, como visualizado na fotografia. Localizado na rua da Aurora, trata-se de uma imponente construção que remonta ao século XIX. No início dos anos 1930, Clarice Lispector começou a estudar naquele que era um dos melhores colégios do Recife, cujo exame para ingressar era muito difícil. Ela tinha 12 anos. Há, no Diário de Pernambuco, um registro das notas escolares da escritora daquela época, numa “relação geral dos alunos promovidos por média”: português 70, francês 79, história 72, geografia 77, matemática 68, ciências 79 e desenho 68, ficando com a média geral 73.⁶⁶ Algumas personalidades que se destacaram em Pernambuco, foram seus educadores, como Agamenon Magalhães⁶⁷, que foi seu professor de geografia.⁶⁸

Mas o primeiro colégio onde ela estudou quando passou a morar no Recife foi Grupo Escolar João Barbalho, também no bairro da Boa Vista. Foi lá que aprendeu a ler e escrever. Ela contou: “Eu estudava no Grupo escolar João Barbalho, que é uma escola pública do Recife. Depois, fiz o exame de admissão para o Ginásio. Era apertadíssimo, mas passei. Fiz até o terceiro ano lá”.⁶⁹ E quando aprendeu a ler e escrever, já começou de fato a compor seus contos.

⁶⁶ Diário de Pernambuco, Recife, 01 de janeiro de 1933. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁶⁷ Agamenon Magalhães se tornou importante no cenário político brasileiro. Chegou a ocupar o cargo de ministro do trabalho e em 1937, seria nomeado interventor do estado de Pernambuco, pelo então presidente da república Getúlio Vargas. Combateu o cangaço e lutou para melhorar o saneamento da cidade do Recife, a educação, a saúde, a pequena agricultura. Fonte: VAINSENER, Semira Adler. *Agamenon Magalhães*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=339&Itemid=180. Acesso em: 6 jul. 2020.

⁶⁸ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 99.

⁶⁹ LISPECTOR, Clarice. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 140.

No período em que Clarice Lispector morou no Recife, reflexões inovadoras sobre aspectos relacionados às crianças estavam entrando na pauta das discussões. Vale destacar uma mudança significativa: as crianças passaram a ser vistas como potenciais consumidoras. Na década de 1920, as sociedades industrializadas e mais avançadas em seus processos de modernização, começavam a encontrar seus ecos no Brasil. O Recife passava por transformações na estrutura física da cidade, mas também nos hábitos, nos costumes, na educação, nos tratamentos dados às crianças.

A maneira pela qual as crianças deveriam ser educadas era uma questão que estava sendo discutida com mais frequência. A psicologia ganhava forma nas abordagens educacionais. Havia um otimismo pedagógico que se amparava na crença de que, pela alfabetização, uma maior quantidade de pessoas seria capaz de participar do processo de progresso nacional e que a escolarização seria o caminho mais importante para a formação do povo brasileiro.

Entre o Grupo Escolar João Barbalho e o Ginásio Pernambucano, Clarice Lispector estudou no Colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro, uma instituição de tradição judaica no Recife. Foi criado por pessoas da comunidade, inclusive pessoas ligadas à família da escritora. Dentre as matérias comuns aos cursos do primário da época, o colégio também oferecia a disciplina de religião e os idiomas hebraico e ídiche.⁷⁰ O colégio mudou de nome e endereço várias vezes. Começou a funcionar em 1918, com o nome de Ídiche Shul, depois sendo substituído, em 1925, para a denominação de Colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro, situado rua Visconde de Goyanna, 687. Tinha esse nome quando Clarice Lispector estudou lá. Hoje, ele se chama Colégio Israelita Moysés Chvarts, localizado no bairro da Torre, no Recife.⁷¹

Existe um atestado de “bom procedimento”, que a escritora conseguiu no Colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro. O intuito dela era apresentar o documento no Ginásio Pernambucano, como exigência para conseguir se matricular neste último. O documento possui data de 11 de março de 1932⁷². A mudança do Grupo Escolar João Barbalho para o colégio de tradição judaica ocorreu porque Pedro Lispector gostaria que a filha tivesse contato com a educação religiosa e, também, mantivesse um aprofundamento no estudo

⁷⁰ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 34, 39, 52, 58.

⁷¹ OLIVEIRA, Yolanda Maria de. *O Colégio Israelita Moysés Chvarts: tradição e construção da identidade judaica recifense*. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2008.

⁷² GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 87.

do ídiche, língua que ela sabia apenas pelo contato com a família e outros judeus de sua convivência.

Certa vez, uma amiga que estudava com Clarice Lispector no colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro, flagrou-a questionando um professor insistentemente sobre qual a diferença que havia entre um homem e uma mulher.⁷³ Desde pequena, ela já era ávida por perguntas, não necessariamente por respostas. Uma conhecida crônica sua, publicada no *Jornal do Brasil*, traz no título o que define um traço marcante da personalidade da escritora: “Sou uma pergunta” (1971). O texto tem início com o significativo questionamento: “Quem fez a primeira pergunta?”. No decorrer do texto, a cronista reflete: “Por que faço perguntas? Por que não há respostas? Por que eu poderia perguntar indefinidamente por quê?” E termina com mais uma pergunta: “Por quê?”.⁷⁴ Nesta mesma crônica, volta a falar do Nordeste e da questão social: “Por que no Nordeste há fome?” Questionar, parecia ser seu ofício, e a escrita, uma ferramenta usada para externar suas indagações.

Olga Borelli comenta acerca do período em que Clarice Lispector estudou no colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro:

Ela me contava a alegria que sentia em ser aluna dessa escola... ela me falou que teve uma professora que a estimulava muito a escrever, essa professora várias vezes comentou em classe que a Clarice escrevia muito bem, ela iria se transformar algum dia numa boa escritora brasileira...⁷⁵

Um amigo marcou especialmente Clarice Lispector, durante seus estudos no Grupo Escolar João Barbalho: Leopoldo Nachbin, que se tornaria depois um importante matemático. No dia em que conheceu o novo amigo, a afinidade foi tanta que os dois juntos passaram a ser um tormento para todas as professoras que os ensinaram, por causa de suas travessuras em sala de aula. Na crônica em que ela registra este importante encontro, chamada de “As grandes punições” (1967), a escritora se revela uma criança autorreferente.

Clarice Lispector e Leopoldo Nachbin eram “impossíveis”, mas excelentes alunos, contraditoriamente. Tão inteligentes eram os dois, que foram chamados pela professora, a pedido da diretora do colégio, para prestar exames numa turma que tinha

⁷³ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 93-95.

⁷⁴ LISPECTOR, Clarice. *Sou uma pergunta*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1971. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁷⁵ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 49.

um nível mais elevado que o deles. Porém, a menina Clarice não entendeu o ocorrido e passou a achar que fazer aquela prova mais difícil que de costume, representava uma punição a ela e ao seu amigo, por mau comportamento. Ela começou a chorar então. Naquelas horas, Leopoldo Nachbin configurava como uma espécie de anjo da guarda para a escritora. Uma alma boa, que a consolava e protegia. Ela complementa na crônica: “Leopoldo – além de meu pai, foi o meu primeiro protetor masculino, e tão bem o fez que me deixou para o resto da vida aceitando e querendo a proteção masculina [...] Leopoldo mandou eu me acalmar, ler as perguntas e responder o que soubesse”. Só após alguns dias é que ela entendeu o que tinha acontecido. Depois, mudou de colégio, porém, a amizade com o amigo perdurou. Ao ingressar no Ginásio Pernambucano, reencontrou-o mais uma vez, e depois, já como adultos, novamente os dois se cruzaram, desta feita, mais tímidos um com o outro.⁷⁶

Clarice Lispector, quando criança, trazia consigo a despreocupação típica da infância. As dificuldades que a família vivenciava não eram tão sentidas pela menina, que conforme descrição de sua irmã Tania Kaufmann, era alegre, bonita, viva e de um senso de humor notável.⁷⁷ Suas fabulações, conforme colhemos da entrevista que a escritora concedeu a Afonso Romano de Sant’Anna e Marina Colasanti, em 1976, já eram uma demonstração da criatividade que possuía desde a infância. Antes mesmo de ter aprendido a ler e a escrever, a menina Clarice inventava histórias com uma amiga “meio passiva”. Juntas, descobriram que podiam, através da imaginação, decidir sobre a vida e a morte das personagens. Aquelas histórias não tinham fim. Quando alguém morria, a amiga, então, “ressuscitava” as personagens e a elas era permitido viver até o tempo em que as duas autoras da história quisessem que eles vivessem.⁷⁸

Numa outra ocasião, junto com sua prima Anita Rabin, que morava também na praça Maciel Pinheiro, Clarice Lispector gostava de inventar que os azulejos de sua casa ou da residência de sua prima eram personagens de uma história: pai, filho, tio, médico, professor, dona de casa.⁷⁹ A imaginação não tinha limites para ela.

⁷⁶ LISPECTOR, Clarice. “As grandes punições”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1967. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁷⁷ GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 59.

⁷⁸ SANT’ANNA, Afonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 206.

⁷⁹ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 36.

Além de arquitetar histórias, Clarice Lispector gostava também de ouvi-las. Em seu lar, como as atenções eram mais voltadas para sua mãe que estava doente, ela pedia para que a empregada lhe contasse histórias. E quando as histórias já haviam terminado, ela implorava para que a doméstica as repetisse.⁸⁰

Depois que aprendeu a escrever, as fabulações cederam lugar para as histórias escritas. As primeiras vieram em forma de conto. Clarice Lispector começou a escrevê-los e, com a ajuda de Tania, sua irmã, enviava-os pelo correio para o *Diário de Pernambuco*, na esperança de que fossem publicados na seção “O diário das crianças”. Nunca foram. É que ela escrevia sobre sensações, quando a maioria dos leitores gostavam mais de ler sobre fatos, segundo a percepção da própria escritora.⁸¹ Disse a autora certa vez: “Meus livros felizmente para mim não são superlotados de fatos, e sim da repercussão dos fatos nos indivíduos”.⁸² Sobre seu modo de escrever, diria também: “tem gente que cose para fora, eu coso para dentro”.⁸³

Quando começou a ler, segundo Teresa Montero, Clarice Lispector sentiu-se profundamente comovida com a história do patinho feio. Aquela personagem que descobriria, depois, tratar-se de um cisne, instigava nela reflexões sobre o sofrimento. Já era uma criança dotada de grande sensibilidade e sentimento de empatia. A lâmpada de Aladim, outro livro que a escritora leu na infância, fazia com que ela sonhasse com os pedidos que faria para o gênio da lâmpada.⁸⁴

Era uma criança que devorava os livros. Lia e relia as histórias até saber de cor. Em sua imaginação fértil, pensava que os livros nasciam, assim como os demais seres vivos, até entender que não era daquela forma. Descobriu que os livros eram produzidos por autores reais. Ela passou a desejar ser também, alguém que escreve e produz. A ideia de escrever suas próprias histórias e organizá-las em livros nasceu a partir desse *insight*. Tudo podia ser matéria prima para sua escrita – era tão sensível ao que presenciava que vinha logo a vontade de registrar os momentos vividos. Assim foram nascendo seus primeiros escritos.

⁸⁰ SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 245.

⁸¹ BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 66.

⁸² *Ibidem*. p. 70.

⁸³ *Ibidem*. p. 83.

⁸⁴ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 37.

Quando foi ao teatro pela primeira vez, aos nove anos de idade, para assistir a uma peça com as atrizes Alma Flora e Lígia Sarmiento, que apresentaram um espetáculo romântico, no Teatro de Santa Isabel⁸⁵, Clarice Lispector ficou tão fascinada com a experiência que, ao chegar em casa, criou a sua própria peça de teatro em três atos, tal como a peça que assistiu.⁸⁶

Anos mais tarde, já adulta, Clarice Lispector escreveu a peça de teatro *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos*, único texto dramático criado pela autora.⁸⁷ A obra analisa o papel da mulher na sociedade. Vários aspectos são observados e refletidos em profundidade: moral, liberdade, pertencimento, posse e ignorância. A mulher que será queimada por adultério sorri livre e o marido que a denunciou em certo momento se arrepende e há, então, da parte dele, uma tomada de consciência de que a esposa de fato não lhe pertence, ou seja, não representa uma posse sua.

Na peça, à esposa adúltera é negada a palavra. Numa sociedade patriarcal e machista, é melhor e mais cômodo, para os homens, que as mulheres permaneçam caladas (no caso do drama, o silenciamento da mulher é simbolizado pelo fogo). Depois de a esposa ter sido queimada, o marido tenta, em vão, voltar para casa para encontrar a mulher que um dia foi idealizada por ele. Aquela que recebia de presente seus “colares vazios”.⁸⁸

Em 1965, um espetáculo intitulado *Perto do coração selvagem*, que apresentava também uma compilação de outros textos da autora, foi apresentado no *Teatro Maison de France*, no Rio de Janeiro, por Fauzi Arap, Glauce Rocha, José Wilker, Dirce Migliaccio e Carlos Kroeber. A atração levava o nome do primeiro romance de Clarice Lispector, saudado por Antônio Cândido na época de sua publicação, em 1943. O texto literário

⁸⁵ O Teatro de Santa Isabel, inaugurado em 18 de maio de 1850, é um ícone da cultura do Recife. Muitos intelectuais e artistas de destaque pisaram em seu palco. Eventos importantes e significativos aconteceram lá, como os torneios literários realizados por Castro Alves e Tobias Barreto, a pregação civilista proferida por Rui Barbosa, a defesa dos ideais pela redenção política do Brasil feita por Assis Brasil e João Neves e foi proferida a famosa frase “ganhamos aqui a causa da abolição”, dita por Joaquim Nabuco e José Mariano. O estabelecimento foi idealizado por Francisco do Rego Barros, então presidente da província de Pernambuco, que chamou técnicos franceses para construí-lo como o engenheiro Louis Léger Vauthier. Fonte: BORGES, Geninha da Rosa. *Teatro de Santa Isabel: Nascedouro e Permanência*. Recife: CEPE, 2000. p. 20, 25.

⁸⁶ SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 207.

⁸⁷ Marca-se que ao organizar o compêndio *Todos os contos (2016)*, Benjamin Moser considerou como conto o texto dramático de Clarice Lispector. Ocorrência que embaralha os gêneros textuais considerados pela autora e mina a confiança do leitor. Nesse veio, Nádia Battella Gotlib acentua que: “se o que se propõe neste volume de “todos os contos” é mesmo a “totalidade” dos contos, melhor seria separar logo no índice o que é do que não é do conto” (GOTLIB, 2016, p. 62). – ref. Completa: GOTLIB, Nádia Battella. De cuentos reunidos a Todos os contos: especialista em Clarice questiona o critério adotado em recentes edições de obras da autora. *Revista CULT*, São Paulo, ano 19, n. 214, jul. 2016, p. 58-63.

⁸⁸ LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 366-377.

havia consolidado grande impacto pela sua intensidade, o que foi ampliado com sua transposição para o teatro. Depois disso, em diversas ocasiões, várias publicações suas foram adaptadas para serem representadas nos palcos, sendo inclusive, inseridas em apresentações musicais, como aconteceu em 1971, quando, no show Rosa dos Ventos, a cantora Maria Bethânia declamou um trecho do livro *Água Viva*, que seria publicado em 1974.⁸⁹

Na crônica “Dos palavrões no teatro”⁹⁰, Clarice Lispector nos deixa pistas sobre como foi sua educação quando criança: “Eu própria não uso palavrões porque na minha casa, na infância, não usavam e habituei-me a me exprimir através de outro linguajar”.⁹¹ Mesmo tendo uma meninice em que o falar palavrão não era uma prática, ela defende o uso deles no teatro, a depender do contexto em que são empregados.

Cita, então, peças em que assistiu com a atriz Fernanda Montenegro e com os atores Fauzi Arap e Néelson Xavier, fazendo uma reflexão de que, pelo ambiente e tipo das personagens, os palavrões falados tinham uma justificativa. O palavrão, para Clarice Lispector, deveria ser utilizado com um propósito, dentro de um contexto artístico. A palavra, para ela, estaria a serviço daquilo que o escritor deseja exprimir.

Como podemos constatar, a relação da escritora com as palavras, ao longo de sua obra, sempre foi intensa. Acerca do prazer que tinha pela escrita, várias são as menções que Clarice Lispector deixou em crônicas e entrevistas. Neste sentido, afirma: “Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que o amor”.⁹² Decerto, de todas as artes, a escrita desde cedo foi a que mais a atraiu: “Apenas escrever”, respondeu ela certa vez ao jornalista Júlio Lerner quando este a perguntou se quando jovem, ao escrever, ela teria algum objetivo específico. Disse, na mesma entrevista, que, quando adolescente, sua produção era: “Caótica... intensa... inteiramente fora da realidade da vida”.⁹³

O ambiente em que Clarice Lispector viveu, quando pequena, certamente favoreceu para que ela desenvolvesse sua criatividade e interesse pela escrita. Marieta, sua mãe, apesar de doente, parecia ser uma pessoa sensível. Clarice Lispector descobriu,

⁸⁹ ARAP, Fauzi. *Mare nostrum: sonhos, viagens e outros caminhos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998. p. 70-71.

⁹⁰ LISPECTOR, Clarice. “Dos palavrões no teatro”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1967. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁹¹ LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 30-31.

⁹² BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 114.

⁹³ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 21.

anos após sua mãe ter falecido, que ela escrevia. Ela tomou conhecimento do fato, o que foi uma surpresa, através de uma tia, que lhe falou que Marieta Lispector nunca publicou nada, mas escrevia poesias e escreveu também um diário.⁹⁴ É possível que, na condição de mulher, ela tivesse mais liberdade do que outras mulheres judias tiveram, devido à sensibilidade que Pedro Lispector parecia possuir. Por regras sociais rígidas, as mulheres judias não podiam estudar ou mesmo se expressarem com a mesma liberdade dos homens.

Conforme descrição de Elisa Lispector, em seu livro autobiográfico *No Exílio* (1948), seu pai era um homem estudioso, principalmente nas questões religiosas (estudava o Talmud com afinco).⁹⁵ Na Ucrânia, frequentava teatros quando tinha a oportunidade de viajar a Kiev ou Odessa. Também gostava de música e era preocupado com a educação de suas filhas. Fazia questão de que elas estudassem em bons colégios.

O ambiente rico em cultura, que vinha de gerações, certamente contribuiu para que as três filhas do casal Lispector tomassem gosto pela escrita, pelo aprendizado de música. Elisa Lispector, por exemplo, escreveu sete romances, entre eles o já citado *No Exílio* (1948) e o premiado *O Muro de Pedras* (1963). Com este último, ela recebeu dois prêmios: José Lins do Rego e Coelho Neto. Tania Kaufmann, por sua vez, escreveu livros técnicos e em 2003 lançou seu único livro de contos: *O instante da descoberta: temas e variações*.

Em crônica publicada no *Jornal do Brasil*, ao discorrer acerca de sua ardente vocação às letras, disse:

Eu tive desde a infância várias vocações que me chamavam ardentemente. Uma das vocações era escrever. E não sei por que, foi esta que eu segui. Talvez porque para as outras vocações eu precisaria de um longo aprendizado, enquanto que para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós. É que não sei estudar. E, para escrever, o único estudo é mesmo escrever.⁹⁶

Clarice Lispector conta que o pai carregava a tristeza de não ter conseguido prosseguir com os estudos, mas conta que ele era um grande matemático. Tania Kaufmann também se refere ao pai como uma pessoa que conhecia os rituais judaicos e

⁹⁴ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 21.

⁹⁵ O Talmud é representado pelas leis judaicas codificadas, chamadas de Mishnah (compostas pelos livros Pentateuco ou Torah, os Profetas e os Escritos), juntamente com as interpretações rabínicas sobre elas. Fonte: LUDERMIR, Rosa Bernarda. *Um Lugar Judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano no bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX*. Dissertação. Recife: UFPE, 2005. p. 7.

⁹⁶ LISPECTOR, Clarice. *As três experiências*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

o ídiche com profundidade e, segundo ela, ele era um homem com grande cultura bíblica.⁹⁷ Conforme a autora relatou a Olga Borelli, ele era um homem “digno... honesto... que nunca se lamuriava do seu destino”. Borelli completa: “A mulher sempre acamada, com sua saúde piorando, as três filhas pequenas, nenhuma era adulta, e ele sem se queixar...”.⁹⁸

O Recife, com toda a transformação cultural por que passava nas décadas de 1920 e 1930, tocou na alma de Clarice Lispector, recheando, muitas vezes, as obras que na fase adulta iria escrever. Da cidade, ela pinçava aspectos da vida urbana, do cotidiano, observações do comportamento das pessoas e o dela própria ao interagir com aquele ambiente onde viveu.

No Recife da década de 1920, o teatro, o cinema, as danças, as festas, os clubes, as exposições de pinturas, os concertos musicais, os recitais de poesia, eram considerados diversões modernas.⁹⁹ Fazia parte de um estilo de vida novo, que a cidade antes não conhecia. Clarice Lispector era pequena, mas no entorno de sua casa existiam cinemas como *Cine-Teatro Helvética*, na rua da Imperatriz. As sessões de cinema, que no Recife tiveram início em 1909, viraram uma febre entre seus moradores. Vários cinemas foram abrindo, em bairros diferentes. Cada bairro tinha o seu. Os mais conhecidos eram o *Cine-Teatro Moderno*, na praça Joaquim Nabuco, o *Polytheama*, na rua Barão de São Borja e o *Cine-Teatro do Parque*, na rua do Hospício, a poucos metros da praça Maciel Pinheiro.

O *Polytheama* era o cinema mais frequentado por Clarice Lispector, porque nele existiam as matinês para as quais ela ia com suas irmãs e, às vezes, em companhia de Bertha, sua prima. O *Cine-Teatro do Parque* era mais próximo a sua casa, porém, a frequência era formada por pessoas com poder aquisitivo mais alto. No *Polytheama* o valor do ingresso era mais acessível, contudo, o cinema não oferecia conforto.

Em 1930, o cinema já era considerado como a maravilha do século, e vários eram os filmes, que se seguiam a peças infantis, apresentados no Recife. A matinê do *Cine-Teatro do Parque*, do dia 03 de janeiro de 1930, oferecia para as crianças um filme chamado *Ide'a mãe*, uma comédia com Jonnie Hine e Louise Lorraine, seguido de uma peça em dois atos.¹⁰⁰ No *Cinema Glória*, cujas apresentações eram acompanhadas por

⁹⁷ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 78.

⁹⁸ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p.45

⁹⁹ COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920*. Tese. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. p. 87.

¹⁰⁰ *Diário de Pernambuco*, 3 de janeiro de 1930. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

uma orquestra regida pelo maestro Sérgio Nogueira, também eram oferecidas apresentações de filmes acompanhados por peças de teatro, como a exemplo de anúncio do dia 09 de janeiro de 1930. *Barro Humano* era o filme a ser apresentado e contava com estrelas nacionais como Garcia Moreira, Lelita Rosa, Eva Nil, Carmen Violeta e Carlos Modesto.

O anúncio tentava seduzir o público informando que o filme teria como atrativo “romance, beijocas e outras emoções”.¹⁰¹ Nos palcos do Teatro de Santa Isabel figuravam companhias de música, como a *Companhia de Operetas Italianas*, enquanto no salão nobre, eram apresentadas exposições como as do pintor Murillo La Greca.¹⁰² A vida cultural ganhava força, de modo que o *Diario de Pernambuco*, por exemplo, criou uma seção para divulgar notícias relacionadas à arte teatral e cinematográfica, denominada “*Scenas & Telas*”.

Além de peças e filmes, quando se ia a uma sessão de cinema, várias apresentações poderiam acontecer em conjunto. Costumavam se apresentar, antes ou depois das sessões, malabaristas, ginastas, músicos, lutadores, telepatas, equilibristas, palhaços, mágicos, ilusionistas, transformistas e dançarinos. O cinema modificava o cotidiano da cidade, que preferia as sessões noturnas. O Recife tinha suas próprias produtoras de filmes como a *Aurora-Films* e a *Liberdade-Films*, mas os americanos, com suas técnicas de distribuição e propaganda, eram imbatíveis, de modo que a produção local ficava em segundo plano em termos de bilheteria. Existiam publicações no Recife direcionadas aos cinéfilos, de tanto sucesso que a sétima arte fazia. Eram a *Revista Cinema*, a *Revista Cinematográfica e Social* e a *Écron*, que eram distribuídas de forma gratuita nas salas de cinema.

Para o público de origem judaica, produções eram apresentadas no início da década de 1930, como *Beirele*, *O Vagabundo*, *Menina Fogo*, *O Lituano Americano*. Existiam, na época, grupos como a *Companhia Israelita de Operetas* e o *Centro*

¹⁰¹ *Diario de Pernambuco*, 9 de janeiro de 1930. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁰² Sobre o Teatro de Santa Isabel, constata-se que seu nome foi uma homenagem à Princesa Isabel, filha do Imperador Pedro II e responsável por assinar a Lei Áurea, que abolia a escravidão. O nome foi sugerido pelo então governador da província de Pernambuco, Hermeto Carneiro Leão, em 1849. “Homenagens desse tipo eram feitas através do onomástico, ou seja, através do santo do mesmo nome do homenageado: sempre feita na intenção de uma oferta, de uma doação, para receber em troca sucesso e proteção, como retribuição. Daí a força daquela pequena preposição *de* e a necessidade de sua conservação. O teatro não tem, apenas, um nome – Teatro Santa Isabel, como se diz de um nome de rua (Rua Arnaldo Bastos, por exemplo). O teatro foi entregue a Santa Isabel, é dela, foi-lhe oferecido”. Fonte: BORGES, Geninha da Rosa. *Teatro de Santa Isabel: Nascido e Permanência*. Recife: CEPE, 2000. p. 37-38.

Dramático Israelita que recebiam atores judeus da Argentina, do Uruguai e atores do próprio Recife.¹⁰³

Na época em que Clarice Lispector estava prestes a chegar ao Recife, um movimento de emancipação da literatura brasileira eclodia no Brasil. Os escritores se libertavam de modelos estrangeiros em suas formas de escrever para assumir uma brasilidade, um modo de ser brasileiro, sem recorrer a imitações de povos que nada tinham a ver com a cultura dos trópicos. O movimento de abasileiramento alavancado pela Semana de Arte Moderna, de 1922, foi seguramente relevante no sentido de dar à literatura uma linguagem brasileira que nos ajudasse a investigar e enxergar nossa própria realidade.

Clarice Lispector, apesar de ser enquadrada por alguns estudiosos como sendo parte da terceira fase do modernismo, ela própria não se incluía em movimento algum.

1.3 - RECIFE, UM LUGAR NA ALMA DE CLARICE LISPECTOR

A cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um ethos urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.¹⁰⁴

O escritor americano Benjamin Moser, em sua biografia intitulada *Clarice*, propõe que qualquer lugar por onde Clarice Lispector tenha passado ou se estabelecido, não teria relevância em sua escrita. Para o biógrafo, a ancestralidade da autora, carregada de traços de sofrimento no tocante ao judaísmo, seria a fonte da importância do “mistério” que expressou em forma de palavras. Para Moser, os antepassados hebreus da escritora valeriam consideravelmente mais para sua formação do que a profunda intimidade que

¹⁰³ GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 89.

¹⁰⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. São Paulo: Revista Brasileira de História, nº 53, vol 27, 2007.

tinha com o Brasil¹⁰⁵. No relato do biógrafo, nenhuma palavra de louvor ao Nordeste é proferida. No livro de ensaios, também de sua autoria, intitulado *Autoimperialismo* (2016), Moser tece comentários desrespeitosos no tocante ao Brasil. Ele insiste em enquadrar a pessoa e a obra de Clarice Lispector à cultura judaica, desconsiderando o posicionamento crítico da autora em relação aos seus antecedentes e de sua própria condição de cidadã brasileira.¹⁰⁶

Benjamin Moser, de forma arbitrária, escreveu: “Embora [Clarice] tenha se tornado uma das glórias da literatura brasileira, *ela sempre esteve em desajuste com a cultura nacional*. Sua vida se assimilava mais à dos judeus refugiados do século XX do que à realidade especificamente brasileira”.¹⁰⁷ O escritor contradiz a própria Clarice, que acentuou:

Sou judia, você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto.¹⁰⁸

Clarice Lispector, em sua obra, dialoga a todo momento com a introspecção, voltando-se para uma investigação aprofundada do interior de seus personagens (para não dizer dela própria), levando o leitor a pensar que, talvez, o espaço geográfico não fosse o mote de sua escrita. Porém, isto não significa que a atmosfera da cidade onde ela viveu sua infância, por exemplo, não esteja presente em sua obra. Podemos dizer até, fortemente presente. Numa entrevista concedida a Marina Colasanti, quando lhe fez uma pergunta sobre a personagem *Macabéa*, do livro *A hora da estrela*, a escritora respondeu: “Ela é nordestina e eu tinha que botar para fora um dia o Nordeste que eu vivi”.¹⁰⁹

Interpondo um pensamento de Walter Benjamin, que diz que “a autêntica atividade literária não pode ter a pretensão de se desenvolver num âmbito estritamente

¹⁰⁵ GUIDIN, Márcia Lígia. *Uma biografia pop*: Nova edição de livro sobre vida e obra de Clarice Lispector segue repleta de equívocos defendidos por Benjamin Moser. *Jornal Rascunho*. Curitiba: Editora Letras & Livros, dezembro de 2017.

¹⁰⁶ Entrevista realizada Thiago Cavalcante Jeronimo via e-mail em 13 de agosto de 2020.

¹⁰⁷ MOSER, Benjamin. *Autoimperialismo*: três ensaios sobre o Brasil. São Paulo: Planeta, 2016. p. 98.

¹⁰⁸ COUTINHO, Edilberto. Uma mulher chamada Clarice Lispector. *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 abr. 1976; republicado em *Criaturas de papel*. Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1980, p. 165-170.

¹⁰⁹ SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 218.

literário”¹¹⁰, sugerimos que o universo da escrita de Clarice Lispector se irmana com os ambientes onde ela viveu, formando com eles uma profunda sintonia. O Recife é mimetizado em sua obra em muitas nuances. Clarice Lispector retoma em seus textos o carnaval, as paisagens, as lições escolares, as pessoas, os professores, as empregadas, os amigos, os primos, a arquitetura, os teatros, os cinemas, o rio Capibaribe, os cenários, os pregões, o transporte, os costumes, os hábitos, a culinária, os odores, a bossa da cidade.

Em sua crônica *Pertencer*, publicada no *Jornal do Brasil*, em 15 de junho de 1968, Clarice Lispector revela se sentir feliz por pertencer a um lugar: “Embora eu tenha uma alegria: pertencço, por exemplo, a meu país, e como milhões de outras pessoas sou a ele tão pertencente a ponto de ser brasileira”. Mas o pertencimento para ela vai além de fazer parte de um lugar: “O que eu queria, e não posso, é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertencesse”.¹¹¹

Pertencer, para a escritora, também constituiria o poder de se fortificar e, conseqüentemente, fortificar os outros, como revela. Ela divaga sobre uma fome que não cessa, pois se sentia apenas possuidora de um corpo e uma alma. Sentia-se apenas nascida, como um ser que fosse solto no mundo e que carregava sobre seus ombros uma grande culpa, que seria a de não curar sua mãe da doença que a levaria à morte. Isto porque existia uma lenda, na Ucrânia, país de origem dos Lispector, que dizia que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Marieta Lispector deu à luz à última filha no intuito de ser curada, o que não aconteceu. Por esta razão, Clarice Lispector internalizaria, como um ato de autopunição, a ideia de que lhe seria negado o direito a sentir-se pertencente ao mundo.

Pertencer não se manifestaria como um sentimento de posse por um lugar. O verbo pode até suscitar reflexões a esse respeito. Porém, o lugar a que se faz pertencer não se caracteriza especificamente a um espaço físico. Muito mais que isso, ele traz em suas entranhas significados e memórias para os indivíduos que nele moram ou transitam. De certa forma, quando se mora numa cidade, percebe-se haver uma espécie de apropriação do que se vive no ambiente. Uma intimidade é estabelecida no viver e no conviver com o espaço. Essa interação que se estabelece é levada com o indivíduo por toda a sua vida, porque uma profundidade na relação entre ele e a cidade se estabelece.

¹¹⁰ BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única* – Infância Berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 9.

¹¹¹ LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 152.

Uma cidade abriga grupos, cada qual com seus hábitos, valores, símbolos, festas, comportamentos. Nela, as pessoas se socializam, aprendem, amam, trocam, manifestam suas vontades. Como então viver numa cidade incólume a todos estes fatores? Por si só, ela se traduz em coletividade: uma construção realizada ao longo do tempo por diversas mentes, diversas mãos. Não se pensa nela ou em estar nela como algo individual. E como os seres humanos não são tão livres como gostariam, certas regras para a boa convivência desses grupos se fazem necessárias. Porém, nem por isso, as desigualdades deixam de existir. A maneira como se estabelece a formação de classes muitas vezes não são justas. No jogo de poder que se constrói, opressores e oprimidos se enfrentam com constância. E o Recife, pela precariedade, principalmente na área de educação, sofre pela timidez de cidadãos que poderiam construir um *ethos* mais sólido no que diz respeito a valores fundamentais para um crescimento coletivo saudável.¹¹²

Na ideia de pertencimento a que Clarice Lispector alude, há uma série de simbolismos. Ela afirma, na citada crônica, que: “Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo, devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça”.¹¹³ Segundo Sandra Regina Lestingue, a ideia de pertencimento pode se encaminhar para duas vertentes: “uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva”.¹¹⁴

Costumamos utilizar a expressão “criar raízes” quando desenvolvemos um vínculo afetivo com o ambiente ao redor. Como se a partir desse parâmetro, o ser humano se reconhecesse como tal. Clarice Lispector sugere que, mesmo nascendo sós, desejamos pertencer ao ambiente que estamos inseridos. Ela não se sentia como sendo uma criança que pertencia a algo, mas que desejava pertencer.¹¹⁵

O pertencimento, para ela, está simbolizado por esse desejo, que se traduz no anseio de amar e de ser amada. No Recife, estavam concentrados os vínculos afetivos necessários para que Clarice Lispector sentisse a sensação de pertencer ao mundo, embora

¹¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. São Paulo: Revista Brasileira de História, nº 53, vol 27, 2007.

¹¹³ LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 151.

¹¹⁴ LESTINGUE, Sandra Regina. *Olhares de educadores ambientais para estudos do meio e pertencimento*. Tese. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

¹¹⁵ ALVES, Geórgia Priscila. *O Retrato do Recife de Clarice Lispector*. Dissertação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. p. 85.

ela afirmasse ser desprovida dessa percepção. Tal era seu sentimento de desamparo que, na crônica, ela usou como analogia à ideia de pertencimento a figura de uma freira. Ela imagina que, por pertencer a Deus, uma freira seria uma pessoa muito mais próxima da realização do desejo de pertencimento.

Sem dúvida, a cidade não representa para uma pessoa um mero espaço geográfico. A memória afetiva sempre nos revela como o espaço em que vivemos guarda odores, sons, pessoas, paisagens, lugares, compondo memórias que nos acompanham pela vida. O historiador Helder Remigio de Amorim faz uma observação importante acerca do assunto:

Estudar uma cidade não é simplesmente analisar as linhas tênues das construções arquitetônicas, não se constitui em apenas investigar as fontes documentais com auxílios metodológicos e teóricos. Mas sim, em transitar entre os limites do visível, do invisível, do dito e do não dito; observar a documentação como indício dos caminhos das ruas, onde (des)encontros acontecem permanentemente. Estudar uma cidade não é apenas visualizar o relevo das paisagens, mas também sentir os ventos que lhe atingem e a garoa gélida dos seus dias frios de inverno. Estudar uma cidade é perceber, nos olhos dos habitantes do presente, fragmentos do passado¹¹⁶.

Em uma resposta a uma pergunta proferida por Afonso Romano de Sant’anna, Clarice Lispector falou um “Virge Maria!” Ele perguntou a ela se aquela expressão era do Nordeste, no que ela respondeu: “Ó xente! Também...”¹¹⁷ Quanto à esta questão, o pesquisador Thiago Cavalcante Jeronimo observa que a autora, de fato, quebrava todos os rótulos estabelecidos, incluindo os religiosos. Neste caso, ela faz um chamamento à Virgem Maria, sendo uma mulher judia.¹¹⁸

Quando estive no Recife pela última vez, em 1976, um ano antes de sua morte, para fazer parte de uma conferência no auditório do *Banco do Estado de Pernambuco - BANDEPE* – a escritora se hospedou no Hotel São Domingos, na praça Maciel Pinheiro, onde havia morado quando chegou com a família na cidade, em 1925. Acompanhada de Olga Borelli, sentou-se num banco da praça para contemplar o sobrado onde havia

¹¹⁶ AMORIM, Helder Remigio de. *Memórias e práticas culturais: a modernização do comércio de alimentos de uma cidade do Sertão de Pernambuco na década de 1970*. Revista História Oral. Associação Brasileira de História Oral. v. 22, n. 2, p. 133-165, jul./dez. 2019.

¹¹⁷ SANT’ANNA, Afonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 219.

¹¹⁸ Entrevista realizada com Thiago Cavalcante Jeronimo via e-mail em 13 de agosto de 2020.

passado sua infância. As duas, então, ouviram um vendedor de frutas falar o pregão: “Ô minina, você qué pitomba?” Clarice Lispector ficou maravilhada.¹¹⁹

Os sons da infância vivida no Recife estavam presentes em sua memória. Sons de um lugar a que um dia ela pertenceu. Pouco tempo depois, um entrevistador do *Jornal do Commercio* perguntou à autora: “Sabemos que você passou toda sua infância aqui no Recife, mas o Recife continua existindo em Clarice Lispector?”. Ela respondeu: “Está todo vivo em mim”.¹²⁰ A cidade, então, desenvolveu um papel importante nesse sentimento de pertencimento. Como espaço geográfico apenas, uma cidade não é capaz de proporcionar ao indivíduo o senso de pertencimento. Este chega a ele através do conjunto de elementos pelos quais ela é formada.

Na visão psicanalítica, a primeira noção de pertencimento vem com a figura da mãe. Se a criança chega ao mundo através de uma mãe sadia, ela passa a alimentar uma sensação de acolhimento, e conseqüentemente, sente-se pertencer ao ambiente que a cerca. Quando, porém, obstáculos surgem nessa relação, psicológicos ou físicos, a criança terá dificuldades no entendimento do sentimento de ser merecedora do direito de pertencer. Embora outras pessoas em volta surjam para acolher uma criança desamparada, a mãe sempre será, indubitavelmente, seu primeiro contato com o mundo. É dentro de seu útero que a criança passa por um processo de amadurecimento até o nascimento propriamente dito, numa interação única e íntima com essa mãe. A ideia de pertencimento já se origina desta relação.

Em diversos casos, de maneiras diferentes, verificamos a falta de acolhimento de uma mãe para com seu filho. No caso de Marieta Lispector, ela era portadora de uma afecção neurológica paralisante. Tinha dificuldades de ficar em pé por causa de tremores, e mal conseguia falar.¹²¹ Anita Rabin, prima de Clarice Lispector, descreve como era Marieta Lispector: “Ela ficava numa cadeira. Ela era praticamente cuidada pelas duas irmãs da Clarice. Pode ser que elas entendessem o que ela falava, mas até falar ela falava com dificuldade. E não se mexia para nada”.¹²² Sobre sua relação com a mãe, Clarice Lispector escreveu:

¹¹⁹ BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 43.

¹²⁰ GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 597.

¹²¹ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 47

¹²² FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 37.

Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e, no entanto, premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida. No entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdoou. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e minha mãe. Eu nem podia confiar a alguém essa espécie de solidão de não pertencer porque, como desertor, eu tinha o segredo da fuga que por vergonha não podia ser conhecido.¹²³

O grande conflito inicial da vida de Clarice Lispector está presente nesta crônica. Ela deixa claro que sofria pela frustração de não ter conseguido curar sua mãe. Sua fantasia a fazia pensar que era responsável por aquela cura. Conta Teresa Montero que: “Às vezes ela fazia uma história na qual o surgimento de um fato inesperado curava sua mãe”.¹²⁴ Possivelmente, a frustração que Clarice Lispector sentia a este respeito, nutria nela um sentimento de menos valia: em sua imaginação, talvez só tivesse vindo ao mundo para este propósito, não valendo para mais nada. Em casos como este, fica difícil para uma criança compreender que a incapacidade da mãe de doar-se não se configurava como falta de amor e acolhimento. A Afonso Romano de Sant’anna, a escritora falou: “Minha mãe era parálitica e eu morria de sentimento de culpa, porque pensava que tinha provocado isso quando nasci. Mas disseram que ela já era parálitica antes...”¹²⁵

Compreende-se o sentimento de culpa que foi gerado em Clarice Lispector quando era criança. Teresa Montero nos conta que, vendo a situação difícil da mãe, Clarice Lispector tentava ajudar fazendo graça para que sua mãe risse. E conseguia: “de repente, o rosto de Marieta transformava-se, abria um sorriso...”¹²⁶

Algumas pessoas contribuíram para que o sofrimento de Clarice Lispector fosse amenizado. Uma delas foi sua tia Mina Lispector. A escritora descreve sua tia como a

¹²³ LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 152-153.

¹²⁴ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 36-37.

¹²⁵ SANT’ANNA, Afonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 204-205.

¹²⁶ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 38.

pessoa que mais a marcou: “que me deu comida. Me deu carinho”.¹²⁷ Mina Lispector era casada com Salomão Lispector, irmão de Pedro Lispector. O casal tinha quatro filhos: Samuel, Vera, Pola e Berta. Chegaram ao Recife em 1928. Anos depois, já casada, a autora retorna ao Recife de navio para fazer uma visita a sua tia. Na ocasião, veio junto seu marido, Maury Gurgel Valente, e um de seus filhos ainda no colo. Em 1976, na ocasião da conferência que fez no *BANDEPE*, no Recife, Mina Lispector estava na plateia e Clarice prestou-lhe uma homenagem dizendo para o público que gostava muito da tia, porque ela fazia comidas boas e gostosas e porque cuidava dela. Mina então, na ocasião, levantou-se e recebeu os aplausos dos demais participantes. Existe hoje, em homenagem à escritora, um edifício na avenida Boa Viagem, no Recife, com o nome dela. O edifício foi construído por Samuel Lispector, filho de Mina Lispector, que era engenheiro e resolveu homenagear sua prima.

Quando Marieta Lispector morreu, a filha caçula sentiu um impacto muito forte. Sua irmã Tania Kaufman, certa vez, a viu chorando, quieta, na janela.¹²⁸

¹²⁷ GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 597.

¹²⁸ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 49.

Figura 3 – Clarice Lispector na praça do Derby



Fonte: GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 79.

Na figura 3, Clarice Lispector aparece fotografada na praça do Derby, bairro tradicional do Recife que, na época, passava por reformas. Ela vestia luto pela morte de Marieta Lispector, portanto podemos supor que não estava em um momento feliz. No entanto, percebemos que ela tentava esboçar um sorriso para posar para a fotografia e quem sabe tentava se alegrar para levar sua vida adiante.

A morte de Marieta Lispector, sem dúvida, abalou muito o emocional da filha caçula, que já tinha sido bastante provocado pelo lidar com a mãe doente quando viva. Mas existia em Clarice Lispector uma força vital, que a sustentava e que ela usou muitas vezes na escrita como forma de sublimar suas dores internas. Na crônica *As três experiências*, a escritora revela esta força, deixando transparecer ao leitor o que podemos observar como fonte de sustentação para ela: “Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos”.¹²⁹

¹²⁹ LISPECTOR, Clarice. *As três experiências*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 4 – Lápide de Marieta Lispector – Cemitério Israelita do Barro, Recife.



Fonte: Facebook

A figura 4 exibe a fotografia da sepultura de Marieta Lispector. Ela faleceu no dia 21 de setembro de 1930, no Hospital Oswaldo Cruz, sendo enterrada no Cemitério Israelita do Barro, no Recife, com 41 anos de idade. Em sua lápide, observada na foto, construída a pedido das filhas em homenagem à mãe, vê-se a estrela de Davi, acompanhada de uma fotografia de Marieta Lispector e abaixo, um texto em hebraico que diz, conforme tradução: “Aqui repousa mulher importante e honrada. Bondosa de mente, e bondosa em suas ações. É a senhora Miriam bat (filha de) Isaac. Esposa do rabino Pin’has (Finéas) Lispector, que morreu e foi reunida em direção ao seu povo. Em 28 de Elul (mês judaico) de 5690, no Recife. Que sua alma seja ligada à corrente da vida eterna”.¹³⁰

Em seu ensaio *Inibições, Sintomas e Angústia*, Freud pressupõe que a criança investe na pessoa que ama de forma intensa. E conforme a intensidade, a ausência desta imagem pode se transformar em angústia. A criança se sente desamparada por não conseguir lidar com o anseio da ameaça de perder a pessoa que ama. O sentimento de angústia está diretamente relacionado com o sentimento de desamparo. Para Freud, a criança entende que a satisfação de suas necessidades está sob responsabilidade da mãe.

¹³⁰ Tradução do Professor Doutor Fernando Oliveira. Fonte: ALVES, Geórgia Priscila. *O Retrato do Recife de Clarice Lispector*. Dissertação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. p. 12.

Diante do perigo que corre por a mãe se ausentar, e ela perder o controle sobre a satisfação de suas necessidades, sente-se desprotegida e isso lhe gera uma tensão. A ausência da mãe faz a criança se deparar com o perigo de ser desamparada, gerando enorme angústia. Assim, segundo Germano Quintanilha:

Freud (1925) narra uma história de uma criança que trava um diálogo com sua tia e que exemplifica perfeitamente o tema da angústia infantil. Certa vez ele ouviu um menino de três anos que diante da escuridão de seu quarto grita: “Tia, fale comigo! Estou com medo do escuro!” Sua tia respondeu-lhe: “De que adiantaria? Você não pode me ver”. “Não importa”, disse a criança, “se alguém falar a luz vem!”. A fala dessa criança, diante de sua angústia infantil, revela com grande riqueza a concepção freudiana de que o temor da criança não era exatamente a escuridão, mas sim a ausência de uma imagem querida.¹³¹

Lacan também discorre sobre o desamparo da criança diante da ausência do outro em seu *Seminário IV, A ética da psicanálise*. Essa falta, quando deixa marcas profundas, como aconteceu com Clarice Lispector, pode gerar um trauma psíquico com sequelas que podem acompanhar a pessoa por muitos anos. Para Freud, o desamparo infantil é o fator preponderante para que um trauma surja na vida de um indivíduo. As irmãs mais velhas da escritora parecem ter lidado melhor com a falta da mãe, uma vez que conviveram com ela se movimentando, falando e ainda podendo cuidar delas, dentro do possível. E apesar de Elisa e Tania terem convivido mais de perto com os ataques antissemitas, pior parece para Clarice Lispector o fato de ter que, dentro de suas limitações de criança, assistir à mãe, quando no fundo, desejaria que os papéis fossem invertidos. Para uma criança, isso pode configurar um esforço que pode gerar um trauma, pois caracteriza uma situação que caminha no sentido contrário ao que é natural à criança. Ela ainda não é capaz de compreender situações conflitantes deste nível de complexidade. Clarice Lispector foi cuidada por outras pessoas. Supõe-se que o desejo de conhecer e interagir com a mãe deve ter sido imenso para ela. Como complementação ao assunto, mencionamos a pertinente observação do escritor Affonso Romano de Sant’anna acerca dos possíveis reflexos dos traumas nas obras que as irmãs Lispector deixaram escritas:

¹³¹ COSTA, Germano Quintanilha. *Entre o desejo e o gozo: o infantil na psicanálise*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. p. 141.

As três irmãs passaram pelas mesmas tragédias. Pior: as duas mais velhas viveram isso mais que Clarice. Então, a tragédia não explica a arte (sempre). Os textos literários de Tania e Elisa são literariamente diferentes dos de Clarice. Elisa é testemunhal. Elisa fez uma ficção interessante. O segredo, a fonte não é necessariamente a biografia. O talento é imponderável. Transcende os fatos, apesar dos fatos. Se a tragédia fosse suficiente, as duas irmãs seriam melhores escritoras que Clarice. A questão não é o que a vida fez de mim, mas o que eu faço de minha vida como escritor.¹³²

Toda criança, de uma forma ou de outra, tem contato com a incompletude, segundo Lacan. Esse contato é positivo porque humaniza o bebê. Ele entende que o adulto que o cuida é falho, é humano, imperfeito.¹³³ Para Clarice Lispector, a ausência da mãe lhe causou uma sensação de fracasso por não a ter curado. A convivência com essa distância acentuava sua solidão, o que envolvia também seu pai. Era perceptível para ela que a decisão de a conceber como propósito de curar sua mãe coube ao casal, e não apenas à genitora.

Conforme a autora, ela falhou diante da expectativa da cura e quando sua mãe enfim morreu, ela resolveu abandonar sua fé em Deus por muitos anos.¹³⁴ A biógrafa Claire Varin ressalta: “Clarice não cessa de reviver dolorosamente seu nascimento”.¹³⁵ Sobre este aspecto, quando um jornalista do *Jornal do Commercio* perguntou a ela o que mais teria lhe marcado na vida, Clarice Lispector respondeu: “Acho que é meu nascimento e o seu mistério”.¹³⁶

No romance *A paixão segundo G. H.* (1964), a protagonista se depara com uma barata, no quarto da empregada, em que ela, de uma maneira simbólica, “tem que engolir”, numa analogia às dores humanas, sentimentos, subjetividades indesejadas, que G. H. é obrigada a enfrentar para seguir adiante sua trajetória. Dois biógrafos de Clarice Lispector: Claire Varin e Benjamin Moser, atrelam, de forma, ao nosso entender, simplista, a barata à Marieta Lispector, como foi bem apontado em artigo da escritora Márcia Lígia Guidin.

Em sua interpretação, Moser começa por dizer que aquele inseto, em português, é representado por uma palavra feminina e que na obra de Lispector, ela seria então, uma

¹³² SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 13-14.

¹³³ COSTA, Germano Quintanilha. *Entre o desejo e o gozo: o infantil na psicanálise*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. p. 143.

¹³⁴ VARIN, Claire. *Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*. São Paulo: Limiar, 2002. p. 42.

¹³⁵ VARIN, Claire. *Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*. São Paulo: Limiar, 2002. p. 46.

¹³⁶ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 597.

comparação à própria mãe da escritora. Claire Varin também insiste nesta analogia, quando diz: “a mãe, sob a forma de uma barata, é esmagada contra a porta de um armário pela narradora embriagada pelo desejo de matar”.¹³⁷ A barata partida ao meio seria, sob o olhar de Varin, a mãe parálitica de Clarice Lispector.

Numa visão mais acertada, no livro *O leitor segundo G. H.*, Emília Amaral marca a representatividade da barata no romance *A paixão Segundo G. H.* com a seguinte articulação: “G. H. descobre, progressivamente, no inseto, além de si mesma, os seres antes rejeitados: a empregada, o filho abortado, o homem amado”.¹³⁸

Benjamin Moser resolve acolher as interpretações rudimentares de Claire Varin, quando considera a barata como uma referência que Clarice Lispector faz a sua mãe, explanando: “Oculta sobre a confrontação de G. H. com a barata agonizante está uma lembrança da mãe agonizante da própria Clarice Lispector. A identidade da sua mãe com a barata é um dos aspectos mais chocantes desse livro perturbador. No entanto é difícil evitar a conclusão de que era isso o que Clarice pretendia: “Mãe, bendita sois entre as baratas [...] Como Mania Lispector, a barata está paralisada, esperando a morte: “imobilizada, ela sustentava por cima do flanco empoeirado a carga do próprio corpo”.¹³⁹

Márcia Lígia Guidin refutando as “tortuosas convicções” de Benjamin Moser considera inverossímeis tais conjecturas, isto é, associar a barata à mãe de Marieta, e a suposta gravidez em estado sífilítica: “A figura das mães e o peso da orfandade são de fato recorrentes em Lispector, desde o primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, mas acusar Mania da irresponsabilidade de engravidar sífilítica seria no mínimo inverossímil”.¹⁴⁰

Para o desenvolvimento da consciência de uma criança, a importância do vínculo afetivo dela com a mãe é imprescindível. É fundamental que seja criado um clima emocional favorável através do qual a criança terá contato com experiências vitais muito importantes. O afeto materno, na mais tenra idade, é mais relevante do que qualquer outra

¹³⁷ VARIN, Claire. *Línguas de fogo*: ensaio sobre Clarice Lispector. São Paulo: Limiar, 2002. p. 46.

¹³⁸ AMARAL, Emília. *O leitor segundo G. H.*: uma análise do romance *A paixão segundo G. H.* de Clarice Lispector. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005. p. 155.

¹³⁹ MOSER, Benjamin. *Clarice*. São Paulo: Companhia das letras, 2017. p. 329.

¹⁴⁰ GUIDIN, Márcia Lígia. *Uma biografia pop*: Nova edição de livro sobre vida e obra de Clarice Lispector segue repleta de equívocos defendidos por Benjamin Moser. *Jornal Rascunho*. Curitiba: Editora Letras & Livros, dezembro de 2017.

vivência futura que o indivíduo poderá vir a ter. A mãe tem responsabilidade de conferir qualidade de vida à criança, que vem ao mundo adaptada para sobreviver, com todo o aparato sensorial, motor e comunicativo inicial. Nesta fase, a proteção, os cuidados, a atenção e o amparo dado pelos adultos irão garantir que a criança tenha o suporte emocional necessário para obter uma organização psicológica favorável à vida e ao desenvolvimento de laços emocionais íntimos e saudáveis.¹⁴¹

No caso de Clarice Lispector, parece ter sido difícil para ela a compreensão de que não estava vinculada à doença de sua mãe. Ela comentou certa vez: “...Eu era tão alegre que escondia de mim a dor de ver minha mãe assim... eu era tão viva!”.¹⁴² Seja por superstições, criações humanas, dogmas, uma criança não vem ao mundo para arcar com responsabilidades que não são suas. A criança nasce liberta, porém, às vezes, o ambiente que a cerca é favorável para que ela alimente conflitos internos profundos.

De todo modo, a infância no Recife parece ter marcado a escritora em diversos aspectos.¹⁴³ E contraditoriamente ou não, os aspectos afetivos foram os registros mais importantes de sua história na cidade, onde deu seus passos rumo à fase adulta.

No próximo capítulo, abordaremos a infância de Clarice Lispector a partir da perspectiva da própria autora quando depositou em sua literatura fragmentos e percepções do início de sua vida quando morou no Recife.

¹⁴¹ BÖING, Elisângela; CREPALDI, Maria Aparecida. *Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a maternagem como fator de proteção*. Campinas: Estudos de Psicologia, Vol. 21, nº 3, 2004.

¹⁴² SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 204-205.

¹⁴³ José Antônio Gonçalves de Mello chama a atenção para a forma mais apropriada de designar o nome da cidade do Recife: como provém da palavra arrecife, sendo correto o uso do artigo para preceder a palavra, dizemos “o arrecife”. Desta forma, o artigo definido masculino se faz necessário antes da palavra Recife. Portanto, diz-se “o Recife”, “do Recife”, “no Recife”, “para o Recife”. Não seria adequado dizer “Recife”, “em Recife”, “de Recife”, “para Recife”. Fonte: REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005. p. 21.

CAPÍTULO 2:

A INFÂNCIA REVELADA

“No entanto na infância as descobertas terão sido como num laboratório onde se acha o que achar? Foi como adulto então que eu tive medo e criei a terceira pena? Mas como adulto terei a coragem infantil de me perder? Perder-se significa ir achando e nem saber o que fazer do que se for achando. As duas pernas que andam, sem mais a terceira perna que prende”¹⁴⁴

¹⁴⁴ LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 9.

2.1 – A RICA INFÂNCIA DE UMA MENINA POBRE

A criança tem a fantasia solta...¹⁴⁵

A sociedade colonial no Brasil adotara como modelo familiar, bem antes até do período de estudo deste trabalho, isto é, antes de 1925, o patriarcalismo. Este modelo, ao longo do tempo, foi sofrendo algumas modificações e interferências, dependendo de adventos como a industrialização ou o fim da escravidão. Mas os moldes básicos do patriarcalismo, independentes de suas transformações, constituem-se de um núcleo, formado pelo marido e pela esposa, de seus filhos, dos parentes agregados, todos vivendo numa mesma propriedade e sob o domínio do patriarca, possuidor das terras, da riqueza, dos mandos políticos. A família patriarcal tinha maneiras aristocráticas de viver, habitava em boas casas e usufruía de muito conforto.¹⁴⁶

No início do século XX, o urbanismo causou um grande impacto sobre estas famílias. Elas deixavam seu isolamento para interagir com as transformações econômicas, sociais e culturais importantes da época. A moralidade e a personalidade do indivíduo passaram a ganhar atenção, principalmente sob a luz das obras de Freud e Durkheim. A sociedade industrial também interferiu no regime patriarcal, visto que os filhos ganharam mais autonomia financeira e o patriarca então, menos poder sobre eles. Houve também um aumento importante na participação das mulheres no processo produtivo, acarretando numa diminuição da natalidade, também, do planejamento desta. A criança foi ganhando uma maior inserção dentro da família.¹⁴⁷

Com relação ao papel das crianças na sociedade, o historiador francês Philippe Ariés¹⁴⁸, em seu livro *História social da criança e da família* (1960), observou, através

¹⁴⁵ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 23.

¹⁴⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global Editora, 2016. p. 79-81.

¹⁴⁷ TERUYA, Marisa Tayra. *A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas teóricas*. Anais do XII encontro nacional de estudos populacional. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 2000.

¹⁴⁸ Philippe Ariés nasceu na comuna francesa de Blois em 1914. Seu avô, com quem tinha uma convivência muito próxima, era um apaixonado por livros de história. Por vontade de seu pai, Ariés começou a estudar engenharia, mas logo desistiu. Assim como seu avô, sentia que sua aptidão era direcionada para a história. Estudou história na tradicional universidade parisiense Sorbonne. Engajou-se em movimentos revolucionários e sofreu com conflitos de ordem ideológica. Terminados os estudos, quis ensinar na Sorbonne, porém, não conseguiu passar nos testes, o que o deixou profundamente decepcionado, a ponto de não tentar novamente. Escreveu vários livros e alcançou a consagração com o livro *História social da criança e da família* (1960). Philippe Ariés faleceu no ano de 1984, em Toulouse. Fonte: MOTA, Manoel.

da arte, que as crianças não eram reconhecidas da maneira como as enxergamos hoje. Até o século XII, elas eram consideradas como adultos em miniatura. Existia uma falta de interesse pela infância, sendo esta fase da vida, algo a ser ultrapassado rapidamente. A atenção aos petizes chegou a partir do século XIII e eles passaram a ser vistos como anjos, puros, divinos e eram designados a prestar ajuda nas missas.

Através da análise de pinturas antigas, Ariés percebeu que as crianças, a partir do século XIV, até os idos do século XIX, já possuíam maior notoriedade, sendo retratadas inseridas nas vidas dos adultos, em passeios ou jogos, por exemplo. A família, segundo o historiador, começou a ser representada em torno da criança, e essa, portanto, passou a ficar no centro das composições artísticas. As crianças estavam enfim, saindo do anonimato.¹⁴⁹ No século XIX, havendo uma distinção mais clara entre a vida infantil e a adulta, as crianças passaram a ser observadas como requerentes de cuidados especiais. Na esteira desse reconhecimento, estudos nas áreas da pedagogia, psicologia e pediatria começaram a ser aprofundados.¹⁵⁰

Em cada parte do mundo, havia certas peculiaridades no tratamento destinado às crianças. No Brasil, no início do século XX, era possível encontrar crianças trabalhando como entregadores de jornais, recolhendo papéis nos lixos ou realizando trabalhos fabris. Não existiam leis trabalhistas proibitivas para conter o trabalho infantil, ocorrência que impeliu as crianças aos serviços precoces e as retiravam do espaço escolar. Os empresários criavam a desculpa de que, trabalhando, as crianças não seriam impulsionadas a irem para as ruas para se tornarem marginais. Então, medidas populistas tomadas pelos governos, tais como a criação de leis que visavam delimitar a idade no mercado de trabalho, ameaçavam os empresários.

Nas fábricas, as crianças, pela própria idade, não tinham a mesma habilidade dos adultos para lidarem com as máquinas e eram comuns as perdas de dedos, fato que despertou nas autoridades o desejo de tomar providências no sentido de restringir o trabalho infantil. Isto porque a depender dos empregadores, a situação continuaria da mesma forma. O interesse deles estava apenas no lucro que suas indústrias

Philippe Ariés e a história no tempo: o registro francês de um historiador outsider. São Paulo: Intelligere, revista de história intelectual nº 7, 2019.

¹⁴⁹ ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família.* Rio de Janeiro: LTC, 2018. p. 17-31.

¹⁵⁰ VENANCIO, Renato Pinto. *Os aprendizes da guerra.* In: PRIORI, Mary Del (Organ.). *História das crianças no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2018. p. 192.

proporcionavam.¹⁵¹ Além da perda de partes do corpo, as crianças que trabalhavam em fábricas estavam expostas a choques elétricos e maus-tratos. Caso brincassem no serviço, o que era típico da idade, recebiam, muitas vezes, punições severas de seus patrões. A historiadora Esmeralda Blanco fez um registro sobre o assunto:

Para muitos menores, a atividade produtiva traduziu-se, portanto, em sequelas físicas irreversíveis e na morte prematura. Não foram poucas as crianças e foram muitos os adolescentes vitimados em acidentes do trabalho, em decorrência do exercício de funções impróprias para a idade, das instalações precárias dos estabelecimentos industriais, enfim, de condições de trabalho deploráveis.¹⁵²

Em 1927, foi promulgado o *Código de Menores*, como sendo o primeiro instrumento jurídico de apoio e assistência direcionado às crianças do Brasil. Era uma época em que o comércio e a indústria cresciam e a delinquência também. Os menores, principalmente aqueles que viviam nas ruas, precisavam de respaldo e ajuda da sociedade por estarem constantemente em risco e, de outra forma, como tendiam à marginalidade, representavam um risco à burguesia em ascensão. O código foi construído com base nas demandas desta burguesia.¹⁵³

As preocupações com relação às crianças, não se destinavam apenas às que estavam em situação de rua ou marginais. Aspectos relacionados à educação dos menores e à moral também suscitavam comentários. No Recife, um colunista do *Diário de Pernambuco* escreveu na seção *Scenas & Telas* sobre sua inquietude ao presenciar crianças assistindo aos filmes policiais que passavam nas matinês dos cinemas. Ele defendia a censura destes filmes porque, segundo ele, as crianças abandonaram as brincadeiras com “carrinhos feitos com cascas de melancia” e não mais corriam “montados em cabos de vassouras”. Devido à influência dos filmes, conforme suas observações, as crianças estavam vestindo roupas à americana, chapéus à *cowboy* e imitando os vaqueiros de *far West*.¹⁵⁴

¹⁵¹ AGUIAR, José. *A infância no Brasil*. Porto Alegre: Avec, 2017.

¹⁵² MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo*. In: PRIORI, Mary Del (Organ.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 192.

¹⁵³ MIRANDA, Humberto da Silva. *Meninos, moleques, menores...* Faces da infância no Recife – 1927 – 1937. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2008. p. 20-21.

¹⁵⁴ *Diário de Pernambuco*, 5 de janeiro de 1920. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Certamente por influência das obras de Sigmund Freud, psiquiatra considerado o pai da psicanálise, percebemos nos jornais da década de 1920, matérias relacionadas a pesquisas em relação à psiquê das crianças. Conforme nota intitulada “O que as crianças sonham”, um inspetor de serviços médico-escolares, que realizou enquête com cinco mil crianças, observou que seus sonhos se baseavam, dependendo da idade e do sexo, em um conjunto de imagens que se revelavam ao espírito durante o sono que evidenciavam medo de ladrões, de animais, relações com o Natal, com contos de fadas, com o cotidiano doméstico.¹⁵⁵

Clarice Lispector descreveu sua infância como sendo muito pobre. Em entrevista realizada no Museu da Imagem e do Som, em 1976, ela confessou: “Olha, eu não sabia que era pobre, você sabe? [...] Eu era muito pobre, filha de imigrantes”. Na mesma conversa, contou que perguntou a Elisa Lispector se elas haviam passado fome e a irmã mais velha respondeu que quase que isso aconteceu. Relembrou também: “Havia no Recife, numa praça, um homem que vendia uma laranjada na qual a laranja tinha passado longe. Isso e um pedaço de pão era o nosso almoço”.¹⁵⁶

O historiador Humberto da Silva Miranda relata que a cidade do Recife, na década de 1920, crescia desordenadamente, e em consequência, os problemas urbanos começavam a aparecer como um grande índice de abandono infantil, prostituição, menores de idade escalados para o trabalho, e ressalta que muitos destes jovens morriam em decorrência dos maus-tratos.¹⁵⁷ A situação da família Lispector não era fácil financeiramente, como era comum acontecer com os imigrantes judeus em fase de adaptação. O trabalho era escasso, não havendo muita fonte de renda. Porém, a situação dos Lispector não era de extrema pobreza, nem de abandono. Apesar das dificuldades, mantinham, dentro do que era possível, um bom nível de dignidade.

Arriscaríamos dizer que Clarice Lispector era uma criança rica em muitos aspectos, a depender do ponto de vista de quem enxerga riqueza como determinados valores que lhe foram ensinados, virtudes que foram construídas. Há quem diga, porém, que a felicidade do indivíduo depende em parte, da situação financeira da pessoa. Talvez

¹⁵⁵ *Diário de Pernambuco*, 5 de janeiro de 1920. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁵⁶ SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 204-205.

¹⁵⁷ MIRANDA, Humberto da Silva. *Meninos, moleques, menores...* Faces da infância no Recife – 1927 – 1937. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2008. p. 40.

dependa também, da faixa etária em que a pessoa se encontre. A escritora comentou que quando criança, não tinha muita consciência dos tempos difíceis.¹⁵⁸

Dois pesquisadores da Princeton University, Angus Deaton e Daniel Kahneman, relacionaram em um trabalho, a saúde emocional de um grupo de entrevistados, com a renda que eles possuíam. Eles chegaram à conclusão de que a pobreza contribuía para agravar as desventuras próprias da vida, como as doenças, a solidão, perda de um ente querido, separação. Uma vida com mais folga financeira também significa que o indivíduo terá mais tempo para fazer o que gosta, sem precisar perder tempo com preocupações de como se suprir.¹⁵⁹ O historiador Leandro Karnal, ao discorrer acerca deste assunto, enfatiza que:

A miséria absoluta, eu tenho insistido isto em palestras, não ter comida, não ter onde morar, ver seus filhos passando fome, não ter acesso a remédios básicos, a miséria absoluta é sempre geradora de infelicidade. Não é verdade que o dinheiro traga felicidade. Mas não é possível ser feliz com fome, não tendo onde morar e vendo as pessoas que você ama se desesperarem pela falta de recursos.¹⁶⁰

Clarice Lispector se definia como uma criança alegre, viva.¹⁶¹ Isso não significa, porém, que ela não sentisse uma dor profunda ao ver seu pai com dificuldades financeiras. Essa vivência a marcou até a fase adulta. A prova disso está em crônicas que escreveu, como a exemplo de *O passeio da família* (1971).¹⁶² Neste texto, ela ressalta a maneira pela qual a situação financeira precária afetava a vida emocional de sua família.

O pai da autora é retratado de forma melancólica. Ele conduz a família a um passeio no cais do porto (o nome da cidade do Recife está oculto nesta crônica), atitude que se repetia aos domingos. Porém, ele não demonstrava muita alegria. Seus olhos eram

¹⁵⁸ SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 205.

¹⁵⁹ PRADO, Ana. *Dinheiro não traz felicidade?* Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/dinheiro-nao-traz-felicidade/>. Acesso em: 17 de abr. 2020.

¹⁶⁰ KARNAL, Leandro. *Leandro Karnal: eu sou um amigo da felicidade*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6jpv2wJOCZc&t=2s>. Acesso em: 22 de abr. 2020.

¹⁶¹ SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 205.

¹⁶² LISPECTOR, Clarice. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1971. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

fixados nas águas oleosas do local, causando inquietude nas filhas, que tentavam desviar sua atenção para coisas mais alegres ou para trazê-lo de volta ao presente.

Clarice Lispector parecia sentir que algo grave rondava a família: passado, presente, futuro. Suas irmãs mais velhas tinham maior consciência do que a família viveu antes de chegar ao Brasil, das dificuldades que experienciavam no presente e da falta de perspectiva de trabalho para o futuro, causando em todos eles uma certa desesperança. Elas eram incumbidas de cuidar da mãe doente e de afazeres domésticos, mas a menina Clarice usava o humor para tentar trazer um pouco de leveza ao ambiente familiar. Às vezes, fazia brincadeiras para que a mãe sorrisse, e conseguia. Marieta, dentro de suas possibilidades de enferma, abria um sorriso.¹⁶³

Clarice também fazia graça para o pai, quando quis se sentar em um banco de bar alto demais para uma menina de seu tamanho. Ela já tinha consciência da situação financeira difícil pela qual a família passava, de modo que escolheu para beber, como descreve na crônica, uma bebida que fosse mais em conta: o “ovomaltine de bar”.¹⁶⁴ Ela a tomou forçosamente, dado que não gostou, mas sentia culpa em dizê-lo, porque sabia

¹⁶³ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 38.

¹⁶⁴ Certamente, o Ovomaltine de bar que Clarice Lispector se refere na crônica, é o maltado, bebida considerada o carro-chefe do estabelecimento *As Galerias*. O local foi fundado em 1928 por um cubano chamado Fidélis Lago, que aportou no Recife em 1927. Era localizado entre as avenidas Rio Branco e Marquês de Olinda, número 58, em um edifício que por seu formato, é conhecido como “ferro de engomar”. Hoje, é administrado por Jorge Henrique Santa Cruz Gomes dos Santos, neto de Fidélis Lago, e é considerado em lei patrimônio cultural gastronômico e imaterial da cidade. Quando Clarice Lispector morava na capital pernambucana, o local funcionava vinte e quatro horas, a fim de atender às necessidades alimentares dos trabalhadores do porto e do seu entorno (o maltado, cuja constituição leva sorvete artesanal de baunilha, leite e malte da semente selecionada do cacau, era considerada uma bebida energética). A loja *As Galerias* ficava próxima de engraxates, e boxes que vendiam frutas e cafês. Fonte: Entrevista realizada com Jorge Gomes, Recife, 04 de outubro de 2020. Pelo depoimento do bibliotecário e professor Edson Nery da Fonseca, recifense, apenas um ano mais novo que Clarice Lispector, podemos deduzir que era hábito comum das famílias, realizarem passeios no porto do Recife aos domingos para ver os navios atracados no cais. O bibliotecário descreve situação parecida com a da menina Clarice. O pai o levava para olhar os navios e depois tomar o maltado e comer bolo confeitado no estabelecimento *As Galerias*. Ele descreve outros lugares importantes existentes no bairro do Recife naquela época: a pensão de Alzira, a boate Chanteclair, o Texas Bar, o armazém Tupúia, o Ship Chandler, a Botica francesa de Pierre Rouquayrol, a padaria Continental, Western Telegraph, a livraria Universal. Fonte: Jornal do Commercio, Recife, 23 de agosto de 1992. Entrevista realizada com Jorge Gomes, Recife, 04 de outubro de 2020. Ressalta-se que a pesquisadora Geórgia Alves foi quem apontou pela primeira vez acerca da representatividade do estabelecimento que fornece o maltado, chamado de “*As Galerias*” desde sua inauguração em 1928, e da ligação da bebida com o “ovomaltine de bar” mencionado por Clarice Lispector na crônica “O passeio da família”.

do sacrifício que fez o pai para comprar a bebida. Sentiu até mal-estar ao beber o que chamou de “escolha infeliz”, mas não podia rejeitá-la.

Na mente da menina Clarice, várias emoções se passavam, entre elas, a culpa de não gostar daquela bebida que ia além da capacidade do pai em pagar (ou de aceitar pagar), que colocava em prova para ela mesma sobre o seu valor como pessoa humana. Para a criança, naquele momento de experimentação de algo caro, valia a obrigação de sentir-se feliz, para servir de testemunha de que haveria a possibilidade de um mundo mais promissor. Ao final do programa, o pai validava o peso financeiro de todo o passeio: “mesmo sem ter feito nada, gastamos tanto”. A filha pequena então, seguia tentando ser alegre no meio de fantasmas que porventura surgiam em suas fantasias.

Mas o sentimento de menos-valia que Clarice Lispector dava a entender possuir, na nossa percepção, tinha raízes nos primórdios de sua vida, quando se questionava se foi acolhida por sua família como pessoa humana desejada, ou foi destinada a apenas salvar sua mãe de uma doença¹⁶⁵. Dúvida que parece nunca haver sanado por completo e que faria com que suas inseguranças recrudescessem.

Clarice Lispector teve uma infância rica no sentido de que parecia haver sensibilidade e afeto em seu lar. Mencionamos, no primeiro capítulo, que mesmo enfrentando situação financeira difícil e de não conseguir lidar com a pobreza, Pedro Lispector proporcionou às suas filhas estudos nos melhores colégios do Recife e não apenas isso: deu de presente a elas um piano para que elas tivessem contato com o instrumento através de aulas semanais com uma professora.

Esse tipo de atitude entrava em confronto com comportamentos típicos de pais de família do sistema patriarcal da época. A historiadora Cristina Inojosa, discutiu sobre o conservadorismo com relação à mulher no início do século XX:

¹⁶⁵ Destacamos aqui que Benjamin Moser lançou como afirmação, em sua biografia *Clarice*, a hipótese infundada de que Marieta Lispector foi estuprada e contraiu sífilis. Ressalta Márcia Lígia Guidin: “Contra esse diagnóstico interpretativo, alinho-me a muitas outras vozes: não há nenhum documento ou depoimento real e identificado que prove a hipótese do estupro, muito menos a sífilis”. Fonte: GUIDIN, Márcia Lígia. *Uma biografia pop*: Nova edição de livro sobre vida e obra de Clarice Lispector segue repleta de equívocos defendidos por Benjamin Moser. Jornal Rascunho. Curitiba: Editora Letras & Livros, dezembro de 2017.

A sociedade do período de 20 e 30, em Pernambuco, exigia da mulher um modelo de virtudes e predicados domésticos, os quais lhe bastariam dentro do lar, servindo apenas à família, sem se realizar emocionalmente, à espera, talvez, de uma velhice tranquila, que deveria vir certamente da consciência de um dever cumprido. Dever esse, que lhe seria imposto, jamais escolhido.¹⁶⁶

Clarice Lispector, em sua condição de mulher, não precisou transgredir o sistema patriarcal, pelo menos dentro de sua casa. No seio da família, ela não precisava fazer esforço no sentido de precisar provar que uma mulher seria capaz de pensar, sentir, agir como qualquer ser humano. Pedro Lispector parecia ser um chefe de família que pretendia valorizar e amar as mulheres que o cercavam. Marcia Algranti, neta dele, contou que o avô era tão amoroso a ponto de ir do bairro da Tijuca até o Flamengo, no Rio de Janeiro, onde ela morava quando era recém-nascida, só para assistir ao seu banho diário. Ela lamenta não ter convivido com o avô por mais tempo porque ele faleceu no Rio de Janeiro de uma cirurgia de vesícula malsucedida.¹⁶⁷ Pedro Lispector morreu no dia 26 de agosto de 1940, com apenas 55 anos.¹⁶⁸

No texto “Persona” (1968), Clarice Lispector deixou-nos uma ideia sobre valores que aprendeu com o pai, sobretudo a humildade:

Acho que aprendi o que vou contar com meu pai. Quando elogiavam demais alguém, ele resumia sóbrio e calmo: é, ele é uma pessoa. Até hoje digo, como se fosse o máximo que se pode dizer de alguém que venceu numa luta, e digo com o coração orgulhoso de pertencer à humanidade: ele, ele é um homem. Obrigada por ter desde cedo me ensinado a distinguir entre os que realmente nascem, vivem e morrem, daqueles que, como gente, não são pessoas.¹⁶⁹

Na crônica “Lição de piano” (1967), a autora descreve sua sensação de felicidade por coisas simples como o surgimento, no caminho de bonde para a aula de piano, de um pé de acácia que a agradava ou a criação de músicas que ela compunha no período em

¹⁶⁶ INOJOSA, Cristina. *Martha de Hollanda: feminismo e feminilidade*. Recife: Assessoria Editorial do Nordeste, 1984, p. 26.

¹⁶⁷ Baseado na entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

¹⁶⁸ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 72.

¹⁶⁹ LISPECTOR, Clarice. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 de março de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

que estava aprendendo o instrumento com uma professora chamada Dona Pupu.¹⁷⁰ Mas a felicidade maior, que estava subentendida, era o fato de que ela sabia ter um pai que a valorizava, proporcionando afeto, cultura, educação e sobretudo, respeito. À noite, Pedro Lispector costumava pedir para que as filhas tocassem para ele escutar. Era um homem que possuía sensibilidade para a música. A escritora recorda que, certa vez, ele acordou emocionado de um cochilo porque escutou no rádio, uma música de Beethoven.

Pela atitude de Pedro Lispector de comprar um piano para as filhas estudarem, percebemos não apenas uma preocupação com a educação cultural delas, mas uma boa porção de generosidade também. Quando suas filhas começaram a frequentar as aulas, Marieta Lispector tinha falecido recentemente e o contato com o instrumento era também, uma forma de desviar a atenção do sofrimento da perda. Clarice Lispector não gostava das lições, porém, Elisa e Tania tinham mais apreço pelo instrumento. Elas seguiram os estudos com o maestro Ernâni Braga, no Conservatório Pernambucano de Música. Ela descreve um comentário que o maestro fez: “disse que eu tinha dedos frágeis. Prefiro calar-me: este também morreu. E meus dedos não são frágeis. Eu tenho uma força, eu sei. E minha força está na suavidade de meus dedos frágeis e delicados”, conclui a escritora.¹⁷¹ Interessante pensarmos nesta frase dicotômica, visto que com a suavidade de seus dedos, escreveu uma obra literária cheia de vigor, observação apontada por Thiago Cavalcante Jeronimo.¹⁷²

Numa audição de alunas das irmãs Kurka Hotton, que aconteceu no Teatro de Santa Isabel, no dia 25 de fevereiro de 1928, marcado para às 13 horas, Elisa e Tania Lispector se apresentaram. Na primeira parte, Tania é a 18ª a se apresentar, tocando a 1ª suíte infantil “Nenê vai dormir” de Heitor Villa-Lobos. Na segunda parte, as primeiras a se apresentarem são as duas irmãs juntas, Elisa e Tania Lispector, tocando a 4 mãos “Danças Eslavas”, de Anton Dvorak op. 46, nº 1. Depois, na terceira posição, Elisa se apresenta sozinha, tocando “Waldesrauschen”. Op. 6, de Fr. Braumgard. Sarita Rabin, prima delas, também fez uma apresentação naquele dia, na primeira parte, logo depois de Tania, tocando “Menuet”, de Moszkowski.¹⁷³

¹⁷⁰ LISPECTOR, Clarice. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1967. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁷¹ LISPECTOR, Clarice. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1967. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁷² Entrevista realizada com Thiago Cavalcante Jeronimo via e-mail, 13 de agosto de 2020.

¹⁷³ *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1928. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Na atualidade, presenciamos alguns defensores dos direitos humanos mais radicais, propondo a realização de mudanças nas letras de algumas canções infantis cuja abordagem eles declaram serem agressivas, como no caso da música “Atirei o pau no gato” ou “O cravo brigou com a rosa”. Já outros profissionais da área de educação discordam desta ideia e acham que seria uma atitude exagerada, visto que estas canções fazem parte da tradição cultural brasileira.¹⁷⁴ É necessário que a verdade não seja mascarada de todo para que a criança possa criar suas defesas psíquicas. A psicanalista Julieta Jerusalinsky aponta para o fato de que histórias que finalizam com a frase “e viveram felizes para sempre” ocultam que a narrativa naquele ponto está, na verdade, começando, porque viver uma felicidade eterna, além de irreal, seria uma experiência totalmente entediante para um ser humano.¹⁷⁵

Ao observarmos a literatura de Clarice Lispector, deparamo-nos com a realidade de que a criança entende e sente a maldade desde cedo. Dentro e fora dela. Faz-se necessário talvez educar, mas não mascarar. Na medida em que ela escreveu o conto “Felicidade Clandestina”, baseado em suas próprias vivências da infância, entendemos que a escritora lembrava perfeitamente de tudo que sentiu e que a partir de uma experiência de perversão e maldade, pôde crescer com ela.

Na ocasião, Clarice Lispector morava ao lado da livraria Imperatriz, no Recife, no segundo andar de um sobrado na rua da Imperatriz Tereza Cristina. A livraria Imperatriz pertencia a um livreiro chamado Jacob Berenstein. Quase toda a intelectualidade pernambucana frequentava o estabelecimento, que fica até os dias de hoje nas margens do rio Capibaribe. O livreiro tinha duas filhas: Suzana e Reveca. Esta última fez amizade com Clarice Lispector, era quase da mesma idade e estudavam juntas no Ginásio Pernambucano.

Em seu conto “Felicidade Clandestina”, publicado na coletânea de contos com o mesmo nome (1971) e que antes foi apresentado no Jornal do Brasil com o nome de “Tortura e Glória”, em 2 de setembro de 1967, Reveca, filha do dono de uma das mais importantes livrarias do Recife quando Clarice era criança (e que existe até hoje), é ficcionalizada no texto. A personagem que a representa, que no conto aparece sem nome,

¹⁷⁴ SALGADO, Gisele Mascarelli. *Músicas na justiça: a letra no banco dos réus*. São Paulo, Revista Âmbito Jurídico, 2012.

¹⁷⁵ JERUSALINSKY, Julieta. *Infância e memória/Antônio Prata*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hWIGbTQoYfo>. Acesso em: 27 de abr. 2020.

é uma menina sádica, perversa, mesquinha, cruel, vingativa. Sabendo que sua amiga (a menina Clarice) adorava ler, porém, não tinha condições de comprar livros, e que queria emprestado o livro *Reinações de Narizinho* (1931), de Monteiro Lobato, que ela possuía em sua biblioteca, falava para a amiga desculpas como a de que tinha emprestado o livro, ou que não estava em casa. Quando a mãe da menina descobriu o jogo perverso que sua filha fazia, deixou-a de castigo. A mãe da menina funciona como uma juíza na história. “A justiça tarda, mas não falha”, como diria o dito popular.

Suzana Horowitz, irmã de Reveca Berenstein, em depoimento à biógrafa Nádía Battella Gotlib, revelou que presenciou toda a história e que de fato, aconteceu. Falou que sua mãe, não apenas castigou a irmã como também disse a Clarice Lispector que escolhesse tudo o que quisesse.¹⁷⁶ A escritora guardou em sua mente este fato e na fase adulta, escreveu um de seus contos mais simbólicos e autobiográficos. Ela transformou a dor que sentiu em decorrência da perversidade da amiga e divaga sobre a incompletude do que seria a felicidade, a ponto de tê-la chamado de “clandestina”. Em outra crônica, chamada “O primeiro livro de cada uma de minhas vidas”, a escritora volta a abordar o assunto, chamando Reveca de “primeiro monstinho de minha vida”.¹⁷⁷

No conto, Clarice Lispector demonstra a intimidade que tinha com a cidade do Recife: “até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas”.¹⁷⁸ Destas “pontes mais do que vistas”, a mais familiar para a escritora certamente era a ponte da Boa Vista, construída por Maurício de Nassau em 1640. Ela liga a rua da Imperatriz, no bairro da Boa Vista, à rua Nova, que fica no bairro de Santo Antônio. A ponte da Boa Vista começa exatamente onde fica situada a Livraria Imperatriz.

No conto, há diversas revelações sobre o amor que a menina Clarice, ficcionalizada na narrativa, sentia pela leitura, pelos livros. Ao se referir ao volume de *As Reinações de Narizinho*, ela se derrama: “era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o”.¹⁷⁹ Todo o conto é um nadar em águas revoltas para enfim,

¹⁷⁶ GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 104.

¹⁷⁷ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1973. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁷⁸ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 7.

¹⁷⁹ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 8.

encontrar a calma. Todo o conto se traduz na sua busca pelo seu objeto de paixão. Aquele livro era para ela seu primeiro enamoramento, a ponto de alçá-lo à condição de pessoa humana, pois finalmente, com o exemplar no colo, devaneia: “não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”.¹⁸⁰ No final, a menina entra em estado de profundo êxtase com o livro que tem em mãos, mas Clarice Lispector nos revela vários elementos importantes e realistas: é inerente ao atingimento do gozo, sacrifícios, paciência, renúncias, resiliência.

Com relação ao “êxtase” que mencionamos acima, como sentimento da personagem, cabe salientar a interessante interpretação da escritora Yudith Rosembaum acerca do caráter erótico que está nas entrelinhas da narrativa:

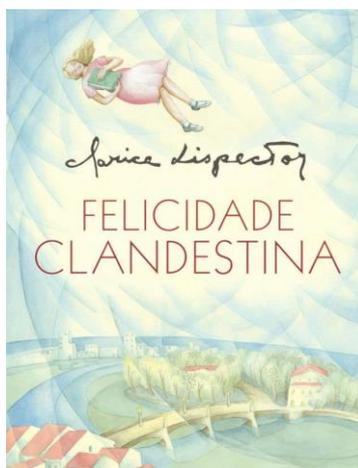
“Notemos a narração libidinosa, fetichizada, do objeto de desejo da pequena leitora: ‘Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima das minhas posses’. Para além da voracidade devoradora já apontada (comendo-o...), impossível deixar de observar nessa passagem o caráter erótico da relação narradora/livro [...]. Toda a descrição, sexualizada pela linguagem, antecipa a frase final do conto, que explicita a identificação livro/amante”.¹⁸¹

O livro *Felicidade Clandestina* foi publicado em 1971, trazendo muitos contos que remetem ao tempo em que a escritora viveu no Recife.. O volume teve várias edições, com capas diferentes. Ao nosso entender, a capa que melhor representa o espírito do texto de abertura é a que tem trabalho gráfico de Flor Opazo, lançado pela editora Rocco em 1998:

¹⁸⁰ Ibidem. p. 10.

¹⁸¹ ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2006. p. 76.

Figura 5 – Felicidade Clandestina



Fonte: Instituto Moreira Salles.
Disponível em:
<https://claricelispectorims.com.br/livro-a-livro/felicidade-clandestina/>. Acesso em: 25 de abr. 2020.

A figura 5 ressalta o trabalho de Flor Opazo, que traduz o sentimento do conto: na ilustração vemos, uma menina transcendendo toda a dificuldade por que passou para conseguir o livro que queria ler. Ela é retratada no alto, flutuando sobre o bairro da Boa Vista no Recife, sobre o rio Capibaribe e suas pontes, tendo superado toda a maldade da qual foi vítima.¹⁸² A justiça foi feita e ela estava “no céu”. Apenas ela e seu “amante”.

O que, para a protagonista do conto, tornaria a felicidade lícita e não clandestina? Ter dinheiro para comprar o livro *As reinações de Narizinho*? Percebe-se que a menina que possuía uma biblioteca em casa, filha de dono da livraria, alimentava valores mesquinhos dentro de si que a faziam ser, provavelmente, uma menina infeliz. Inclusive ela é descrita como inculta, quando se lê: “continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia”.¹⁸³ Ou quando da repreensão da mãe da menina: “mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler”.¹⁸⁴ Quanto a protagonista da história, poderíamos considerar como sendo uma criança feliz, por cultivar valores como honestidade, valorização do hábito da leitura. Poderíamos entender que ela era feliz por aprender desde cedo a se fortalecer com as experiências da vida, boas ou más.

¹⁸² ALVES, Geórgia Priscila. *O Retrato do Recife de Clarice Lispector*. Dissertação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. p. 90.

¹⁸³ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 7.

¹⁸⁴ *Ibidem*. p. 9.

2.2 – A SINUOSA CONQUISTA DA FELICIDADE

O que é que se consegue quando se fica feliz? [...] depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois? [...] Ser feliz é para se conseguir o quê?¹⁸⁵

Uma criança é mais livre de pudores do que um adulto. Certos pudores são necessários, de fato, no sentido de educar-se. Mas se existe um exagero neles, a ponto de transformar a vida de uma pessoa num eterno desculpar-se, numa perda do que é espontâneo, o adulto vai desejar abandonar a “terceira perna”¹⁸⁶ que trazia conforto, mas que o afastava de si mesmo. O excesso de pudor terá que ser abandonado.

Na infância de Clarice Lispector não há registros de surras, violências, repressões. E não há apontamentos também, de maldades praticadas com pessoas ou animais, como é comum nas crianças, que naquela época, “brincavam” de apedrejar pássaros com bодоques. Talvez isso não acontecesse porque a escritora era acostumada a viver em um lar de cuidados e apreço à leitura e à cultura. Bons valores que Olga Borelli, amiga da escritora, revelou:

Clarice me dizia sempre que ela tomou gosto pela leitura desde criança de tanto ouvir o pai dizer que os livros guardavam histórias maravilhosas, que quem lia acabava sendo uma pessoa melhor... Isso era bem judaico, essa valorização do livro pelos imigrantes...¹⁸⁷

No início do século XX, o universo infantil era o de brincadeiras nos quintais, nas ruas, no chão de terra. Eram cantigas de roda, folguedos. A expressão popular “o dono da bola” designando alguém importante, surgiu dessas brincadeiras. Os jogos de bola eram praticados com bolas feitas de pé de meia. As de borracha eram melhores e de vez em quando alguém levava. Mas quando aparecia algum menino rico trazendo uma bola de couro para jogar, a brincadeira virava uma festa. O dono da bola de couro era então, mais respeitado. Havia também, as brincadeiras de diabo-rengo, chicote-queimado e muitas brigas entre as crianças. A psicanalista Maria Rita Kehl reflete:

¹⁸⁵ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 29.

¹⁸⁶ LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 9.

¹⁸⁷ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 45.

As ânsias da infância não têm, necessariamente, a ver com a estimulação que hoje nós estamos muito acostumados: cinema, tv, computadores, sites. É simplesmente o fato de que é da criança, e é o que nos põe para a frente, querer, desejar, sonhar, coisas que ainda não dá. E então se não dá, a gente fantasia. A gente brinca de tudo aquilo que a gente não pode ser. Desde casinha, mamãe e papai, e essas brincadeiras mais domésticas, até brincadeiras de “ir para a lua de foguete”, “descobrir a Amazônia dentro de uma pracinha que tem cinco árvores”, de “andar pelo deserto numa praia que tem um pedacinho de areia, que ninguém está lá”. A criança brinca porque ela anseia coisas. E ela domina o mundo, em parte, domina simbolicamente o mundo, brincando.¹⁸⁸

Bertha Cohen, prima de Clarice Lispector, conta que as duas brincavam muito juntas e que a escritora tinha uma imaginação tão fértil, que por vezes, apenas a observava, mas que não conseguia alcançar tanta inventividade. Bertha fala que elas iam até o banheiro e Clarice, então, começava a colocar um nome para cada azulejo que ali havia. Também ganhavam seus próprios nomes os lápis de cor. Ela não se conformava, talvez, com a inanidade dos objetos.¹⁸⁹

Num dos carnavais que aconteceram no Recife, quando Clarice Lispector morava na cidade, fantasiou-se, e a lembrança do episódio a deixou emocionada. Isto está registrado na crônica-conto “Restos do carnaval” (1968), quando confessou: “Ah, está se tornando difícil escrever”.¹⁹⁰ O carnaval do Recife agitava sua alma infantil. Ela participava da festa como podia. Por ser muito criança, não era permitida ir além da porta de sua casa. Mas conseguia se divertir, da porta mesmo, borrifando lança-perfumes e jogando confetes para o alto.

Na época, o carnaval passava na frente da sua casa. E para animar ainda mais a folia, na praça Maciel Pinheiro, existia a sede do bloco “Batutas da Boa Vista”, que saía pelas ruas da cidade entoando suas canções.¹⁹¹ Uma destas canções se chamava “Saudade de Felinto de Moraes”. Outros blocos passavam pelas ruas do Recife com seus foliões entusiasmados, como o bloco “Inocentes do Rosarinho” e o “Club Vassourinhas”.¹⁹² Durante a década de 1920, houve tentativas de regulamentar o carnaval, como a lei que

¹⁸⁸ KHEL, Maria Rita. *Melancolia na infância/Julieta Jerusalinsky*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tEXNCygMsRQ>. Acesso em: 27 de abr. 2020.

¹⁸⁹ OLIVEIRA, Tacia. *A descoberta do mundo*. Depoimento de Bertha Cohen. Recife: Zest Artes e Comunicação, 2015.

¹⁹⁰ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 23.

¹⁹¹ *Diário de Pernambuco*, Recife, 3 de janeiro de 1928.

¹⁹² *Jornal Pequeno*, Recife, 18 de janeiro de 1928.

proibia o uso de bisnagas, farinha de trigo, goma e derivados. Mas Clarice Lispector não estava fora da lei. Os confetes com os quais se divertia eram permitidos.¹⁹³

Na crônica-conto “Restos de Carnaval”, Clarice Lispector descreve sua emoção quando se deparava com o carnaval do Recife:

Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlata. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim.¹⁹⁴

Não era para menos. A partir de janeiro, a cidade começava a se movimentar em torno da festa, que acontecia tanto na rua quanto nos clubes da cidade. As lojas anunciavam seus produtos: cetins, tarlatanas, pompons, máscaras, confetes, serpentinas e lança-perfumes, como era o caso da Casa Aida, que ficava na rua da Imperatriz, nº 292, próxima de onde Clarice Lispector morava.¹⁹⁵ Os jornais estavam repletos de convites para que a população frequentasse os bailes da cidade como “o baile de carnaval do Jockey Club”, que em 1928 aconteceu no dia 18 de fevereiro, e que, segundo um anúncio no *Jornal Pequeno*, destinava-se aos “associados e à fina sociedade pernambucana”.¹⁹⁶

O principal ritmo do carnaval do Recife era o frevo. Sobre este movimento, discorre o sociólogo Gilberto Freyre:

É o chamado frevo uma dança neobrasileira só do Recife. Só do carnaval de rua do Recife. Dança muito sacolejada, com alguma coisa de primitivo na sua espontaneidade. Mas no meio desse sacolejado, e de acordo com a música carnavalesca que se toque, muito abandono lírico, sentimental, lânguido. O melhor intérprete musical do carnaval do Recife talvez seja hoje o maestro Nelson Ferreira. Ele ou o igualmente admirável Capiba. O melhor intérprete em cores, do mesmo carnaval, é o pintor Lula Cardoso Ayres. Do carnaval e dos xangôs.¹⁹⁷

¹⁹³ *Jornal do Recife*, Recife, 8 de janeiro de 1920.

¹⁹⁴ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 23.

¹⁹⁵ *Jornal Pequeno*, Recife, 18 de janeiro de 1928.

¹⁹⁶ *Jornal Pequeno*, Recife, 13 de janeiro de 1928.

¹⁹⁷ FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. São Paulo. Global Editora e Distribuidora LTDA, 2013. p. 186.

As crianças ganhavam suas festas em clubes, durante o carnaval, porém, a escritora ressentia-se por não ter ido a nenhuma: “Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado”.¹⁹⁸ Mas nem precisava. A praça Maciel Pinheiro era tão animada que pessoas chegavam a alugar suas casas para os carnavalescos que quisessem se hospedar durante o período de carnaval, como no anúncio do *Jornal do Recife*: “Alugasse o segundo andar da praça Maciel Pinheiro, nº 58, com duas salas e cinco quartos, muito ventilado e otimamente situado para as festas de carnaval”.¹⁹⁹

Algumas troças eram montadas nas próprias casas dos foliões, como observamos em anúncios da época, como este observado no *Jornal Pequeno*: “A troça carnavalesca mista Bola de Ouro, realiza hoje, o seu terceiro ensaio, na residência do seu digno consórcio Amaro dos Santos, situada à rua 13 de maio, em Santo Amaro”.²⁰⁰ O carnaval era então, uma mistura de danças, de fantasias, de cores intensas. Para uma criança da idade de Clarice Lispector, era por demais atrativo. Gilberto Freyre nos oferece uma análise de como eram os carnavais do Recife:

O carnaval do Recife guarda muita reminiscência dos cantos e das danças dos antigos escravos; a marcha de carnaval recifense tem alguma coisa de banzo africano no meio de sua alegria quente e contagiosa; os clubes que saem pelas ruas e praças, com seus estandartes bordados a ouro, conservam alguma coisa de velhos cultos totêmicos e animistas, é claro que já muito dissimulados.²⁰¹

Para Clarice Lispector, o carnaval era um misto de fascínio e medo, como bem descreve: “E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara”.²⁰² As fantasias eram, ora irreverentes, ora líricas. Certa vez ela presenciou uma amiga se fantasiar de rosa: “Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe

¹⁹⁸ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 23.

¹⁹⁹ *Jornal do Recife*, Recife, 9 de janeiro de 1929.

²⁰⁰ *Jornal Pequeno*, Recife, 19 de janeiro de 1928.

²⁰¹ FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. São Paulo. Global Editora e Distribuidora LTDA, 2013. p. 186.

²⁰² LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 24.

lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira”.²⁰³

Naquele carnaval, sem data definida na crônica-conto, ela decidiu se fantasiar.²⁰⁴ Sobrou muito papel crepom e a mãe de sua amiga aproveitou a sobra para fazer uma fantasia para ela. Ela confessou: “pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma”.²⁰⁵ Numa euforia incontida, ela e a amiga tentaram calcular tudo o que aconteceria nos mínimos detalhes. Mas desde que somos crianças, a vida mostra que nem sempre ela se apresenta como desejamos. O escritor Milan Kundera alertou certa vez para o fato de que a leveza do ser seria insustentável.²⁰⁶

A menina Clarice, quando já estava toda pronta para ir ao carnaval, vestida com papel crepom, sua mãe teve uma piora de saúde repentina e rápido, ela teve que ir até a farmácia comprar um remédio. A escritora contou o que sentiu: “fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava”.²⁰⁷

As dificuldades que Clarice Lispector enfrentava, quanto a relação que tinha com sua mãe, está de volta neste conto-crônica. Ela refletiu: “muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto, essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso”.²⁰⁸ É importante observar que podemos intuir que a história narrada pela autora de fato foi vivida por ela, porém, jamais poderíamos afirmar que toda a narrativa de fato aconteceu tal como é descrita. O pesquisador Thiago Cavalcante Jeronimo ressalta:

²⁰³ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 25.

²⁰⁴ “Clarice Lispector passeava pelos gêneros textuais embaralhando e desmanchando os seus arquétipos. Como trabalhou em jornal, muitos dos seus textos ficcionais viraram textos jornalísticos, e o inverso também aconteceu. Muitos contos são transpostos à esfera jornalística e muitas crônicas formaram contos, capítulos de romances. Enquanto contos/capítulos de livros, esses textos são inteiramente ficcionais, pura ficção. Enquanto crônicas, esses textos revelam a memória da pessoa Clarice”. Fonte: Entrevista realizada com Thiago Cavalcante Jeronimo via e-mail, 13 de agosto de 2020.

²⁰⁵ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 25.

²⁰⁶ Kundera, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁰⁷ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 26.

²⁰⁸ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 26.

Compete elucidar a constatação da biógrafa Nádya Battella Gotlib no tocante ao “pacto ficcional” que Clarice Lispector cria com seu leitor, a exemplo o conto *Felicidade clandestina*. A voz narrativa “intuí ser” a da autora recordando cenas de sua infância no Recife. Em menina, Clarice viveu na cidade nordestina. Ocorrência que trará resquícios, é bem verdade, na produção ficcional e cronista da autora. O conto, logo na sua abertura, descreve a filha do dono da livraria como: “[...] gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados” (LISPECTOR, 1998, p. 9). No seu livro *Clarice fotobiografia*, Gotlib recupera cerca de oitocentas fotos para compor um registro inédito e de abalizada fortuna documental no que tange à reconstrução da vida de Clarice Lispector através de imagens. A pesquisadora, dentre as imagens selecionadas, recupera uma foto de Rebeca Berenstein, “a filha do dono da livraria que inspirou a criação da personagem do conto ‘Felicidade clandestina’” (GOTLIB, 2009b, p. 92). Ora, a imagem se contrapõe ao texto narrado: Rebeca não era gorda, nem baixa, nem sardenta e não tinha os cabelos excessivamente crespos²⁰⁹.

Isto posto, não podemos negar que o assunto referente à Marieta Lispector era recorrente na obra da filha caçula. De forma ficcional ou não, o incômodo parecia emergir à sua mente e transparecer em forma de palavras. A questão não estava no fato da doença em si, mas como ela repercutia para uma criança que não conseguia entender com profundidade suas faltas internas. Numa situação como aquela, ficava difícil para Clarice Lispector trabalhar dentro de si a percepção de que certas circunstâncias limitavam os cuidados e atenção que sua mãe poderia ter com ela. Sua irmã mais velha, Elisa, que poderia funcionar como uma possível substituta, estaria também muito voltada a cuidar da enfermidade de Marieta. O trabalho era árduo e a compreensão àquela situação não era fácil.

Em “Restos de Carnaval”, um certo alívio finalmente acontece. A situação se acalma dentro de casa e uma das irmãs de Clarice Lispector penteia seus cabelos e a ajuda a se recompor para participar do carnaval, porém, não havia nela, o mesmo espírito de alegria de antes, como narrou: “alguma coisa tinha morrido em mim”.²¹⁰ Porém, dentro de todos estes percalços para vivenciar pela primeira vez seu carnaval, aconteceu o que para ela foi uma “salvação”. Um menino apareceu na sua frente e cobriu-lhe os cabelos de confete. Houve uma troca de olhares e sorrisos entre os dois. E o ato, que poderia ser provocativo, serviu-lhe como alento por ter sido escolhida, olhada. Ela finaliza a crônica

²⁰⁹ JERONIMO, Thiago Cavalcanti. *Benjamin Moser*: quando a luz dos holofotes interessa mais que a ética acadêmica. DLCV - Língua, Linguística & Literatura, v. 14, n. 1, p. 8-20, 20 dez. 2018.

²¹⁰ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 26.

com a seguinte observação: “Eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa”.²¹¹

A pesquisadora Maria Lúcia Homem reflete acerca do mito do amor parental em discurso do canal de internet *Casa do Saber*. Ela entende que o ser humano tende a romantizar a relação entre mãe e filho, enxergando o amor que há nessa relação como incondicional e inquebrantável, quando isso não existe. Para ela, há um movimento benéfico atualmente em que pais e filhos conseguem falar abertamente sobre os incômodos que existem nas relações entre eles, o que antes não era permitido. No passado, as mães entregavam os filhos para as mães de leite, porém, uma mulher não era capaz de se permitir dizer que não sentia desejo de ter filhos. Por sua vez, os filhos não se permitiam dizer que, em certos momentos, odiavam seus pais. Ela frisa que as relações são ambivalentes e que isto faz parte do ser humano.²¹² Sob a luz desta reflexão, entendemos que Marieta Lispector era para suas filhas motivo de amor, ao mesmo tempo em que ela representava um empecilho para elas. Parte da vida delas foi de privação pelos cuidados demandados pela mãe. Certamente Clarice Lispector, toda fantasiada para se divertir no carnaval, deve ter sentido um misto de raiva, remorso, tristeza, por ter que abdicar de tudo para ir numa farmácia, que nem era ambiente de criança, para comprar um remédio para sua mãe, não se fazendo disso, porém, algo que não esteja dentro dos sentimentos normais que um ser humano possa sentir.

Nas obras de Clarice Lispector, percebemos a presença de sentimentos ambivalentes, que se relacionam entre si. É como se ela percebesse que as dicotomias estão presentes no viver dos sentimentos humanos desde a infância. No conto-crônica “Restos de carnaval”, o peso da doença da mãe e o remorso que isso provoca nela é um fato, porém, concomitante a esse peso, existem possibilidades positivas que ela de forma inteligente se beneficia. Em nenhum momento, a escritora se vitimiza ou lamenta aspectos difíceis de sua vida. Ela grita de dor, mas sabe também traduzir suas dores, transformando-as em aprendizado, sem ter jamais pena dela mesma ou cair em pieguices.

²¹¹ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 26.

²¹² HOMEM, Maria Lúcia. *O mito do amor parental*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qAlsO1hHCWE>. Acesso em: 9 mai, 2020.

2.3 – O CONTATO COM A NATUREZA

*Os achados estão para as crianças como as vitórias estão para os adultos.*²¹³

A criança, quando interage com a natureza, depara-se desde cedo com os processos de nascimento, vida e morte, o que é fundamental para seu crescimento porque nela é gerada uma percepção existencial do que é amadurecer. A natureza traz a reflexão sobre as origens, insere a criança no seu *habitat* natural. O amor à natureza traz também para a criança, o sentimento de pertencimento ao mundo. Ela é atraída naturalmente para os espaços ao ar livre, para o contato com os animais, para o toque da água. Tudo isso a transporta para a origem da vida.²¹⁴

Na crônica “A lontra”, Walter Benjamin descreve a maneira imaginativa de como lidava com a natureza quando era criança. Ele fantasiava que os animais tinham características humanas. A relação com eles era ambígua: tanto os adorava quanto os temia. Sobre as plantas, ele as descreve como possuidoras do “dom de nos deixar prever o futuro”.²¹⁵ Não se cansava de olhar para a lontra no zoológico da cidade, observando a chuva cair sobre ela, penteando naturalmente seu pelo. Poeticamente, ele compara seus dias de chuva em casa com o abrigo da lontra no zoológico, porque, na sua percepção, dentro de sua gruta, a lontra era uma criatura segura.

A natureza se faz então, elemento indissociável ao desenvolvimento de uma criança. Com a ajuda dela, a criança descobre a si mesma e percebe as trocas que ela é capaz de oferecer. Os primeiros aprendizados das causas e suas conseqüências, por exemplo, estão presentes nessas trocas: se uma criança arranca uma planta, vai atentar para o fato de que provocou a morte de um ser vivo. Futuramente ela vai entender que a purificação do ar que ela respira vai depender também desta planta que morreu. Ela entenderá que também faz parte de um universo que está vivo e que interage com ela²¹⁶.

²¹³ BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única – Infância Berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 93.

²¹⁴ TIRIBA, Lea. *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

²¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única – Infância Berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 92.

²¹⁶ RAIMO, Fabio. *Benefícios de uma infância rica em natureza*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=euUD3hEMrT4>. Acesso em: 5 mai, 2020.

Não é de hoje que se fala na cura através da natureza. Há milênios, pessoas fazem uso de ervas medicinais, argila, caminhadas ao ar livre, alimentos naturais, para se curar de alguma doença ou simplesmente para manter a saúde em dia. Os banhos de mar estão enquadrados nesta categoria. A ciência propõe que o cloreto de sódio, encontrado na água do mar, infiltra-se nas células do corpo humano e o protege contra inflamações e bactérias. Traz também, inegável sensação de relaxamento e bem-estar para as pessoas.

Pedro Lispector acreditava nos efeitos de cura que o banho de mar proporcionava. E conta Clarice Lispector, na crônica “Banhos de Mar” (1969), que ele achava que os banhos deveriam acontecer antes de o sol nascer, e em jejum, para que os benefícios fossem consolidados. Isso era motivo para que a filha caçula se transformasse em pura felicidade. Ela descreve que quase não dormia quando sabia que no outro dia, iria acordar de madrugada e pegar o bonde com a família em direção à Olinda, para tomar banho de mar.²¹⁷

A estrada que ligava Recife à Olinda, passando pelo bairro de Santo Amaro e, portanto, encurtando o caminho, começou a ser construído em 1817, porém, não foi concluído. Fernando do Rego Barros, o conde da Boa Vista, em 1841, não apenas retomou as obras como acreditou ser importante, seguindo a opinião do então engenheiro de obras públicas de seu governo, Louis Léger Vauthier, a construção também de uma estrada de ferro para facilitar o transporte entre as duas cidades vizinhas.

Apenas em 1871 é que uma empresa chamada Companhia de Trilhos Urbanos colocou trens para circular fazendo o trajeto entre as duas cidades: as marias fumaças, como eram conhecidas as locomotivas a vapor. O trem saía do Recife em direção ao Varadouro, bairro de Olinda. Desta parada até a que ficava no Pátio do Carmo, o trem seguia pela orla, beirando o mar. Os bondes elétricos chegaram em 1915, fazendo parte já do processo de modernização. No Recife, a estação central ficava na rua da Aurora, número 38.

A companhia responsável pelos bondes na década de 1920 era a Pernambuco Tramways. As viagens eram baratas, cômodas, alegres e divertidas, conforme passageiros frequentes. Nelas, era possível conversar sobre política, literatura, teatro e outros

²¹⁷ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1969. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

assuntos, fazer negócios, ler jornal, fazer amizades. Existia um bonde, apelidado de Zeppelin, que era mais sofisticado, fazendo o itinerário Recife – Olinda.²¹⁸

Clarice Lispector descreve a felicidade que sentia nos dias em que ia para Olinda: “Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu de promessa de felicidade para o futuro. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária”.²¹⁹ Era ela quem, alvoroçada, acordava toda a família de madrugada para que se vestissem e saíssem para pegar o bonde.

Essa viagem diária até Olinda nos faz perceber a importância dos afetos. Nela, a família, unida, desfrutava de momentos de prazer. Clarice Lispector jamais esqueceu da memória afetiva desses encontros. A família brincava com ela porque durante o trajeto, ela ia observando tudo, desde pessoas, os campos com bichos-de-pé, os animais e quando avistava um, entusiasmava-se, como quando exclamou certa vez: “Olhe um porco de verdade!”.²²⁰ Vez ou outra a família repetia essa frase, rindo, para brincar com ela.

A importância desses encontros, de estar junto com a família na infância, refletiu por toda a vida da escritora. Marcia Algranti, sobrinha de Clarice Lispector, conta ter a lembrança do amor que unia as três irmãs. Segundo ela, era um amor muito profundo.²²¹ Depois que se formou em direito, já morando no Rio de Janeiro, Clarice se casou com Maury Gurgel Valente, seu colega de faculdade, e por causa da profissão de diplomata do marido, viveu em alguns países da Europa e nos Estados Unidos. Nunca, porém, deixou de escrever cartas afetuosas para suas irmãs.

As cartas estão registradas no livro *Minhas Queridas* (2007) e, também, em *Correspondências* (2002). Apesar de as cartas terem sido escritas em países como a Itália, em 1944, em plena segunda guerra mundial, são redigidas de forma doce pela autora, que sempre se reporta às irmãs com expressões afetuosas como “minha florzinha”, “Elisinha, minha querida”, “Tania, queridinha” ou “minhas queridíssimas”, referindo-se às duas juntas. O conteúdo das cartas, eram também, muitas vezes fortes e cheios de sabedoria.

²¹⁸ GASPAR, Lúcia. Bondes de Olinda. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

²¹⁹ LISPECTOR, Clarice. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1969. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²²⁰ LISPECTOR, Clarice. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1969. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²²¹ Baseado na entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

Numa delas, já morando em Berna, depois da guerra, em 1948, diz para Tania Kaufmann, sua irmã: “Tania, não pense que a pessoa tem tanta força assim, a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”.²²² Em outra carta, datada de 28 de janeiro de 1947, enviada de Paris, ela escreve amorosamente: “Minha irmãzinha, te adoro, minha única amiga. Oh, querida, meu modo de dizer como te adoro já gastou as palavras até. Seja feliz, seja feliz, seja feliz!”. E no final da carta, lembra: “mande retratos”.²²³

Toda aquela amorosidade entre as irmãs Lispector teve como nascedouro a vida unida e humilde no Recife. Diante das situações difíceis, elas se ajudavam mutuamente e se uniam também para tentar dar o melhor para a mãe enferma e para o pai, que trabalhava duro para sustentar a família. Os encontros com a natureza, como as ocasiões em que toda a família ia tomar banho de mar em Olinda, contribuía para dar leveza a família e fortalecer os laços que havia entre eles.

Clarice Lispector conta que o mar de Olinda era forte e perigoso, mas que ela sentia uma profunda interação com a natureza, como descreve:

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum, como o sol se levantando pálido ainda no horizonte. Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever. O mar de Olinda era muito iodado e salgado. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco de mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele”.²²⁴

Terminado o banho de mar, a família Lispector voltava para casa, porque Pedro Lispector tinha que sair para exercer sua função de *klientelshik*. Pegavam o bonde de volta para o Recife e tomavam café apenas quando chegavam, ainda com o sal no corpo. Clarice Lispector confessa: “era contra minha vontade que eu tomava um chuveiro que me deixava límpida e sem o mar”. E termina a crônica lamentando não mais poder

²²² LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 164.

²²³ LISPECTOR, Clarice. *Minhas Queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p. 224-225.

²²⁴ LISPECTOR, Clarice. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1969. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

experimental a felicidade vivida daquela forma peculiar da infância: “Como sentir com a frescura da inocência o sol vermelho se levantar? Nunca mais? Nunca mais. Nunca”.²²⁵

Gilberto Freyre registrou as palavras solenes do professor naturalista Guenther, quando passou um ano observando as plantas e os animais da região: “o templo mais glorioso de qualquer país é a sua natureza; os pássaros, os animais são ornamento vivo desse templo: quem não os respeita está roubando o seu próprio país...”. Descreve os bichos que o pesquisador viu pela mata atlântica de Pernambuco: saguis, cobras, timbus, além de pássaros como curió, papa-capim, sabiá, rouxinol e também muita borboleta.²²⁶

Numa entrevista, Clarice Lispector confessou que possuía uma profunda ligação com as forças da natureza. Sempre adorou os animais e sempre os colocou na cena de seus contos, crônicas, romances. No sobrado da praça Maciel Pinheiro, criava bichos no quintal. Chegou até a ter um macaco de estimação. Na mesma entrevista, disse que tinha muitos gatos quando morava no Recife.²²⁷

Na obra de Clarice Lispector, aparecem a todo momento menções aos animais. Esses bichos podem vir de forma mais objetiva ou vêm de forma simbólica, muitas vezes onírica. Quando seu filho, Paulo Gurgel Valente, era criança, pediu à mãe que escrevesse uma história para ele. Então, a escritora criou a história de um coelho que pensava quando o nariz balançava e teve a ideia de sair da gaiola onde vivia toda vez que a comida acabava. Foi uma homenagem da autora, a dois coelhos de estimação que seus filhos tiveram e foi publicada em livro com o nome de *O mistério do coelho pensante* (1967). Além deste, outros livros infantis vieram, todos com a temática relacionada aos animais e à natureza: *A mulher que matou os peixes* (1968), *A vida íntima de Laura* (1974), *Quase de verdade* (1973) e *Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras* (1987).

O professor Carlos Mendes de Sousa faz a seguinte observação:

²²⁵ LISPECTOR, Clarice. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1969. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²²⁶ FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. São Paulo: Global, 2007.

²²⁷ SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 249.

O animal começa por ser entrevisto como um dos mais óbvios e indispensáveis signos numa caracterização da escrita de Clarice Lispector, cuja fundamentação podemos encontrar no ovo, figura fundadora. Falar em Clarice Lispector é falar da barata ou da galinha ou do cavalo e, poder-se-ia, seguidamente, continuar com um extenso rol: o cão, o búfalo, um mico, uma esperança etc. No entanto, os três primeiros constituem uma tríade sustentada por um extraordinário comparecimento obsessivo.²²⁸

Nos contos e crônicas que mencionam o Recife, de forma direta ou indireta, Clarice Lispector discorre acerca de aspectos relacionados a natureza. No conto “Uma história de tanto amor”²²⁹, uma menina conhecia a alma e os anseios das galinhas, de tanto que as observava. Cada uma delas tinha seu nome: Pedrina, Petronilha, Eponina. Ela analisava as angústias do único galo, que diante de tantas galinhas a seu dispor, não conseguia amar verdadeiramente. Havia a preocupação também com a responsabilidade dele em cantar assim que o sol despontasse no horizonte e para tanto, tinha que passar a noite acordado.

Certo dia, quando a menina voltou do passeio, foi informada que comeram Petronilha e ela passou a odiar todos que na sua casa comiam galinhas. A escritora, no conto, faz uma alusão aos bichos para trazer à tona assuntos como solidão, amor romântico, amor realista, perdas, confiança. Ela reflete:

A menina ainda não tinha entendido que os homens não podem ser curados de serem homens e as galinhas de serem galinhas; tanto o homem como a galinha têm misérias e grandeza (a da galinha é a de pôr um ovo branco de forma perfeita) inerentes à própria espécie.²³⁰

São análises sobre a existência humana, que a autora deixa evidenciar através do contato com os animais.

Num dos momentos mais belos do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), um cavalo é utilizado pela autora como alusão a uma parte da alma da personagem que ela sabe da existência, mas que ainda está no processo de descobrimento:

²²⁸ SOUSA, Carlos Mendes. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. p. 285.

²²⁹ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 147-150.

²³⁰ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 147-150.

Existe um ser que mora dentro de mim como se fosse a casa dele, e é. Trata-se de um cavalo preto e lustroso que apesar de inteiramente selvagem – pois nunca morou antes em ninguém nem jamais lhe puseram rédeas nem sela – apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primeira de quem não tem medo: come às vezes na minha mão.²³¹

A barata do romance *A paixão segundo G.H.* (1964) é o bicho mais emblemático da obra de Clarice Lispector. Corporifica-se como símbolo de um material inconsciente a ser desvendado, que a protagonista que dita a perspectiva da narrativa, G. H., rejeita, ao mesmo tempo que sabe ser necessário enfrentar para se libertar da “terceira perna” que a prende. Engolir a barata que ela mesma esmaga, será sua libertação e a busca dessa liberdade, que para ela, é um caminho sem volta.

Durante sua vida, Clarice Lispector criou diversos bichos, como o cão Dilermando, no tempo em que morou na Itália, Jack, quando passou um tempo nos Estados Unidos e Ulisses, no Rio de Janeiro. Certa vez, disse ao jornalista Edilberto Coutinho que adora os bichos e que quem não gosta é porque teme sua própria animalidade.²³² Olga Borelli diz que diariamente, ela se recostava no sofá da sala com Ulisses, seu cão de estimação, a seus pés.²³³ Em outra entrevista, a escritora mencionou que já compararam ela com os felinos e a escritora Marina Colasanti falou que achava que era porque ela era introspectiva e observadora, no que ela concordou.²³⁴

²³¹ LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978. p. 26.

²³² GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 66.

²³³ BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 29.

²³⁴ SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 249.

Figura 6 - Tela de Clarice Lispector –
Pássaro da Liberdade, 5 jun. 1975.



Fonte: Fonte: SOUSA. Carlos Mendes de. *Clarice Lispector pinturas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p. 164.

A figura 6, mostra-nos a tela *O pássaro da liberdade*, tendo sido pintada por Clarice Lispector dois anos antes de sua morte, que aconteceu no dia 9 de dezembro de 1977, véspera de seu aniversário de 57 anos. A tela foi pintada com traços simples, mas para a escritora, tem um cunho simbólico forte: representa o que ela talvez mais valorizava e buscava alcançar: a liberdade. Uma de suas frases mais emblemáticas se extrai de seu primeiro livro *Perto do coração selvagem* (1943), que diz: “liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome”.²³⁵ O desejo por liberdade perpassou a vida dela de forma intensa. Seja no Recife, Rio de Janeiro, ou em qualquer lugar onde viveu, procurava pensar, sentir, expressar, escrever de forma livre, sem amarras ou medos que a prendessem.

No próximo capítulo, veremos a influência do Recife na vida e escrita de Clarice Lispector.

²³⁵ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 70.

CAPÍTULO 3:

OS TONS E SONS DO RECIFE

“Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, me criei no Nordeste”²³⁶

²³⁶ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 26.

3.1 – “UM AR MEIO PERDIDO”

É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou uma profissional – e preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela. Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura.²³⁷

Numa entrevista concedida ao jornalista José Eduardo Gonçalves, a escritora Marina Colasanti ressalta que Clarice Lispector dizia ser Recife a terra dela, como se lá, ela tivesse nascido. Falou também que ela guardava aquela cidade em sua memória afetiva com fidelidade. Imagina que a escritora era ligada à sinagoga, porque havia no Recife uma comunidade judaica coesa, mas que ela não costumava falar sobre o assunto.²³⁸

Quando Affonso Romano de Sant’anna disse a Clarisse Lispector que Ariano Suassuna teria falado que *Água viva* (1973) fora um dos melhores textos que já leu, ela exclamou: “Virge Maria!”. Ele então aproveitou a deixa para perguntar se aquela expressão era nordestina, no que ela respondeu: “Ó xente! também”.²³⁹ O último romance que Clarice Lispector escreveu, *A hora da estrela* (1977), tem o Recife onde ela viveu fortemente representado.

Falar sobre algo que “sufoca”, é uma necessidade humana. A fala não serve apenas para transmitir algo ao outro, mas também, ajudam os indivíduos a se observarem internamente. Auxiliam as pessoas a organizem seus devaneios interiores. A literatura é um mecanismo importante neste exercício. Havia toda uma vivência no Recife que Clarice Lispector desejava decifrar. Sentimentos que ela tinha dificuldade de abordar através da fala, eram vertidos na escrita.²⁴⁰

²³⁷ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 11.

²³⁸ Marina Colasanti era amiga de Clarice Lispector. Depoimentos dados durante a entrevista com o jornalista José Eduardo Gonçalves. Fonte: COLASANTI, Marina. *Letra em cena como ler Clarice Lispector*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qTkfud_lcv&t=432s. Acesso em: 05 de ago. 2020.

²³⁹ O espanto de Clarice Lispector estava no fato de que muitas pessoas terem dito que não gostavam do livro. Fonte: SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 219.

²⁴⁰ É importante ressaltar que o Recife não era em si o aspecto principal na obra de Clarice, mas uma complementação, no que se relacionava à sua infância, na elaboração de questões relativas à alma humana, que era de fato, o principal mote de sua escrita.

Conta o escritor José Castello, que Freud espantou-se ao receber um prêmio literário. Foi o prêmio Goethe, concedido na cidade de Frankfurt. Naquela ocasião, via-se um sinal de entrelaçamento inevitável da literatura com a psicanálise. Não por menos: uma das ferramentas mais importantes para os estudos psicanalíticos se trata dos sonhos e eles representam narrativas valiosas. E assim como contamos histórias através de sonhos, também o fazemos através da literatura. Ela pode perfeitamente ser considerada como fragmentos de vidas que estão sendo relatados. O consciente e o inconsciente sendo expostos nos textos, sejam eles em forma de crônicas, romances, contos, poemas, cartas.²⁴¹

E se a literatura é produzida através de histórias, pode a história ser considerada como literatura? Para ajudar a compreender a diferença, o historiador Sidney Chalhoub explica:

O historiador tem que tornar plausível a interpretação que ele apresenta. E tornar uma interpretação plausível significa ancorá-la num discurso de demonstração e prova. Contudo, eu acredito que quanto mais o historiador é atento aos protocolos narrativos dos textos que ele utiliza, mais ele estará capacitado a entender as experiências históricas dos sujeitos que viveram aquele período.²⁴²

Os historiadores comumente utilizam a literatura como fonte. É possível aprendermos sobre Clarice Lispector e seu passado no Recife através de sua ficção. A protagonista do livro *A hora da estrela*, por exemplo, nasceu em Alagoas. Talvez uma homenagem à Maceió, onde a escritora primeiro pisou em solo brasileiro. Depois de três anos morando lá, foi para o Recife. Foi nesta última cidade que passou toda sua infância, o que deu à escritora subsídios para que construísse sua Macabéa. A necessidade de expelir através de sua literatura essa vivência, sofreu elaborações ao longo do tempo, culminando com o romance *A hora da estrela* (1977).

O historiador costuma se aproximar de várias fontes quando parte para suas pesquisas. Desta forma, a história é entrelaçada à literatura, e vice-versa. Também com

²⁴¹ CASTELLO, José. *Freud na poltrona*. Jornal Rascunho. Curitiba: Editora Letras & Livros, agosto de 2020. p. 5.

²⁴² CHALHOUB, Sidney. *História: história e literatura* – Sidney Chalhoub. UNIVESP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e5jnTFQg6as&t=1535s>. Acesso em: 7 de ago. 2020.

outros campos, como a exemplo da psicanálise. Sobre este aspecto, o historiador Michel de Certeau levanta uma questão interessante: se o indivíduo, como um gesto de defesa, recalca questões que para ele são difíceis de digerir, e que, posteriormente, através da memória, traz indagações para o consciente, o historiador se utiliza também do passado para entender e organizar o presente. Ele sugere também, como analogia a esta reflexão, um exemplo literário: “depois de ter sido assassinado, o pai de Hamlet retorna, mas como fantasma, em outra cena, e é, então, que ele se torna a lei à qual o filho obedece”.²⁴³

Nádia Battella Gotlib, em entrevista, descreve sua percepção acerca da personalidade de Clarice Lispector e da maneira pela qual ela é admirada por psicanalistas:

É uma mulher de personalidade muito forte e extremamente sensível [...] E tinha a surpreendente capacidade de entender o mecanismo da alma humana... por que que as pessoas agem? E é por isso que os psicanalistas adoram Clarice. Ela nunca estudou psicanálise. Ela foi psicanalisada [...], mas ela tinha esse dom de perceber o que se passa dentro da alma humana... e de uma alma humana de nível universal, porque ela captou muito bem as características de brasilidade[...]. Ela gostava das comidas, da música nordestina. Ela gostava do Rio de Janeiro, sentia saudade do Brasil quando estava no exterior, e ela adorava a língua portuguesa [...]. E é esse caráter brasileiro, somado ao caráter universal de entender essa alma, que é de todo mundo, é que faz dela uma excelente escritora.²⁴⁴

É relevante perceber que Clarice Lispector desperta muito interesse aos profissionais da área de psicologia. A psicanalista Maria Lúcia Homem, por exemplo, publicou um livro que discorre acerca de três das obras da escritora: *Um sopro de vida* (1978), *Água viva* (1973) e *A hora da estrela* (1977). Com relação a este último, ela faz uma análise a respeito das três histórias que estão contidas em uma história só: a de Macabéa, a do narrador Rodrigo S. M. e a da própria narrativa. A protagonista da história nasceu no sertão de Alagoas, onde viveu sua infância e depois migrou para o Rio de Janeiro.²⁴⁵

²⁴³ CERTEAU, Michel. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

²⁴⁴ GOTLIB, Nádia. Entrevista para o canal Maravilhoso Escândalo, Instagram (@maravilhoescondalo). 6 de ago. 2020.

²⁴⁵ HOMEM, Maria Lúcia. No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector. São Paulo: Boitempo: Edusp, 2012. p. 109-149.

É notória a maneira pela qual Clarice Lispector se identifica com sua própria criação. Ela fala através de um narrador: “... eu em menino me criei no Nordeste.²⁴⁶ Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe”.²⁴⁷ Um narrador que fala da personagem à maneira como a sente: “o que escrevo é mais que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida”.²⁴⁸

Clarice Lispector fez análise por muitos anos, quando adulta. Esta descoberta coaduna com a personalidade investigativa que a escritora possuía desde a infância. É de fato, um traço marcante de sua pessoa, e consequentemente, de sua escrita. Se pensarmos na ideia de um psicanalista utilizando o romance *A hora da estrela* como objeto de fala da autora, de seus sonhos e pensamentos, encontraríamos inúmeros elementos da sua personalidade sob o aspecto das experiências vivenciadas no Recife.

Sabe-se que Freud recorreu a autores de literatura como Goethe, Friedrich Schiller, Arthur Schnitzler e William Shakespeare, para pensar sobre suas teorias. Gostava das histórias de Agatha Christie, Joseph Conrad, Rudyard Kipling, Anatole France, Emile Zola e Mark Twain.²⁴⁹ Em sua vida, sofreu tão forte influência da literatura que chegou a batizar uma de suas mais conhecidas teorias com o nome de um personagem criado pelo dramaturgo grego Sófocles: o complexo de Édipo, nome extraído da peça de teatro Édipo Rei. É interessante refletir o que teria pensado o pai da psicanálise, caso houvesse lido *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, ou mesmo toda a obra da autora. Caso isso ocorresse, que influência Clarice teria exercido sobre o pensamento de Freud? Que interferências teria a própria teoria psicanalítica? Trata-se de uma especulação instigante.²⁵⁰

²⁴⁶ Duas observações a serem apontadas: 1) Segundo o professor José Miguel Wisnik, em palestra proferida no dia 26/09/2020 (Trilogia de Clarice Lispector, 1º Viver de escrever, Instituto Estação das Letras), o narrador de *A hora da estrela* seria masculino para que uma ruptura entre Clarice Lispector e Macebéa, sua criação, fosse estabelecida. Para que as duas não se fundissem em uma só. 2) O Nordeste comentado neste trabalho não é o imagético, tão bem explorado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu livro *A invenção do Nordeste* (1999). Enquanto alguns escritores da geração de Clarice Lispector tentavam criar um nordeste com uma “marca” diferente e separada do sul do Brasil e não o Nordeste como ele é de fato, a autora retrata o Recife onde viveu de forma a servir como pano de fundo para suas vivências e sensações. Uma outra abordagem, portanto.

²⁴⁷ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 12.

²⁴⁸ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 13.

²⁴⁹ CASTELLO, José. *Freud na poltrona*. Jornal Rascunho. Curitiba: Editora Letras & Livros, agosto de 2020. p. 5.

²⁵⁰ Questionamento elaborado pelo psicanalista Acyr Maya, conforme entrevista realizada com José Castello em 08 de agosto de 2020.

A escritora soube traduzir com excelência o que experienciou, através de sua literatura. O que viveu no período entre 1925 e 1935 no Recife, expressou em cartas, crônicas, entrevistas, romances, contos, depoimentos. Na época em que a escritora colaborou para o *Jornal do Brasil* (agosto de 1967 a dezembro de 1973), foram publicados textos onde percebemos sua relação carinhosa com aquele tempo. São contos-crônicas a exemplo de “Cem anos de perdão”, “O que eu queria ter sido”, “Restos do carnaval”, “Lição de piano”, “As grandes punições”, para citar alguns.

O Recife, no período entre 1925 e 1935, contava com uma massa de gente simplória, recentemente saída do período escravocrata, tão forte em Pernambuco. Pessoas que não tinham estudo e não recebiam estímulos para pensar por si mesmas. Eram subjugadas pelo poder público, senhores de engenhos ou comerciantes abastados. A personagem Macabéa existia em Clarice Lispector como uma inquietação. Uma injustiça era sentida pela escritora ao elaborar sua narrativa. A personagem principal de *A hora da estrela* era o retrato de uma pessoa com a mente direcionada a repetições, por não ser capaz de formular seu próprio pensamento, de colocar no mundo sua fala, sua marca.²⁵¹ Seu desamparo já se anuncia na dedicatória e se mistura com o sentimento de desolação da própria autora, quando escreveu o livro e o publicou pouco antes de sua morte:

Essa história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo me dê. Voz? É uma história em technicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amém para nós todos.²⁵²

A protagonista que Clarice Lispector compôs, conforme é narrado, nem prostituta poderia ser, porque não teria corpo para vender. Macabéa era uma mulher sem importância, cuja falta ninguém sentiria. A escritora, através da voz do narrador, confessa: “Aliás – descubro eu agora – também não faço a menor falta”, e até o que escrevo um outro escreveria”.²⁵³ Teria a autora carregado dentro de si um sentimento de menos-valia até sua morte?

²⁵¹ HOMEM, Maria Lúcia. No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector. São Paulo: Boitempo: Edusp, 2012. p. 116.

²⁵² LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 10.

²⁵³ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 14.

A menina Clarice deve ter convivido direta ou indiretamente com pessoas que mal sabiam escrever o nome, de uma singeleza e simplicidade muito característica da cidade onde passou sua infância. Ela deve ter se deparado com muitas mulheres como Macabéa, que não tiveram, como a escritora, oportunidade de se instruir. Conta o narrador de *A hora da estrela* que a protagonista conseguiu, por causa de um curso que fez, pago por sua tia, elevar-se da posição de quase iletrada, para a qualificação “digna” de datilógrafa. No Recife da década de 1920, não era sempre que isso acontecia. Pelas ruas vagavam mendigos, carregadores de carga, gazeteiros, estivadores, vendedores ambulantes, prostitutas, desocupados, entre outras pessoas sem qualificação para exercer melhores trabalhos. Essas pessoas incomodavam uma outra classe, formada pelas chamadas “famílias de bem”, que fazia parte de uma elite que contrastava com os indivíduos mais simplórios. A burguesia recifense mantinha hábitos diferentes daqueles que apenas lutavam pela sobrevivência. Os mais abastados costumavam passear no Parque Amorim, fazer compras em boas lojas na rua Nova ou assistir às regatas dos remadores do Clube Náutico Capibaribe às margens do principal rio do município.²⁵⁴

A família Lispector vivia de forma humilde no Recife. Eram pobres, porém, Pedro Lispector fazia questão, como já foi citado em capítulos anteriores, de proporcionar uma boa educação e cultura para as filhas. Desta maneira, Clarice Lispector em si, não poderia ser comparada à protagonista de *A hora da estrela*. Macabéa só conseguiu estudar até o terceiro ano primário. Vivia sem propósito, sem nada a questionar, sem se permitir necessidades. Conforme a autora, seria uma vida quase invisível aos outros, opaca. Será que a escritora optou por não prolongar a existência da personagem para dar ao romance um desfecho apoteótico ou simplesmente por não acreditar ser possível a continuidade de uma vida como aquela, sem trocas ou acréscimos relevantes? Macabéa é apresentada como uma mulher insossa, magra, reduzida apenas a si mesma, levando uma vida de grandes dificuldades de adaptação ao seu entorno. Na voz do narrador, Clarice Lispector confessa, no mesmo texto, ter esperança de encontrar “o mundo e seu Deus”.²⁵⁵

A escritora, durante sua vida, tomou outros rumos que não o de sua personagem de *A hora da estrela*. Clarice não se resignou, nem aceitou o anonimato em sua vida pessoal. Transformou-se em “alguém”. Converteu-se em um nome importante na

²⁵⁴ COUCEIRO, Sylvia (prefácio). BARROS, Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. Recife: Cepe, 2015. p. 14-15

²⁵⁵ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 18.

literatura brasileira, uma personalidade reconhecida e admirada no Brasil e em outros países do mundo. Macabéa, então, é, ao mesmo tempo, parte da escritora, ao mesmo tempo que seu contraponto. O Recife estava vivo na autora, mas se revelava, também, algo que precisava ser ressignificado.

O livro *A hora da estrela* foi escrito em dois anos e meio e Clarice Lispector sofreu para elaborar o texto, visto que revisitou memórias difíceis de digerir, com relação à sua infância.²⁵⁶ Conforme Rodrigo S. M., o narrador da história, Macabéa era dona de uma santidade e pureza que talvez só existam em pessoas pobres. E aquela benevolência estaria além dela própria, visto se considerar tão pouco, a ponto de não mais encontrar lugar para ela no mundo.²⁵⁷ Clarice/narrador fala que a personagem “pede” para que seja recuperada, seja da pobreza, miséria de corpo e espírito em que se depara. A escritora construiu uma protagonista desalentada e talvez isso explique sua angústia no processo de elaboração da narrativa: “ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando [...] o seu viver é ralo”.²⁵⁸

São tantas as fomes de Macabéa: de afeto, de dignidade, de alimento, de não ser estrela apenas na hora de sua morte. No final do livro, a escritora optou por encerrar o sofrimento da personagem com um atropelamento: o “gran finale” quando finalmente, ela é notada como pessoa.

Em um determinado momento da história, Macabéa, quando é narrado seu primeiro encontro com quem seria seu namorado, Olímpico, foi flagrada mirando parafusos num mostruário de uma loja de ferragens.²⁵⁹ Uma cena que alude à própria autora, quando se deduz ser ela atraída pela vaguidão. Certa vez, o escritor José Castello encontrou Clarice Lispector parada, diante de uma vitrine da avenida Copacabana. Quando ele a cumprimentou e olhou para o expositor da loja, percebeu perplexo que o que se via eram apenas manequins despidos. Sua perplexidade diante do que viu, disse ele, transformou-se em compreensão. Pensou: “Clarice tem paixão pelo vazio”.²⁶⁰ Este

²⁵⁶ VARIN, Claire. *Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*. São Paulo: Limiar, 2002.p. 168.

²⁵⁷ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 21.

²⁵⁸ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 23.

²⁵⁹ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 44.

²⁶⁰ CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 26.

encontro está registrado em sua crônica “A senhora do vazio”. Nela, o autor comenta o que ocorreu depois:

Descemos a avenida Copacabana. Clarice fez sinal para um táxi e se despede. Volto, intrigado, à vitrine vazia. Ali estão os manequins, com suas poses de elegância, mas sem qualquer elegância. Fios, caixas de papelão, uma vassoura, interruptores, um balde. Olhando o vazio, começo a entender que Clarice vê as coisas pelo avesso. Vê o que há atrás das coisas”.²⁶¹

O olhar vago de Clarice Lispector sobre manequins nus, alude ao olhar de Macabéa para o que havia atrás dos vidros de um estabelecimento, que por sua vez, traz à lembrança Pedro Lispector, quando fitava com o olhar perdido as águas oleosas do porto do Recife. Olhares voltados para o entremear das coisas. Os vazios, hiatos, silêncios, estão presentes na obra da escritora. Eles podem surgir de várias formas, como neste trecho do livro *A paixão segundo G. H.*:

Dá-me tua mão: vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música, existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos silêncio.²⁶²

A escritora fala acerca de lacunas relacionadas à ocupação produtiva, em entrevista concedida a Júlio Lerner, pouco antes de falecer:

²⁶¹ CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 26.

²⁶² LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 97.

Tenho períodos de produzir intensamente e tenho períodos-hiatos em que a vida fica intolerável [...] e então eu venho nesse período ou então, para me salvar, me lanço logo numa outra coisa, como por exemplo: eu acabei a novela, estou meio oca, então estou fazendo histórias para crianças [...] eu acho que quando não escrevo estou morta [...] é muito duro, esse período entre um trabalho e outro, e ao mesmo tempo é necessário para haver uma espécie de esvaziamento da cabeça para poder nascer alguma outra coisa, se nascer. É tudo tão incerto...²⁶³

Clarice Lispector traz a ideia de vaguidão na própria concepção de sua obra. No caso da personagem Macabéa, ela conta que teve a inspiração para criar a personagem quando esteve certa vez na feira do Campo de São Cristóvão, no Rio de Janeiro e percebeu um “ar meio perdido” dos nordestinos que moram naquela cidade. Àquela percepção, ela somou uma intuição que teve depois de ir a uma cartomante, que lhe disse que coisas boas estavam para acontecer. Ao sair de lá, ficou imaginando como seria se, de repente, morresse atropelada depois de ter ouvido todas aquelas benevolências. Daí surgiu a ideia de escrever o romance *A hora da estrela*.²⁶⁴

Olga Borelli conta que Clarice Lispector tinha o hábito de passear na feira de São Cristóvão. Ali, ela gostava principalmente das barracas e dos cantadores de viola. Experimentava pratos típicos pernambucanos, levava para casa beiju, melado. Vez ou outra imitava rindo os cantadores²⁶⁵. Os sons, os tons, as representações de um período que passou no Recife, tão marcante para a escritora, estavam ali presentes.

Macabéa, ao contrário de sua autora, não tinha como hábito questionar a si mesma. Em um único momento da narrativa, ela faz a pergunta: “quem sou eu?”²⁶⁶, o que foi para ela um grande susto, a ponto de parar de pensar completamente. Porém, a personagem se permitia às vezes contactar uma sensibilidade primitiva, como a de comprar uma rosa com o próprio salário. Uma pureza maior do que a da própria escritora quando, segundo ela, já vivia de forma automatizada, apenas pagando contas de luz, gás, telefone com o que recebia dos proventos. A consciência seria um diferencial entre as duas:

²⁶³ LERNER, Julio. *Clarice Lispector: essa desconhecida*...São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 22-24.

²⁶⁴ LERNER, Julio. *Clarice Lispector: essa desconhecida*...São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 26.

²⁶⁵ BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 96..

²⁶⁶ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 32.

Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo.²⁶⁷

Ao conhecer de perto a cidade do Recife e sua história, depara-se com diversos tipos como a protagonista de *A hora da estrela*. São pessoas que vivem sem questionamentos mais profundos, de um viver medíocre e sem gosto, “gastando pouco de sua vida para esta não acabar”²⁶⁸, parecendo economizar pensamentos e ideias. Macabéa não tinha nem mesmo referências de pai ou de mãe. Não era de ninguém. Seria a morte a melhor solução para quem não sabia como lidar com sua solidão complexa? A respeito deste aspecto, a psicanalista Maria Lúcia Homem reflete:

Há, em Clarice, a constante afirmação radical dessa “coisa” que pulsa, que é viva e vívida. No entanto, essa é apenas uma face da moeda: a morte permeia igualmente todo o texto, seus eventos e caracteres das personagens, numa forma peculiar de contrastar os opostos em constante tensão.²⁶⁹

A morte de Macabéa, é anunciada com sutileza, como demonstra o trecho a seguir:

Esse não-saber pode parecer ruim, mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina a cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.²⁷⁰

Clarice Lispector escreveu *A hora da estrela* nos últimos anos de sua vida, tendo o livro sido publicado pouco antes de sua morte. Conta-se que na véspera de morrer, quando estava no hospital, ela ficou com raiva de uma enfermeira que a impedira de sair

²⁶⁷ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 33.

²⁶⁸ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 32.

²⁶⁹ HOMEM, Maria Lúcia. No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector. São Paulo: Boitempo: Edusp, 2012. p. 139.

²⁷⁰ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 29.

do quarto e proferiu: “Você matou meu personagem!”²⁷¹. Seria Macabéa tão parte de sua autora, que, por um instante, numa espécie de delírio, ela se fundiu à sua criação?

3.2 – OLHOS ATENTOS

Escreve-se porque se sente sozinho no mundo, o que não é uma verdade de fato, mas uma verdade íntima.²⁷²

Quando a redação da seção infantil “Diário das crianças”, do jornal *Diário de Pernambuco* não aceitava seus contos para publicação, Clarice Lispector conta que não se sentia injustiçada com isso. Em depoimento a Pedro Bloch, ela confessou que até gostava mais das histórias das outras crianças do que as dela própria, mas que não iria copiar o estilo de ninguém porque preferia ser fiel a si mesma. Na época em que enviava os contos para o jornal pernambucano, ela tinha 7 anos e acabara de se alfabetizar, vale frisar. Em sua crônica “Vergonha de viver”, ela revela: Com sete anos eu mandava histórias e histórias para a seção infantil que saía às quintas-feiras num diário. Nunca foram aceitas. E eu, teimosa, continuava escrevendo”.²⁷³

A escritora conta que quando uma professora sua apontava alguma falha em seus desenhos, ela respondia dizendo que ficaria daquela forma mesmo. Não permitia que ninguém se intrometesse na sua criação. Em contrapartida, disse certa vez ter tido medo que “olhos estranhos” descobrissem o que escrevia, por isso escondia os textos quando criança. Ela declarou:

Aos nove anos escrevi uma peça de teatro de três atos, que coube dentro de quatro folhas de caderno. E como eu já falava de amor, escondi a peça atrás de uma estante e depois, com medo de que a achassem e me revelasse, infelizmente rasguei o texto. Digo infelizmente por que tenho curiosidade do que eu achava de amor aos nove precoces anos”²⁷⁴.

²⁷¹ GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 604.

²⁷² WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.* São Paulo: Editora Escuta, 1992. p. 21.

²⁷³ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1972. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁷⁴ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1972. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Clarice Lispector tinha dificuldade de exteriorizar o que sentia. Isto explica talvez o que disse ao jornalista Júlio Lerner, quando por ele foi entrevistada: “Eu sou tímida e ousada ao mesmo tempo”²⁷⁵. Ela faz menção ao assunto também na crônica *Vergonha de viver*: “Mas é que há a grande ousadia dos tímidos”²⁷⁶.

Foi assim que escondeu durante anos, contos que escreveu aos 14 anos. Tempos depois, já adulta, mostraria estes contos ao amigo e escritor Affonso Romano de Sant’anna. Numa entrevista concedida à pesquisadora Aparecida Maria Nunes, o escritor faz a seguinte observação: “não era uma criança qualquer escrevendo [...] já havia uma Clarice embrionária que abordava as relações entre pessoas e relações intersubjetivas”²⁷⁷. Em 1974, Ziraldo entrevistou Clarice Lispector, que disse a ele que o primeiro conto seu foi publicado por volta dos 15 anos.

Ela relembra, na crônica *O primeiro livro de cada uma de minhas vidas*, livros que deixaram na escritora uma marca, durante a infância e no início da adolescência. O mais importante e que deu mais alegria para ela, sendo já citado anteriormente, foi *Reinações de Narizinho* (1931), de Monteiro Lobato. Ela lembra também do impacto que sentiu ao ler *O lobo da estepe* (1927), de Herman Hesse, cuja narrativa a inspirou escrever um longo conto imitando aquele autor. Ela confessa: “a vida interior me fascinava. Eu havia entrado em contato com a grande literatura”²⁷⁸. Leu também *Crime e castigo* (1866), de Dostoievski, que quase lhe causou febre.²⁷⁹

O olhar de Clarice Lispector, antes de estar atento às leituras, percorria os espaços, o lado secreto de cada pessoa. Ela reconheceu:

Quando eu era criança, e depois adolescente, fui precoce em muitas coisas. Em sentir um ambiente, por exemplo, em apreender a atmosfera íntima de uma pessoa. Por outro lado, longe de precoce, estava em incrível atraso em relação a outras coisas importantes. Continuo aliás atrasada em muitos terrenos. Nada posso fazer: parece que há em mim um lado infantil que não cresce jamais.²⁸⁰

²⁷⁵ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 21-22.

²⁷⁶ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1972. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁷⁷ NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas e outras páginas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

²⁷⁸ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1973. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁷⁹ BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 66.

²⁸⁰ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No texto acima, trecho da crônica “A descoberta do mundo”, podemos novamente perceber características bastante claras da escrita e personalidade da escritora: uma curiosidade caminhando em direção a descortinar a alma humana e a sempre presente dualidade. A coragem de expor seus pontos frágeis não era tão comum na grande parte dos escritores.

Na crônica acima, Clarice discorre sem estar sob o invólucro de algum personagem. Porém, muitas vezes, a escritora costumava despistar o leitor, ou entrevistador, sobre aspectos de sua personalidade. Por outro lado, ela se expunha como se o espaço do leitor fosse seu confessionário. Paulo Gurgel Valente, filho da escritora, faz uma observação interessante sobre as crônicas que sua mãe escreveu entre 1967 e 1973: “essas crônicas talvez foram uma antecedência do Facebook porque ela postava no *Jornal do Brasil* coisas muito pessoais, que não se fazia. Daí eu acho que foi um pouco adiante do seu tempo”.²⁸¹

A escritora se utilizava da literatura para se auto investigar, é fato. E, de certa forma, sentia necessidade de compartilhar com os leitores as perguntas mais íntimas que fazia a si mesma:

Até mais que treze anos, por exemplo, eu estava em atraso quanto ao que os americanos chamam de fatos da vida. Essa expressão se refere à relação profunda de amor entre um homem e uma mulher, da qual nascem os filhos. Ou será que eu adivinhava, mas turvava minha possibilidade de lucidez, para poder, sem me escandalizar comigo mesma, continuar em inocência a me enfeitar para os meninos? Enfeitar-me aos onze anos de idade consistia em lavar o rosto tantas vezes até que a pele esticada brilhasse. Eu me sentia pronta então.²⁸²

Muitas vezes a autora se escondia por entre perguntas que lhe faziam, mas certamente, ela queria interpelar a si mesma para chegar a uma possível verdade, embora o que mais a interessava era o processo, o caminho que se percorre até a “coisa”, como observa Olga Borelli sobre sua amiga: “daí a postura mantida desde o primeiro livro: não

²⁸¹ VALENTE, Paulo Gurgel. Paulo Gurgel Valente recorda sua mãe, Clarice Lispector. Disponível em: <https://claricelispectorims.com.br/hora-de-clarice/paulo-gurgel-valente-record-a-sua-mae-clarice-lispector/>. Acesso em: 09 de ago. 2020.

²⁸² *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

escrever para responder, mas para levar a pergunta a seu ponto mais agudo, onde toda resposta não seria mais que acomodação”.²⁸³

Na crônica “A descoberta do mundo”, citada acima, a autora adentra em indagações a respeito do brotar da sua sexualidade na infância. Aspectos ambivalentes ressurgem, desta vez, colocando na roda da discussão o desejo e a penitência. A questão é que a atração pelos meninos começava a surgir, e ela ansiava pela permanência daquela sensação que lhe agradava, porém, a culpa que sentia dificultava a fluência do prazer. A autora interroga a ela mesma se a manutenção da ingenuidade seria um subterfúgio para a permanência do gozo, sem remorsos ou arrependimentos.

Podemos dizer que foi no período em que morou no Recife, que Clarice Lispector teve sua primeira explanação acerca do sexo, causando-lhe grande perplexidade. Quem explicou para ela como uma relação sexual se procedia foi uma colega do ginásio. E como essa amiga era ainda uma criança, a maneira pela qual foi informada de como se dá o processo de união entre um homem e uma mulher foi traumatizante para a escritora, como conta no texto.

Na crônica “Sou uma pergunta”, a escritora faz interpelações acerca desta questão, lançando ao leitor perguntas que vêm à sua mente: “Por que há o esperma? Por que há o óvulo? Por que a mulher quer o homem? Por que o homem tem força de querer a mulher? Por que há o ato sexual?”.²⁸⁴

Da infância, costuma-se recordar os cheiros, sons, sensações. Por vezes, nem se nomeiam, de tão sensoriais. São impressões aparentemente simples, mas que permanecem na memória por toda a vida do indivíduo. Os cheiros do Recife da década de 1920, quando havia mais natureza na cidade e menos concreto, eram os de pitanga madura, mangaba, caju, os frutos das aroeiras. Destes últimos, exala-se um forte odor de pimenta. As flores que a aroeira produz são brancas e sua madeira era bastante utilizada em construções e na fabricação do carvão.²⁸⁵

²⁸³ BORELLI, Olga. Clarice Lispector: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 77.

²⁸⁴ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1971. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁸⁵ Jornal Pequeno, Recife, 18 de dezembro de 1920. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Certa vez, exausta da vida, Clarice Lispector pegou um táxi e desceu no Jardim Botânico do Rio de Janeiro²⁸⁶, espaço que amava. Das diversas alamedas por onde caminhou, parou em uma delas e se deparou com frutos daquela árvore que estavam caídos no chão. Recordou-se subitamente da infância, quando as calçadas ficavam cheias daquelas “bolinhas” e do enorme prazer que sentia ao pisá-las. A escritora conta que repetiu o gesto para regozijar-se outra vez com aquela sensação. Pisar novamente nos frutos da aroeira remetia à liberdade que sentia na infância, como descreve na crônica “O ato gratuito” (1972).²⁸⁷

O Recife foi perdendo pouco a pouco as aroeiras, junto com as mangabeiras, cajueiros, mangueiras, concomitantemente com o avanço das construções e a modernização da cidade. A respeito do desaparecimento das áreas verdes e da importância delas na vida das crianças da capital pernambucana, chama a atenção o sociólogo Gilberto Freyre:

Ainda hoje há quem se lembre dessa semana como que missionária como de um acontecimento que despertou muito recifense descuidado para a importância das árvores na vida da velha cidade. Das árvores, das plantas, dos parques, das áreas de recreio – recreio sombreado por árvores – para as crianças recifenses. Quase na mesma época um inquérito de estudantes de sociologia da Escola Normal do Estado, orientado pelo primeiro professor moderno da matéria a realizar, não só no Recife como também no Brasil, pesquisas de campo com seus alunos, veio mostrar ser alarmante, neste particular, a situação das crianças da cidade: estavam desaparecendo os sítios sem que o município cuidasse de reservar áreas públicas arborizadas para o recreio de suas crianças e repouso de seus adultos. Alarmado com essa revelação, um prefeito de espírito público – o velho Costa Maia que, na mocidade, fora juiz no Brasil ainda monárquico – criou na capital de Pernambuco os primeiros playgrounds no Brasil. Foi isto em 1929.²⁸⁸

Pisar nos frutos da aroeira trazia à lembrança de Clarice Lispector a atmosfera infantil. Aquele ato, ajudava a autora a amenizar o cansaço da luta cotidiana que a oprimia, como revela:

²⁸⁶ O Jardim Botânico do Rio de Janeiro é uma instituição que funciona desde 1808 e foi fundado por D. João VI, príncipe regente português, durante seu reinado no Brasil. Clarice Lispector gostava tanto de frequentar o lugar, que ele está presente em diversas crônicas da escritora, a exemplo de *O ato gratuito* (1972). Em 2012, foi inaugurado um recanto dentro do jardim, em sua homenagem. Chama-se Espaço Clarice Lispector, localiza-se nos arredores do Lago Frei Leandro, e é composto por seis bancos, contendo frases de sua autoria, escolhidas pela escritora Teresa Montero. Fonte: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://jbrj.gov.br/visitacao/mapajardim>. Acesso em: 17 de ago. 2020.

²⁸⁷ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1972. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁸⁸ FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. São Paulo. Global Editora e Distribuidora LTDA, 2013. p. 47.

Eu estava simplesmente exausta de morar num apartamento. Estava exausta de tirar ideias de mim mesma. Estava exausta do barulho da máquina de escrever. Então, a sede estranha e profunda me apareceu. Eu precisava – precisava com urgência – de um ato de liberdade: do ato que é por si só. Um ato que manifestasse fora de mim o que eu secretamente era.²⁸⁹

O jornalista Julio Lerner, que entrevistou Clarice Lispector para a televisão, perguntou-a: “o adulto é sempre solitário?”, o que ela respondeu: “o adulto é triste e solitário”. Em sequência, ele pergunta: “e a criança?” Ela responde: “a criança tem a fantasia solta...”²⁹⁰ A todo momento, ela parece dialogar com sua criança interior. Sua infância no Recife estaria profundamente ligada aos instantes de sua vida adulta.

A liberdade, vivida sem máscaras ou pudores pelas crianças, seria, sem dúvida, uma busca incessante na vida da escritora. Na crônica “O ato gratuito”, a autora tenta se salvar daquele cotidiano que a deixava exaurida: “Deixei abertas as vidraças do carro, que corria muito, e eu já começara minha liberdade deixando que um vento fortíssimo me desalinhasse os cabelos e me batesse no rosto grato de olhos entrefechados de felicidade”. E ao entrar no Jardim Botânico, sente-se amparada pela natureza exuberante do lugar: “A sombra logo me acolheu. Fiquei parada. Lá a vida verde era larga. Eu não via ali nenhuma avareza: tudo se dava por inteiro ao vento, no ar, à vida, tudo se erguia em direção ao céu. E mais: dava também o seu mistério”.²⁹¹

Percebe-se na crônica, que os espaços verdes, principalmente o Jardim Botânico, serviam como alento para Clarice Lispector, e que também remetiam a experiências que foram vivenciadas na infância. Por vezes, ela demonstrava desejar se afastar da ideia de estar dentro de um apartamento, numa metrópole como o Rio de Janeiro. Apresentava então, saudades do Recife onde um dia pisou nos frutos das aroeiras.

Uma marca importante da literatura de Clarice Lispector é dar a criança, o papel de ser pensante e atenta. Para ela, a criança não se traduz em simples adorno em uma família. A criança pulsa, vibra, percebe. Seus olhos estão atentos, talvez até mais que os adultos. Esta representação se observa em crônicas como “Travessuras de uma menina”. Referindo-se a um professor, a autora diz: “E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída por seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que,

²⁸⁹ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1972. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁹⁰ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 23.

²⁹¹ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1972. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ofendida, eu adivinhava”. A palavra “ofendida” aparece quebrando uma imagem de anjo que a sociedade tenta atribuir à criança. Como se os petizes tivessem que carregar certa obrigação de serem puras e imaculadas. Para a escritora, uma pessoa, desde pequena, sente em si as dicotomias típicas da existência: amor e ódio, gozo e repúdio. A criança também é capaz de sentir ameaça, pavor, prazer, sensações que se interligam umas às outras.

Quando uma criança se sente na obrigação de apresentar ao mundo uma persona, uma imagem que não é a dela mesma, tende-se à rebeldia. Foi o que aconteceu com a protagonista da crônica, diante da impaciência do professor:

Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas até que ele dizia vermelho: - Cale-se ou expulso a senhora da sala. Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava senão estaria me obedecendo.²⁹²

Um dos mais respeitados desenvolvedores da Sociologia da Criança, William Corsaro, propões que a compreensão da infância não deve ser estudada como algo a respeito da criança, mas com ela, ou seja, contando com sua inserção e participação na sociedade e na cultura. Ela deixa de ser vista como um ser passivo e receptivo.²⁹³

Parece óbvio o fato de que uma criança é um ser integrado, ou seja, carrega dentro de si características que se interligam, como sexualidade, amor, ódio, medo, e outros sentimentos que futuramente formarão um ser adulto, com estas questões mais sedimentadas e definidas. Se acompanharmos a história de grandes pensadores que trouxeram à tona uma imagem da criança como ser que já constrói suas reflexões em torno dos paradoxos humanos, perceberemos que havia uma necessidade de averiguar uma realidade que estava latente e precisava se manifestar.

Estes pensadores que investigam e revelam o ser infantil são muitas vezes incompreendidos e repudiados. Isto ocorre porque a sociedade tende a formar um conceito de criança que não condiz com a realidade. As estruturas sociais, frequentemente calcadas

²⁹² Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁹³ MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. *O futuro da infância é o presente*. Revista Educação. São Paulo: Editora Segmento, 2013.

em subterfúgios, dissimulações e hipocrisias, sempre foram difíceis de serem demolidas. Seguidamente, uma cegueira emocional aferra-se a uma falsa ordem e se contrapõe àqueles que defendem bases ideológicas mais verdadeiras.

Clarice Lispector sempre seguiu pela seara da busca pela essência, pela verdade e liberdade que está no pensamento e nas atitudes. Como ela própria disse em entrevista: “Que eu saiba eu não fiz concessões”²⁹⁴. A escritora era considerada hermética por algumas pessoas e ao mesmo tempo, era profundamente admirada por outras, como ela própria relatou. A autora se reconhecia como pessoa ativa, no sentido de ter liberdade para se inquirir como pessoa humana.

A protagonista da crônica “Travessuras de uma menina”, não se configura como um padrão de criança inventado por uma sociedade controladora. A todo momento, remexia em suas emoções: “Não o amava como a mulher que eu seria um dia., amava-o como uma criança que tenta desastradamente proteger um adulto”, ou “o jogo, como sempre, me fascinava, sem saber que eu obedecia a velhas tradições, mas com uma sabedoria com que os ruins já nascem...”. Eram palavras fortes, para nosso imaginário do que seria o pensamento de uma criança. Na crônica em questão, ela não menciona a palavra Recife, mas escreve em primeira pessoa e fala em seus nove anos. Subtende-se então, que a escritora experienciou emoções ao menos similares quando criança.

Na crônica “Viagem de trem” (1971), a atmosfera saudosa e afetuosa transita mais uma vez pelas origens da autora. Clarice Lispector parece investigar seu passado na Ucrânia, porém, sem se deter por muito tempo no assunto: “Devo ter viajado de trem da Ucrânia para a Romênia e desta para Hamburgo. Nada sei, recém-nascida que eu era”²⁹⁵. Novamente ela sente dificuldade em tocar nas questões difíceis pelas quais a família passou. Sem dúvida, um período doloroso para os Lispector. Tempo que requeria um cuidado maior ao ser lembrado. Discorre então, acerca de um evento que aconteceu quando ela já estava crescida, em solo brasileiro. Quando tinha onze anos, lembra de ter viajado com o pai de trem. Segundo ela, um passeio memorável do Recife para Maceió.

A crônica é escrita em poucos parágrafos e são várias as nuances exploradas pela escritora, sobretudo, no que diz respeito ao despertar dos afetos e da sexualidade. Naquela época, as garotas da idade de Clarice, no Recife, estavam submetidas às repressões

²⁹⁴ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 28.

²⁹⁵ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1971. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

comumente impostas às mulheres pelo regime patriarcal e machista. Para a autora, como já foi mencionado neste trabalho, a realidade parecia ser diferente, pela postura e educação que Pedro Lispector dava às filhas. Naquela viagem de trem, um jovem aproximou-se da escritora e com o consentimento de seu pai, sentou-se ao seu lado para conversar e ficaram enamorados um pelo outro, até o findar da jornada.

Há indícios na crônica, de que o pai de Clarice tenha se reconciliado com seu cunhado, não apenas pelos dois terem ido ao encontro dos parentes em Maceió, mas porque foi oferecida uma festa para eles, o que ela denomina de “milagre”. Como já foi mencionado neste trabalho, Pedro Lispector sofreu humilhações por parte de José Rabin, casado com a irmã de Marieta Lispector, logo quando a família Lispector chegou no Brasil proveniente da Ucrânia. Embora a autora não tenha registrado os nomes dos parentes visitados, a atmosfera relatada na crônica é de pacificação.

É interessante observar que a escritora se refere à celebração como “uma festa dada para meu pai”. Por que não a incluiu como presenteada? Para a menina Clarice, homenagens seriam destinadas aos adultos? Ou seria o sentimento que carregava de não pertencer? No decorrer da crônica, a autora conta acerca de um rapaz que conheceu na comemoração, e que era tido como “marginal”. Esta pecha se deu por ele ter beliscado o braço de uma senhora quando a acompanhou de volta para casa ao saírem, certa vez, de um evento. Ele chegou a flertar com a escritora, porém, apesar de ter chamado sua atenção, ela recusou a investida. Para surpresa da autora, ele compareceu na estação de trem para se despedir, no dia em que voltou com o pai para o Recife. O jovem ousou pedir o endereço dela e quando a pequena Clarice já estava em casa, na capital pernambucana, recebeu dele um cartão-postal cheio de flores.

Figura 7 – Clarice Lispector com seu pai Pedro Lispector, no Recife.



GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 37.

Na figura 7, Clarice Lispector aparece junto ao pai, no Recife. Pedro Lispector, trajando paletó, destoa do calor da cidade (geralmente, a média da temperatura na capital pernambucana é de 30 graus), mas não dos demais recifenses, visto que era comum na época, copiar hábitos e vestimentas europeias. A historiadora Sylvania Couceiro ressalta que no início do século XX, os homens ainda se vestiam com botinas de cano alto, caxemira à inglesa e até mesmo com casacos de lã, mas que na chegada da década de 1920, os trajes foram se adaptando melhor ao clima tropical. Eles passaram a usar paletós mais curtos, meias mais finas. Compravam suas roupas em camisarias, como a Camisaria Confiança, a Casa Espelho, ou faziam suas encomendas aos alfaiates distribuídos pela cidade.²⁹⁶

Na fotografia acima, a expressão de Clarice Lispector é serena, parecendo estar feliz ao lado do pai. Assim como no texto “Viagem de trem”, Pedro Lispector é diversas vezes mencionado pela autora em entrevistas e crônicas quando se referia à sua infância.

²⁹⁶ COUCEIRO, Sylvania Costa. *Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920*. Tese. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. p. 181.

Sua presença era importante para a escritora e através de sua literatura, vamos conhecendo um pouco a respeito de um pai preocupado com a educação das filhas (“Lição de piano”), que gostava da convivência familiar (“Passeio da família” e “Banhos de mar”), que proporcionava lições de sabedoria (“Persona”). Na crônica “Trechos”, a escritora rememora alguns cuidados que Pedro Lispector tinha com a saúde. Fala também a respeito do impacto que sentiu com sua morte:

Hoje pela manhã, quando amanhecer e o sol nascer, irei à praia. Entrarei n’água. É tão bom. Ah, quantas dádivas! Por exemplo, eu ainda estar viva e poder entrar na água do mar. Às vezes, de volta da praia, não tomo chuveiro: deixo o sal ficar na pele, meu pai dizia que era bom para a saúde. Na verdade, estou sem doença alguma. Mas doença é coisa imprevisível. Meu pai morreu em plena maturidade: choque operatório. Fiquei perplexa. Mas de algum modo as pessoas são eternas. Quem me lê também.²⁹⁷

Pedro Lispector faleceu no dia 26 de agosto de 1940, quando se submeteu a uma simples cirurgia de vesícula. Elisa e Tania Lispector suspeitaram de erro médico, pois, ao questionarem o profissional que operara o pai delas, ele não quis dar maiores explicações²⁹⁸. Do pai, as boas lembranças perdurariam na memória de Clarice Lispector.

Marcia Algranti fala de Pedro Lispector de forma afetuosa:

O meu avô, ele era um homem tão amoroso que quando nasci, infelizmente não conheci ele, ele saía da Tijuca onde eles moravam, que é um lugar longe, para vir até o Flamengo para assistir o meu banho diariamente. Banho de bebê, que a empregada dava porque minha mãe não estava em casa para dar banho. É, então você vê um amor... [...] ele morreu de uma operação de vesícula mal feita, que não deveria ter acontecido o que aconteceu, se não, de repente, eu teria tido algum convívio com ele, né? [...] Quando meu avô morreu, a gente morava numa vila e aí tinham... tinham dois quartos dentro da casa, fora o quarto que a minha mãe dormia, então a minha mãe não quis que elas ficassem sozinhas e chamou elas para irem morar... e elas ficaram morando. A tia Clarice no quarto da empregada, que era grande, e a tia Elisa ficou no que seria a sala de visitas, digamos assim, né? E a empregada ficou dormindo comigo no quarto.²⁹⁹

²⁹⁷ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁹⁸ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 72.

²⁹⁹ Entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

A família guarda na memória até hoje, as boas lembranças do patriarca, que teve que partir de seu país de origem para apostar em uma vida mais digna no Brasil, junto com sua esposa e as três filhas. O olhar de Clarice Lispector era sempre atento ao pai.

3.3 – A VERTIGEM DE CLARICE LISPECTOR

O anonimato é suave como um sonho. Eu estou precisando desse sonho. Aliás, eu não queria mais escrever. Escrevo agora porque estou precisando de dinheiro. Eu queria ficar calada. Há coisas que nunca escrevi, e morrerei sem tê-las escrito. Essas por dinheiro nenhum.³⁰⁰

“Silêncio no estúdiio... Atenção Julioooo... gravando... “. Foi assim que começou a única entrevista que a escritora Clarice Lispector concedeu para a televisão. Uma quietude pairou sobre o ambiente. Um silêncio que o entrevistador, o jornalista Julio Lerner, definiu como “eterno”. Ela foi acomodada numa poltrona de couro, com um cinzeiro enorme ao lado, permanecendo calada. Próximo a apenas uma câmera, fascinado com a situação inesperada e inusitada, o repórter, sentado numa banquetta, respirou fundo e lançou a primeira pergunta: “Clarice Lispector... de onde vem esse Lispector?”

Após a resposta, a entrevista segue adiante e a escritora fala acerca do Recife, da infância, a respeito de literatura, de suas obras, novos projetos. Mas tem um aspecto marcante que ela deixa transparecer. No final do interrogatório, Clarice discursa como se sentisse que estaria próxima sua morte: “Bom... agora eu morri... Mas vamos ver se eu renasço de novo... Por enquanto eu estou morta...Estou falando de meu túmulo...³⁰¹. Na mesma entrevista ela revela estar cansada de si mesma. Passaria por sua mente o desejo do feneçimento?

O escritor checo-francês Milan Kundera, depõe sobre a vontade humana de desviver, e utiliza para tanto, uma metáfora:

³⁰⁰ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³⁰¹ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 30.

... O que é vertigem? Medo de cair? Mas por que temos vertigem num mirante cercado por uma balaustrada sólida? Vertigem não é medo de cair, é outra coisa. É a voz do vazio debaixo de nós, que nos atrai e nos envolve, é o desejo da queda do qual logo nos defendemos aterrorizados.³⁰²

O desejo de cair/morrer, vontade que os psicanalistas traduzem como pulsão de morte, passa pela mente de muitas pessoas, em momentos de desespero e sofrimento profundo, principalmente quando não se percebe uma saída. Quem nunca os teve? Morrer seria uma escapatória, um salto para o vazio, um hiato entre sensações? Dentro da literatura de Clarice Lispector, encontramos alguns traços dessa dicotomia maior, que seria morte e vida. Em *A hora da estrela*, a escritora revela que Macabéa, ao morrer, atinge a felicidade suprema, porque “ela nascera para o abraço da morte”.³⁰³ Em sequência, complementa: “A morte, que é nesta história o meu personagem predileto. Iria ela dar adeus a si mesma? Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver”. A autora, ao escrever a história de Macabéa, estaria ela mesma flertando com seu fim? Em um momento da narrativa, revela: “Vou fazer o possível para que ela não morra. Mas que vontade de adormecê-la e de eu mesmo ir para a cama dormir”.³⁰⁴

O decesso de Clarice Lispector se concretizou no dia 9 de dezembro de 1977, um dia antes de completar 57 anos, no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro. Morreu de um câncer de ovário que, desde o diagnóstico, foi constatado como irreversível.³⁰⁵ O escritor José Castello registrou aquele momento em sua crônica *A senhora do vazio*, quando conta que ao receber a notícia do falecimento da escritora, tomou um ônibus que o levou até o Cemitério Comunal Israelita, no bairro do Caju, para assistir seu sepultamento³⁰⁶, que ocorreu no dia 11 de dezembro de 1977. Lá, estavam cerca de 200 pessoas, entre elas, gente da família, e amigos, como Nélide Piñon, Rubem Braga, Fernando Sabino, entre outros. A cerimônia aconteceu de forma simples e sem discursos.³⁰⁷ Como ela faleceu na sexta-feira, como respeito à tradição judaica, não pôde ser enterrada no sábado. Numa igreja do Leme, celebrou-se uma missa, sete dias depois.³⁰⁸

³⁰² KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 61.

³⁰³ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 84.

³⁰⁴ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 81.

³⁰⁵ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 290-292.

³⁰⁶ CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 27.

³⁰⁷ Folha de São Paulo, São Paulo, 12 de dezembro de 1977. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_12dez1977.htm. Acesso em 20 de ago. 2020.

³⁰⁸ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 601.

Figura 8 – Sepultura de Clarice Lispector no Cemitério Comunal Israelita, no bairro do Caju, Rio de Janeiro.



Fonte: acervo pessoal do autor

Na figura 8, podemos observar a sepultura de Clarice Lispector, localizada no Cemitério Comunal Israelita, no bairro do Caju, no Rio de Janeiro. Na lápide, no alto, o detalhe da Estrela de David. Símbolo importante para os judeus, ela é composta por dois triângulos superpostos: o primeiro, representa a fé e a história judaica e o segundo, a criação, revelação e redenção. A junção dos dois triângulos, sugere a integração entre os opostos.³⁰⁹

Com relação à condição de mulher judaica, conta Olga Borelli que Clarice Lispector lembrava de que recebia muito carinho do pai e da língua que era falada em sua casa quando ela era criança: ídiche e russo. Conta a amiga da escritora, que ela sempre ficava muito comovida quando escutava música judaica ou russa.³¹⁰

Na parte de baixo da lápide, verificamos a frase: “Dar a mão a alguém sempre foi o que esperei da alegria”, que é uma frase extraída do seu quinto romance, *A paixão segundo G. H.* É interessante registrar a sequência da frase, presente no livro:

³⁰⁹ LUDERMIR, Rosa Bernarda. *Um Lugar Judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano no bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX*. Dissertação. Recife: UFPE, 2005. p. 73 e 81.

³¹⁰ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 49.

Muitas vezes antes de adormecer – nessa pequena luta por não perder a consciência e entrar no mundo maior – muitas vezes, antes de ter a coragem de ir para a grandeza do sono, finjo que alguém está me dando a mão e então vou, vou para a enorme ausência de forma que é o sono. E quando mesmo assim não tenho coragem, então eu sonho.³¹¹

Quando conheceu a amiga Olga Borelli, escreveu em carta:

A passagem da vida para a morte me assusta: é igual como passar do ódio, que tem um objetivo e é limitado, para o amor que é ilimitado. Quando eu morrer (modo de dizer) espero que você esteja perto. Você me parece uma pessoa de enorme sensibilidade, mas forte.³¹²

Na ocasião de seu óbito, o poeta Ferreira Gullar registrou em poema a perda da amiga: “Enquanto te enterravam no cemitério judeu de S. Francisco Xavier/ (e o clarão de teu olhar soterrado resistindo ainda)/ o taxi corria comigo à borda da Lagoa na direção de Botafogo/ E as pedras e as nuvens e as árvores no vento, mostravam alegremente/ que não dependem de nós”.³¹³ Carlos Drummond de Andrade também fez bela homenagem a Clarice Lispector, quando ela faleceu: “Clarice/ veio de um mistério, partiu para outro/ Ficamos sem saber a essência do mistério/ Ou o mistério não era essencial/ Essencial era Clarice viajando nele”.³¹⁴

50 anos antes do ocorrido, Clarice Lispector brincava junto com uma amiga, de dar vida eterna aos personagens que criava em fábulas. Brincava pela praça Maciel Pinheiro, pelas ruas do Recife. Sonhava com livros, rosas, fantasias de papel crepom. A vida era boa e trazia também os seus dramas, tudo ao mesmo tempo. Certa vez, por um período, a família Lispector teve que ficar em casa, sem poder sair. É que eclodiu a Revolução de 1930³¹⁵, e na véspera de a família fazer a feira, de modo que ficaram todos

³¹¹ LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 16.

³¹² LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 44.

³¹³ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. p. 292.

³¹⁴ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 605.

³¹⁵ Um dos principais motivos da eclosão da Revolução de 1930 foi o assassinato de João Pessoa, na época governador do estado da Paraíba e candidato a vice-presidente da república na chapa de Getúlio Vargas. Ele publicara cartas íntima de Anaide Beiriz, amante de seu inimigo João Dantas. Este último, com muita raiva, foi tomar satisfação no Recife, sabendo que João Pessoa se encontrava naquela cidade. Desta forma, no dia 26 de julho de 1930, João Pessoa foi assassinado por João Dantas na rua Nova, Recife, dentro da confeitaria A Glória. Diante do fato, Getúlio Vargas decidiu chefiar um movimento revolucionário que deu

sem comida em casa. O que restou para comer foram bolachas velhas e algumas galinhas que eram criadas no andar de cima do sobrado. Ninguém podia sair ou mesmo ir até o telhado, por medo de ser alvejado pelos revolucionários que invadiam as ruas da cidade. Os Lispector passaram praticamente uma semana se alimentando de bolachas, conforme as histórias que Marcia Algranti escutava de sua família.³¹⁶

Em suas crônicas, Clarice Lispector não mencionou aquele fato, talvez porque sua mãe estaria prestes a falecer, o que teria ocupado por demais as emoções da escritora. De fato, também, por ser muito criança para entender a fundo acerca de política e revoluções. Um outro embate chamava mais a sua atenção, a ponto de tê-lo trazido para seu conto “A perseguida feliz”: a guerra do Paraguai, que havia estudado na época em que cursava o ginásio.³¹⁷ Os conflitos que marcaram mais de perto sua vida, talvez ela preferia não lembrar, principalmente os relacionados à Ucrânia, que como foi mencionado neste trabalho, trouxe grande sofrimento para a família Lispector.

Pedro Lispector, segundo Elisa, sua filha, em seu romance autobiográfico *No exílio*, ficava preocupado a respeito das questões relacionadas às perseguições aos judeus que estavam acontecendo além-mar. O que o revoltava era que os ataques tinham consentimento dos governantes. Elisa menciona uma tristeza profunda que tomava conta de seu pai ao tomar conhecimento daqueles acontecimentos. Quanto mais ele lia os jornais e revistas, mais perdia sua fé no ser humano.

Pedro Lispector chegou a entrar em conflito consigo mesmo pois não sabia por que os homens mais sábios não estavam entrando em ação para conter o avanço dos ataques. Na sua casa no Recife, um amigo dele o visitava trazendo notícias das contendas entre judeus e palestinos, ou informações sobre estudantes judeus que estavam sendo linchados nas universidades polonesas. Discutiam sobre o valor de viver em um kibutz. Apesar de não ter amadurecimento suficiente para compreender tudo o que o pai e o

a ele o poder de ser o novo chefe da nação. Fonte: WAINSTOCK, David. *Caminhada: reminiscências e reflexões*. Rio de Janeiro. Editora Lidador LTDA, 1999. p. 278. A casa onde morava Clarice Lispector ficava há 700 metros da rua Nova e seu primo Davida Wainstock chegou ir até o local do crime e ver o corpo já sem vida de João Pessoa. Pouco depois daquele episódio, morreria Marieta Lispector, no dia 21 de setembro de 1930, aos 41 anos de idade. Fonte: FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 48.

³¹⁶ Entrevista realizada com Marcia Algranti, Teresópolis, 10 de junho de 2019.

³¹⁷ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

amigo conversavam, enquanto servia chá para eles, Elisa tentava captar um pouco das tantas informações acerca dos problemas de seu povo.³¹⁸

Se Elisa Lispector, que era a mais velha das irmãs, tinha certa dificuldade em entender as questões judaicas que comentadas entre Pedro Lispector e seu amigo, para Clarice Lispector que era a caçula, menos ainda. Mas uma criança, por menor que seja, e principalmente quando é muito sensível, absorve as emoções do ambiente que a cerca com muita facilidade. Isso justifica ela ter percebido a tristeza no olhar do pai quando passeavam pelo porto do Recife, mesmo sem ter pleno conhecimento, pela idade, do que se tratava. Todos estes sentimentos e percepções ficaram guardados nela e foram posteriormente apresentados em forma de escrita.

Os sons percebidos por Clarice Lispector desde seu nascimento foram variados. Quando era recém-nascida, em fuga da Ucrânia, passou por diversos países como Romênia e Alemanha. Chegando em Maceió e depois indo morar no Recife, o sotaque nordestino se tornou comum aos seus ouvidos. Pela convivência com os judeus, escutava bastante o ídiche. Desta forma, ela foi adquirindo um sotaque não comum à maioria dos brasileiros.

Quando se tornou adulta, alguns amigos chegaram a comentar acerca da pronúncia diferente da escritora. Lêdo Ivo, por exemplo, disse: “o dia cinzento contribuía para realçar a beleza e a luminosidade de Clarice Lispector; a esse clima estrangeiro se acresciam sua própria voz, a edição gutural que ainda ressoa em meus ouvidos”. Francisco de Assis Barbosa certa vez também teceu comentários acerca do modo com que a autora se articulava: “falava com suavidade. Um leve sotaque estrangeirado, denunciando sua origem judia”.³¹⁹ José Castello também descreveu a entonação de seu sotaque, quando certa vez, recebeu dela um telefonema: “Vésperas do Natal: o telefone toca e uma voz arranhada, grave, se identifica: ‘Clarrice Lispectorrr’, diz. Ela entra logo no assunto...”³²⁰

Clarice Lispector diria posteriormente:

³¹⁸ LISPECTOR, Elisa. *No Exílio*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005. p. 130-137.

³¹⁹ LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 21.

³²⁰ CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 19.

Eu nasci na Ucrânia, mas já em fuga. Meus pais pararam em uma aldeia que nem aparece no mapa, chamada Tchetchelnik, para eu nascer, e vieram para o Brasil, onde cheguei com dois meses de idade³²¹. De modo que me chamar de estrangeira é bobagem. Eu sou mais brasileira do que russa obviamente.³²²

A escritora mencionaria também:

Quanto a meus r enrolados, estilo francês, quando falo, e que me dão um ar de estrangeira, trata-se apenas de um defeito de dicção: simplesmente não consigo falar de outro jeito. Defeito esse que meu amigo Dr. Pedro Bloch disse ser fácil de corrigir e que ele faria isso para mim. Mas sou preguiçosa, sei de antemão que não faria os exercícios em casa. E além do mais meus r não me fazem mal algum. Outro mistério, portanto, elucidado.³²³

Quando viveu no Recife, a família Lispector passava por uma fase de transição entre a Ucrânia, país de origem e Brasil, a nova morada, e nem sequer tinham documentos expedidos na capital pernambucana, pelo menos, não há registros de documentos encontrados até o início do ano de 1930, quando Pedro Lispector tirou sua carteira de identidade. No mesmo ano, verifica-se também a certidão de óbito de Marieta Lispector.³²⁴ Nada foi encontrado em termos de registros no Grupo Escolar João Barbalho, primeira escola de Clarice Lispector no Recife e dos outros dois colégios onde ela estudou, o Hebreu-Ídiche-Brasileiro e o Ginásio Pernambucano, muito poucos papéis foram achados em seus arquivos.

Aos poucos, por ter vivido em Maceió, depois no Recife e Rio de Janeiro, que Clarice Lispector foi adquirindo a sensação de ser brasileira. No Recife, primeiros anos de sua vida, ela começou a entender a história de sua família, suas origens, seu nascimento, que aconteceu no dia 10 de dezembro de 1920, numa pequena aldeia ucraniana chamada Tchetchelnik.

³²¹ Neste depoimento, Clarice Lispector confunde sua idade de chegada ao Brasil. De fato, ela chegou em 1922 quando tinha um ano e três meses.

³²² LISPECTOR, SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 203.

³²³ LISPECTOR, Clarice. *Esclarecimentos* – explicação de uma vez por todas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³²⁴ GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 78.

Em sua crônica “Esclarecimentos - Explicação de uma vez por todas”, Clarice Lispector acrescenta:

Sou brasileira naturalizada, quando, por uma questão de meses, poderia ser brasileira nata. Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor. Comecei a escrever pequenos contos logo que me alfabetizaram, e escrevi-os em português, é claro.³²⁵

Figura 9 – Clarice Lispector, entre suas duas irmãs, no Recife



Fonte: GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 101.

Na figura 9, podemos visualizar as três irmãs: Tania, Clarice e Elisa Lispector, da esquerda para a direita. Posam para a foto em pé, numa espécie de jardim bastante arborizado. Na ocasião, Clarice Lispector tinha quatorze anos e a família estava de mudança para o Rio de Janeiro. Tania e Clarice dão mais leveza à foto, parecendo estarem tranquilas, esboçando um leve sorriso. Elisa aparenta mais seriedade. Tania era cinco anos mais velha que Clarice e Elisa, nove.

Pedro Lispector decidiu ir para o Rio de Janeiro no início de 1935. Havia comprado uma casa, na avenida Conde da Boa Vista, no Recife, que então, teria que

³²⁵ LISPECTOR, Clarice. *Esclarecimentos* – explicação de uma vez por todas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

vender. Aventurou-se a ir para o sul do Brasil em busca de mais prosperidade. Clarice Lispector na época, fez a solicitação de retirada de alguns documentos que havia deixado no Ginásio Pernambucano, na ocasião de sua matrícula.³²⁶ Pedro, Tania e Clarice Lispector partiram no dia 4 de janeiro de 1935, a bordo do Vapor Highland Monarch, da Mala Real Inglesa. Chegaram no Rio de Janeiro no dia 7 de janeiro daquele ano³²⁷. Elisa Lispector precisou ficar no Recife, encontrando com a família naquele novo destino pouco depois.

É possível que Pedro Lispector tenha tomado tal decisão por perceber que a capital pernambucana não ofereceria para ele e as filhas um futuro mais atraente. Ele não conseguiu naquela cidade, ao que tudo indica, uma realização profissional e vender roupas empurrando um carro de mão por bairros pobres da cidade, não era exatamente o que um homem culto como ele esperava como um emprego justo. Recife havia sido a cidade que o abrigou por muitos anos, depois de sua estadia em Maceió, mas foi naquela cidade que a esposa definhou até sua morte. Estas duas experiências fortes, a pobreza e a doença de Marieta, pelo que podemos deduzir, contribuíram para ele desejar ir, junto às filhas, respirar novos ares.

O Recife não cabia mais na tão vasta imaginação de Clarice Lispector. Era natural que houvesse uma tensão entre a menina inquieta e cheia de sonhos e fabulações e a cidade convencional, patriarcal e conservadora que era a capital pernambucana.³²⁸ No seu romance *A cidade sitiada* (1949) ela retrata essa dissonância entre o personagem e a cidade. São Geraldo, subúrbio onde a narrativa é passada, na década de 1920, apresenta-se igualmente na hibridez entre modernização e atraso, com cavalos disputando espaço nas ruas com os transeuntes e as galinhas e o cheiro do campo que se misturava com as máquinas que iam surgindo. Era um lugar marcado pela falta de perspectivas com relação ao futuro. A relação difícil da personagem Lucrécia com sua mãe, que moram na mesma casa, também remete à infância da escritora.

Apesar de a mudança para o Rio de Janeiro contribuir para a ascensão pessoal e intelectual de Clarice Lispector, ela nunca prescindiu de suas recordações da vida que

³²⁶ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 57-59.

³²⁷ GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 104 e 105.

³²⁸ LIMA, Luciano Rodrigues. *Clarice Lispector: perguntas para o novo milênio*. Salvador: Editora Luciano Rodrigues Lima, 2019. p. 68.

passou no Recife. Onde estivesse, o levava em sua memória e coração. Desta feita, produziu, como citamos neste trabalho, crônicas, contos, romances, tendo como referência as trocas vividas na capital pernambucana. Como a própria escritora fala na crônica “Esclarecimentos - Explicação de uma vez por todas”:

Criei-me em Recife, e acho que viver no Nordeste ou Norte do Brasil é viver mais intensamente e de perto a verdadeira vida brasileira que lá, no interior, não recebe influência de costumes de outros países. Minhas crendices foram aprendidas em Pernambuco, as comidas que mais gosto são pernambucanas. E através de empregadas, aprendi o rico folclore de lá”.³²⁹

Seria difícil imaginar Rachel de Queiroz escrevendo *O quinze* (1930), da forma como o fez, sem que tivesse vivido bem próximo ao drama dos nordestinos lutando contra a seca e a miséria – a escritora nasceu e viveu parte de sua vida em Fortaleza, no Ceará. Ou mesmo o pernambucano João Cabral de Melo Neto, poetizando conflitos semelhantes aos romanceados por sua colega de profissão Rachel de Queiroz, quando escreveu o clássico *Morte e Vida Severina* (1955). Igualmente, seria improvável que Clarice Lispector criasse a personagem Macabéa da mesma maneira que o fez, sem ter morado no Recife.

A escritora constrói sua protagonista em *A hora da estrela* através de sua própria percepção do que era ser uma mulher proveniente daquela parte do Brasil: sem substância, sem solidez, “feita de matéria rala”, porém, forte na persistência, contendo “o heroísmo de seus irmãos bíblicos, os Macabeus”. Macabéa mal sabe escrever, muito menos ir além de sua simplicidade sem sal. O destino inevitável dela, para sua criadora, foi a morte precoce, não tão dolorosa assim, porque ao visitar uma cartomante, esta disse a Macabéa que ela teria um futuro promissor.³³⁰

Em uma de suas definições, Clarice Lispector se designava assim: “sou uma mulher simples e um pouquinho sofisticada. Misto de camponesa e de estrela do céu”.³³¹

³²⁹ LISPECTOR, Clarice. *Esclarecimentos* – explicação de uma vez por todas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³³⁰ WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.* São Paulo: Editora Escuta, 1992. p. 93.

³³¹ LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. p. 50.

Porém, ao se apresentar para Olga Borelli, em carta que escreveu para a amiga, de forma bem mais desnudada, disse:

Sou uma pessoa insegura, indecisa, sem rumo na vida, sem leme para me guiar: na verdade não sei o que fazer na vida, na verdade não sei o que fazer comigo. Sou uma pessoa muito medrosa. Tenho problemas reais gravíssimos que depois lhe contarei. E outros problemas, esses de personalidade. Você me quer como amiga mesmo assim? Se quer, não me diga que não lhe avisei.³³²

Interessante e contraditório que para escrever, ela não demonstrava o medo que dizia sentir nas palavras que expôs para sua amiga. Inclusive aconselhou o escritor José Castello a deixar de lado o medo, quando certa vez, ele entregou um conto seu para que ela lesse. Depois de ler o texto, a escritora ligou para ele e disse: “estou ligando para falar de seu conto [...] só tenho uma coisa para dizer: você é um homem muito ‘medrrroso’ [...] você é muito ‘medrrroso’. E com medo ninguém consegue escrever”.³³³

Clarice Lispector teve uma vida com muitas nuances, ora trágicas, ora felizes, mas no fundo, a definição que se dava era a de não ter definição. O mistério a acompanhava, como bem reflete:

O que não será jamais elucidado é o meu destino. Se minha família tivesse optado pelos Estados Unidos, eu teria sido escritora? Em inglês, naturalmente, se fosse. Teria casado provavelmente com um americano e teria filhos americanos. E minha vida seria inteiramente outra. Escreveria sobre o quê? O que é que amaria? Seria de que partido? Que gênero de amigos teria? Mistério.³³⁴

A decisão de Pedro Lispector de migrar com as filhas para o Rio de Janeiro, o que aconteceu em 1935, coadunou-se com a necessidade que parecia haver em Clarice Lispector de rumar para uma cidade que proporcionaria uma maior expansão para sua alma de artista das palavras. Podemos dizer que enquanto morou no Recife, viveu a

³³² LERNER, Julio. *Clarice Lispector, essa desconhecida...* São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 43-44.

³³³ CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 19.

³³⁴ LISPECTOR, Clarice. *Esclarecimentos* – explicação de uma vez por todas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1970. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

atmosfera da cidade de maneira intensa, tentando elucidar o mistério que mais a atraía e que não estaria em cidade alguma, senão dentro dela mesma: o de ser livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

2020, ano em que comemoramos o centenário de Clarice Lispector (ela faria 100 anos no dia 10 de dezembro de 2020), fomos pegos de surpresa pela pandemia do novo coronavírus, que começou na China, chegando ao Brasil em fevereiro. Sem vacina, as pessoas foram obrigadas a ficar em casa e com isso, a maioria dos compromissos que antes eram realizados em ambientes fechados e com a presença de pessoas, tiveram que ser direcionados para as redes de internet. Surgiram então, diversos encontros ao vivo realizados através de plataformas eletrônicas em sítios e redes sociais já consagradas, como o YouTube, Instagram, Facebook e outros que começaram a surgir.

Na esteira dessa novidade, que beneficiou diversas pessoas, porque, apesar do afastamento geográfico entre os participantes, deu a elas a oportunidade de assistir a eventos que não teriam acesso caso se restringissem apenas a seus lugares de realização. Com isso, encontros de excelentes conteúdos foram disponibilizados ao público mundial através das redes de internet. E diversos foram realizados no intuito de celebrar o centenário de Clarice Lispector.

Em um deles, promovido pela rede social Instagram, a biógrafa Nádia Battella Gotlib reflete que o objetivo maior da escrita de Clarice Lispector era o de procurar o sumo das coisas, o núcleo, e que ela então tinha que despir o que ela chamava de “invólucros da civilização”, ou seja, normas que a sociedade de certa maneira impõe a cada indivíduo como regras de convivência. Ela queria atingir algo que transcende a própria palavra, ou seja, “a matéria viva pulsando”, coisa que não se expressa na linguagem. São vibrações, pulsações, sensações. Ela caminha sempre para o instinto, a selvageria, para fora da civilização. Segundo Gotlib, muita gente estranha quando lê algo escrito por Clarice Lispector, porque ela leva o leitor para um outro lado que não o convencional. Ela enfatiza uma importante característica da escritora: “a de escrever para

tentar entender o que ela estava querendo dizer...” e finaliza: “... e a gente lê para tentar entender o que ela está querendo nos dizer”.³³⁵

Em uma outra fala, a psicanalista Maria Lúcia Homem ressalta que nas suas últimas produções, incluindo *A hora da estrela*, Clarice Lispector parecia estar “desencarnando” aos poucos simbolicamente. Em seu último texto, *Um sopro de vida* (1978), por exemplo, ela discorre acerca de um autor dentro da história, falando da personagem Ângela (anjo), que não reproduziria mais a escritora, mas sim, um autor que funcionaria como seu representante. O livro foi feito por Clarice, porém, montado por sua amiga Olga Borelli e publicado após sua morte.³³⁶

Dentre as séries de boas entrevistas que aconteceram neste novo formato, podemos destacar as da atriz Beth Goulart e a da professora de literatura da USP Yudith Rosenbaum. Na primeira, Beth Goulart, que já interpretou a autora no teatro com a peça *Simplesmente Eu, Clarice Lispector*, disse que a grande força que tem o trabalho da escritora é conduzir o leitor para o “sentir” e que suas palavras nos levam a um processo de interiorização e questionamento tal que quando percebemos, estamos em estado de “trabalho”, falando no jargão psicanalítico e lembra que ela é considerada uma das 10 maiores autoras do mundo.³³⁷ Na segunda entrevista, Yudith Rosenbaum revelou que a primeira vez que leu uma obra de Clarice, foi na adolescência e sentiu um espanto. O texto era Amor, conto de abertura do livro *A legião estrangeira* (1964). Fala que a sensação que se tem com o contato com a leitura é de desequilíbrio, pela desconstrução que o texto provoca no leitor. Ele perde sua acomodação, seu eixo conhecido e cotidiano.³³⁸

No dia 27 de agosto de 2020, a abertura da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco foi realizada de forma on-line, com a presença de Geórgia Alves, Rosa Ludermir, Henrique Inojosa e Paulo Dutra, que é deputado estadual e autor da lei que foi

³³⁵ GOTLIB, Nádia. Entrevista para o canal Maravilhoso Escândalo, Instagram (@maravilhosoescandalo). 6 de ago. 2020.

³³⁶ HOMEM, Maria. *Clarice Lispector: no limiar do silêncio e da letra* – Maria Homem. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0O-WQUmz8_o. Acesso em 30 de ago. 2020.

³³⁷ GOULART, Beth. Entrevista para o canal Maravilhoso Escândalo, Instagram (@maravilhosoescandalo). 14 de ago. 2020.

³³⁸ ROSENBAUM, Yudith. Entrevista para o canal Maravilhoso Escândalo, Instagram (@maravilhosoescandalo). 20 de ago. 2020.

publicada no Diário Oficial do dia 11 de agosto de 2020, proporcionando a Clarice Lispector o título de Patrona da Literatura de Pernambuco.

No discurso de abertura do evento, intitulado “O pertencimento de Clarice Lispector: a literatura, a história e a cidade do Recife”, foi comentado que o tema é interessante aos pernambucanos, mas que também vai além das fronteiras do estado e atinge a quem quiser conhecer um pouco mais sobre a relação do Recife com a escritora. Falou-se acerca da importância dos judeus que povoaram o Recife no início do século XX, do esforço que vem sendo realizado para que Clarice Lispector consiga seu devido reconhecimento para o estado de Pernambuco e, também, a respeito da importância de transformar em memorial, o sobrado onde morou a escritora no Recife.

A data em que comemoramos o centenário de Clarice Lispector não está inserida em um ano fácil para os brasileiros. Além da pandemia do novo coronavírus, tenta-se lidar, no Brasil, com um governo de extrema direita, muito próximo ao fascismo e com um poder destrutivo muito forte. Como citamos anteriormente, a escritora participou de movimentos contra a ditadura militar, na década de 1960. Certamente, estaria muito entristecida com a situação de abandono à cultura imposta pelo governo brasileiro nos dias de hoje.

Com relação ao processo de escrita da dissertação, é interessante dizer que, depois do trabalho pronto, percebemos que se torna impossível mapear tudo o que aconteceu com Clarice Lispector no Recife ou todas as impressões que a cidade deixou em sua vida. Porém, interessante perceber que existe uma rede de pessoas que estão muito motivadas pela curiosidade de entender melhor esta escritora que discorre tão bem acerca da alma humana. Através de seu legado e da força de sua escrita, podemos compreender melhor a respeito de valores como honestidade, verdade, liberdade.

FONTES

Arquivos:

Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

1 – Acervo Pessoal de Clarice Lispector

- CL J 20 Assuntos diversos
- CL J 023 Notas e artigos sobre Clarice Lispector
- CL J 022 Notas e artigos sobre Clarice Lispector
- CL Cp 080 Carta Clarice Lispector (João Cabral de Melo Neto)
- CL Cp 014 Carta Clarice Lispector (Eduardo Gomes)
- CL Cf 01 Cartão Clarice Lispector (Elisa Lispector)

Biblioteca Nacional (BN)

Obras diversas sobre Clarice Lispector

Entrevistas:

- Entrevista com Stella Maris Saldanha, Recife-PE, 04 de abril de 2019.
- Entrevista com Geórgia Priscila Alves, Recife-PE, 21 de maio de 2019.
- Entrevista com Taciana Oliveira, Recife-PE, 21 de junho de 2019.
- Entrevista com Teresa Cristina Montero Ferreira, Rio de Janeiro-RJ, 31 de maio de 2019.
- Entrevista com Nicole Allgranti, Teresópolis-RJ, 10 de junho de 2019.
- Entrevista com Marcia Algranti, Teresópolis-RJ, 10 de junho de 2019.
- Entrevista com Nádia Battella Gotlib, Nova Lima-MG, 11 de junho de 2019.

Entrevista com José Castello, Recife-PE, 06 de dezembro de 2019.

Sítios da Internet:

www.ims.com.br

www.fundaj.gov.br

www.cpdoc.fgv.br

www.bn.gov.br

Acervo Pessoal Henrique Inojosa Cavalcanti

- Publicações diversas sobre Clarice Lispector

(revistas, artigos, coletâneas e obras)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Ana Claudia. Objeto Gritante: um manuscrito de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016.

AGUIAR, José. A infância no Brasil. Porto Alegre: Avec, 2017. MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: PRIORI, Mary Del (Organ.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2018.

ALGRANTI, Marcia. Cozinha judaica: 5.000 anos de histórias e gastronomias. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ALVES, Geórgia Priscila. O Retrato do Recife de Clarice Lispector. Dissertação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

ALVES, Geórgia; DUARTE, Isabela. Clarice Lispector e o pertencimento ao Recife. Recife: 6º Seminário Internacional de Museografia e Arquitetura de Museus, Pesquisa e Patrimônio, 2019.

AMARAL, Emília. *O leitor segundo G. H.: uma análise do romance A paixão segundo G. H. de Clarice Lispector*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

AMORIM, Helder Remigio de. Memórias e práticas culturais: a modernização do comércio de alimentos de uma cidade do Sertão de Pernambuco na década de 1970. *Revista História Oral. Associação Brasileira de História Oral*. v. 22, n. 2, p. 133-165, jul./dez. 2019.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Pernambuco Imortal: evolução histórica e social de Pernambuco*. Recife: Editora CEPE, 1997.

ARAP, Fauzi. *Mare nostrum: sonhos, viagens e outros caminhos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; MERGULHÃO, Danilo Rafael da Silva; NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Representação do envelhecimento em *Amour*: notas sobre os processos socioespaciais na velhice. UFRGS. Porto Alegre: Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento, vol. 18, nº 2, 2013.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BARROS, Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. Recife: Cepe, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única – Infância Berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BOENO, Neiva de Souza. A casa de Clarice Lispector: arte, vida, responsabilidade. In: Hélio Pajeú. (Org.). *VI Círculo - Rodas de Conversa Bakhtiniana: literatura, cidade e cultura popular*. 1ed. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2016.

BÖING, Elisângela; CREPALDI, Maria Aparecida. Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a maternagem como fator de proteção. *Campinas: Estudos de Psicologia*, Vol. 21, nº 3, 2004.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BYTSENKO, Anastassia. *Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX: visões do paraíso e do inferno*. Tese. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

CASTELLO, José. *A literatura na poltrona: jornalismo literário em tempos instáveis*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CASTELLO, José. *Freud na poltrona*. *Jornal Rascunho*. Curitiba: Editora Letras & Livros, agosto de 2020.

- CASTELLO, José. Inventário das sombras. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- CERTEAU, Michel. História e Psicanálise: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CHALHOUB, Sidney. História: história e literatura – Sidney Chalhoub. UNIVESP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e5jnTFQg6as&t=1535s>. Acesso em: 7 de ago. 2020.
- CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. Revista do Patrimônio Histórico e artístico nacional, nº 34. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.
- CLARICE: “O Recife em Mim”. Produção, reportagem e edição de Mayra Rossiter, Raquel Carneiro Leão e Maria Isabel Chaves. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2007.
- COLASANTI, Marina. Letra em cena como ler Clarice Lispector. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qTkfud_lcv&t=432s. Acesso em: 05 de ago. 2020.
- COSTA, Germano Quintanilha. Entre o desejo e o gozo: o infantil na psicanálise. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.
- COUCEIRO, Sylvia (prefácio). BARROS, Souza. A década de 20 em Pernambuco. Recife: Cepe, 2015.
- COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- COUTO, Mia. O outro pé da sereia. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DOSSE, François. O Desafio Biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- DUNKER, Christian Ingo Lens. A arte de imbecilizar as crianças. Revista Scientific American Mente e Cérebro: psicologia, psicanálise, neurociência – ano XXI – nº 271. Rio de Janeiro: Editora Segmento, 2015.
- EDWARDS, Magdalena. Benjamin Moser e a menor mulher do mundo. Curitiba: Rascunho, 2019.
- ELIZABETSKY, Roberto. A última coisa. São Paulo: Terceiro Nome, 2015.
- FERREIRA, Teresa Cristina Montero. Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999.
- FILHO, Daniel Aarão Reis. As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético. São Paulo. Editora Unesp, 2003.

- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global Editora, 2016.
- FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora LTDA, 2013.
- FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. São Paulo: Global, 2007.
- GASPAR, Lúcia. *Bondes de Olinda*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Lispector: vida*. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://claricelispectorims.com.br/vida/>. Acesso em: 27 de jul. 2020.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- GOTLIB, Nádia. Entrevista para o canal Maravilhoso Escândalo, Instagram (@maravilhosoescandalo). 6 de ago. 2020.
- GOULART, Beth. Entrevista para o canal Maravilhoso Escândalo, Instagram (@maravilhosoescandalo). 14 de ago. 2020.
- GUIDIN, Márcia Lígia. *Uma biografia pop: Nova edição de livro sobre vida e obra de Clarice Lispector segue repleta de equívocos defendidos por Benjamin Moser*. Curitiba: Rascunho, 2019.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios: 1875 – 1914*. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2018.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOMEM, Maria Lúcia. *No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector*. São Paulo: Boitempo: Edusp, 2012.
- HOMEM, Maria Lúcia. *O mito do amor parental*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qAlsO1hHCWE>. Acesso em: 9 mai, 2020.
- HOMEM, Maria. *Clarice Lispector: no limiar do silêncio e da letra – Maria Homem*. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0O-WQUmz8_o. Acesso em 30 de ago. 2020.

- INOJOSA, Cristina. Martha de Hollanda: feminismo e feminilidade. Recife: Assessoria Editorial do Nordeste, 1984.
- JERONIMO, Thiago Cavalcante. A Clarice de Benjamin Moser: uma “evidência folclórica”. São Paulo: Fronteira Z - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, 2019.
- JERONIMO, Thiago Cavalcante. Benjamin Moser: quando a luz dos holofotes interessa mais que a ética acadêmica. João Pessoa: DLCV - v. 14, n. 1, 2018.
- JERUSALINSKY, Julieta. Infância e memória/Antônio Prata. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hWIGbTQoYfo>. Acesso em: 27 de abr. 2020.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos. Estudos avançados. São Paulo: Estud. av. vol.24 no.70, 2010.
- JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Editora Cortez, 2018.
- KARNAL, Leandro. Leandro Karnal: eu sou um amigo da felicidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6jpv2wJOCZc&t=2s>. Acesso em: 22 de abr. 2020.
- KAUFMAN, Tânia Neumann. A presença judaica em Pernambuco – Brasil. Recife: Ensol, 2005.
- KHEL, Maria Rita. Melancolia na infância/Julieta Jerusalinsky. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tEXNCygMsRQ>. Acesso em: 27 de abr. 2020.
- KUNDERA, Milan. A insustentável leveza do ser. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LEMOS, Adriane Guimarães de Siqueira. A psicologia nas reformas educacionais da década de 1920. 37ª Reunião Nacional da ANPED. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- LERNER, Julio. Clarice Lispector, essa desconhecida...São Paulo: Via Lettera, 2007.
- LESTINGE, Sandra Regina. Olhares de educadores ambientais para estudos do meio e pertencimento. Tese. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- LIMA, Luciano Rodrigues. Clarice Lispector: perguntas para o novo milênio. Salvador: Editora Luciano Rodrigues Lima, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G. H. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. Correspondências. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

- LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- LISPECTOR, Clarice. Minhas Queridas. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LISPECTOR, Clarice. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. Perto do coração selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978.
- LISPECTOR, Elisa. No Exílio. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005. p. 120.
- LISPECTOR, Elisa. Retratos antigos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- LUDERMIR, Rosa Bernarda. Um Lugar Judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano no bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX. Dissertação. Recife: UFPE, 2005.
- MARGULIES, Marcos. Os judeus na história da Rússia. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.
- MARTINS, Clara. Museus históricos: museus do presente. Rio de Janeiro, Jornal da PUC, 2019.
- MIRANDA, Humberto da Silva. Meninos, moleques, menores... Faces da infância no Recife – 1927 – 1937. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2008.
- MORIN, Edgar. O Mundo Moderno e a Questão Judaica. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil LTDA, 2007.
- MOSER, Benjamim. Autoimperialismo: três ensaios sobre o Brasil. São Paulo: Planeta, 2016
- MOSER, Benjamin. *Clarice*,. São Paulo: Companhia das letras, 2017.
- MOTA, Manoel. Philippe Ariés e a história no tempo: o registro francês de um historiador outsider. São Paulo: Intelligere, revista de história intelectual nº 7, 2019.
- MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: PRIORI, Mary Del (Organ.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2018.
- NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector jornalista: páginas femininas e outras páginas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- OBATA, Regina. O livro dos nomes. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

- OLIVEIRA, Erivaldo Costa de. A Geografia Política de Lenin para a Revolução Russa. Tese de Doutorado. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2018.
- OLIVEIRA, Taciana. A descoberta do mundo. Depoimento de Bertha Cohen. Recife: Zest Artes e Comunicação, 2015.
- PARADA, Maurício. Formação do mundo contemporâneo – o século estilhaçado. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. São Paulo: Revista Brasileira de História, nº 53, vol 27, 2007.
- PRADO, Ana. Dinheiro não traz felicidade? Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/dinheiro-nao-traz-felicidade/>. Acesso em: 17 de abr. 2020.
- PRIORI, Mary Del. Histórias da gente brasileira. Volume 3 – República: memória (1889 – 1950). Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
- RAIMO, Fabio. Benefícios de uma infância rica em natureza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=euUD3hEMrT4>. Acesso em: 5 mai, 2020.
- REZENDE, Antônio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Editora UFPE, 2016.
- REZENDE, Antônio Paulo. O Recife: histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005.
- ROSENBAUM, Yudith. Entrevista para o canal Maravilhoso Escândalo, Instagram (@maravilhosoescandalo). 20 de ago. 2020.
- ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfoses do mal*: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp. 2006.
- SALGADO, Gisele Mascarelli. *Músicas na justiça*: a letra no banco dos réus. São Paulo, Revista Âmbito Jurídico, 2012.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- SILVA, Giselda Brito. O integralismo em Pernambuco na década de 30. Recife: Clio Revista de Pesquisa Histórica, 1998.
- SOUSA, Carlos Mendes. Clarice Lispector: figuras da escrita. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.
- SOUSA. Carlos Mendes de. Clarice Lispector pinturas. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

- TERUYA, Marisa Tayra. A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas teóricas. Anais do XII encontro nacional de estudos populacional. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 2000.
- TIRIBA, Lea. Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Alana, 2018.
- VAINSENER, Semira Adler. Boa Vista (bairro, Recife). Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 29 de jan. 2020.
- VAINSENER, Semira Adler. Maciel Pinheiro. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 29 de jan. 2020.
- VALENTE, Paulo Gurgel. Paulo Gurgel Valente recorda sua mãe, Clarice Lispector. Disponível em: <https://claricelispectorims.com.br/hora-de-clarice/paulo-gurgel-valente-recordar-sua-mae-clarice-lispector/>. Acesso em: 09 de ago. 2020.
- VARIN, Claire. Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector. São Paulo: Limiar, 2002.
- VENANCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: PRIORI, Mary Del (Organ.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2018.
- WAINSTOCK, David. Caminhada: reminiscências e reflexões. Rio de Janeiro. Editora Lidador LTDA, 1999.
- WALDMAN, Berta. Clarice Lispector: a paixão segundo C. L. São Paulo: Editora Escuta, 1992.
- WOOLF, Virginia. Mrs. Dalloway. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ANEXO

ROTEIRO HISTÓRICO-CULTURAL CLARICE LISPECTOR

Como complemento ao trabalho de pesquisa, apresentamos um roteiro histórico-cultural com base em alguns lugares marcantes da trajetória da escritora Clarice Lispector no Recife. Imaginamos um tour formado por uma média de 15 pessoas que seguiriam com um guia em uma condução que pararia em cinco pontos específicos para que os participantes possam ouvir a respeito de parte da história da escritora quando morou no Recife.

PRIMEIRA PARADA – PRAÇA MACIEL PINHEIRO

Aos integrantes do passeio, serão fornecidas explicações sobre a chegada da família Lispector no bairro da Boa Vista, conforma abaixo:

Clarice Lispector chegou ao Recife quando tinha 4 anos, no ano de 1925. Junto com seu pai, Pedro Lispector, sua mãe, Marieta e suas duas irmãs, Elisa e Tania. Ficaram instalados no sobrado de número 387, na praça Maciel Pinheiro, esquina da rua do Aragão com a Travessa do Veras. Assim como a família Lispector, outras famílias de origem judaica chegaram ao Recife, no início do século XX, fugindo das perseguições e ataques contra seu povo, que estavam ocorrendo no Leste Europeu de forma sistemática³³⁹. O bairro da Boa Vista era um atrativo para aqueles judeus, dentre outras razões, pela proximidade do comércio, facilidade de transporte e porque os imóveis ali eram mais acessíveis em termos de valor.³⁴⁰ A praça Maciel Pinheiro tornou-se então, um reduto dos judeus que moravam nos arredores. Aquele lugar se converteu em ponto de encontro para que eles discutissem diversos assuntos e conversassem em iídiche, seu dialeto original.

³³⁹ FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999. p. 33-60.

³⁴⁰ LUDERMIR, Rosa Bernarda. *Um Lugar Judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano no bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX*. Dissertação. Recife: UFPE, 2005. p. 94, 97 e 98.

A praça Maciel Pinheiro tem esse nome em homenagem a Luís Ferreira Maciel Pinheiro, nascido na Paraíba em 1839, tendo vindo morar no Recife no ano de 1860. Foi juiz, dedicando-se a escrever também para o Jornal do Recife e A Tribuna. Tornou-se amigo de Castro Alves e, também, de Joaquim Nabuco. Juntos, defenderam o abolicionismo.³⁴¹

“Restos de Carnaval”, conto publicado no Jornal do Brasil em 16 de março de 1968, remete ao período em que a escritora morou na praça Maciel Pinheiro. Encantada com a alegria do carnaval do Recife, escreveu: “Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas”.³⁴²

Em 1976, um ano antes de morrer, Clarice Lispector voltou ao Recife para realizar uma conferência no Banco do Estado de Pernambuco – BANDEPE - e fica hospedada no hotel São Domingos, na praça Maciel Pinheiro. Ela se sentou em um dos bancos da praça com sua amiga Olga Borelli, para admirar o sobrado onde viveu. De repente, ouviu um vendedor de frutas falar: “Ô minina, qué comprá pitomba?”. Ela ficou maravilhada pois lembrou do som que ouvia na sua infância.³⁴³

SEGUNDA PARADA – RUA DA IMPERATRIZ TEREZA CRISTINA

O grupo segue caminhando da praça Maciel Pinheiro até a rua da Imperatriz Tereza Cristina, onde moravam na época muitos judeus que mantinham seus comércios. Naquele logradouro, serão apresentados mais 2 endereços onde Clarice Lispector morou, os sobrados de número 173 e 21. Neste último, será contada aos visitantes, como a escritora construiu um de seus contos mais emblemáticos, quando se trata do Recife: “Felicidade Clandestina”, publicado no Jornal do Brasil em 2 de setembro de 1967, inicialmente com o nome de Tortura e Glória. Ela era vizinha de Reveca, que se tornou sua colega no Ginásio Pernambucano. Reveca era filha de Jacob Berenstein, dono da

³⁴¹ VAINSENER, Semira Adler. *Maciel Pinheiro*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 28 de jan. 2020.

³⁴² Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 de março de 1968. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³⁴³ BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 43.

Livraria Imperatriz, uma das mais importantes da cidade e serviu de inspiração para que a escritora construísse seu texto. Nele, é narrada a história de uma menina pobre que tinha paixão pela leitura e a amiga, mais abastada, possuía o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Ela o prometia emprestar a sua colega, mas numa atitude perversa, sempre arranjava uma desculpa para adiar o empréstimo, apenas pelo prazer de torturar a menina. Um dia, a mãe descobre a maldade da filha e a castiga. A menina mais pobre finalmente recebe o livro para ler.³⁴⁴

Do número 21 da rua da Imperatriz, Clarice Lispector podia avistar a ponte da Boa Vista, que liga a rua da Imperatriz à rua Nova, que na década de 1920, era um importante centro comercial. A ponte foi construída em 1640, por Maurício de Nassau, no período da ocupação holandesa em Pernambuco, inicialmente de madeira. Em 1874, ela foi toda restaurada, desta vez, com ferro batido, estrutura que se mantém até hoje. Por isso, ela é conhecida também como ponte de ferro.³⁴⁵

Saindo da rua da Imperatriz, depara-se com a rua da Aurora, provavelmente o caminho que Clarice Lispector utilizava para ir até o Ginásio Pernambucano, um dos colégios onde estudou. É uma rua que se originou de um aterro, realizado em 1806 e fica na margem esquerda do mais importante rio que cruza o Recife: o rio Capibaribe. Nos dias de hoje, o Capibaribe é um rio poluído, mas já foi muito importante para o desenvolvimento socioeconômico de Pernambuco e inspiração para poetas da terra, como João Cabral de Melo Neto.³⁴⁶

Depois das explanações e contemplações, o grupo volta caminhando pela rua da Imperatriz, direcionando-se até a condução, onde seguirá para a próxima parada: o Ginásio Pernambucano.

³⁴⁴ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1967. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³⁴⁵ GASPAR, Lúcia. Ponte da Boa Vista. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 30 set. 2020.

³⁴⁶ GASPAR, Lúcia. Rua da Aurora, Recife, PE. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 30 set. 2020.

TERCEIRA PARADA – GINÁSIO PERNAMBUCANO

Descendo nas proximidades do Ginásio Pernambucano, o grupo apreciará a paisagem do rio Capibaribe e em frente ao colégio, ouvirá as explicações do guia, conforme se sucede:

Clarice Lispector teve que se esforçar bastante para passar nos exames para ingressar no Ginásio Pernambucano, porque era considerado um dos melhores colégios da época no Recife e ser admitido nele era muito difícil. Mas ela conseguiu passar, junto com sua irmã Tania e sua prima Berta.³⁴⁷

No final de 1931 ela apresentou uma documentação para que pudesse estudar na instituição. Começou a cursar o primeiro ano ginásial em 1932. Teve como um de seus professores, Agamenon Magalhães, futuro interventor do estado de Pernambuco e, também, ministro do trabalho. Ele ensinou geografia à já escritora Clarice Lispector.

O colégio foi fundado em 1825, mesmo ano do Diário de Pernambuco. Possuía um museu de história natural e uma enorme biblioteca. Em 1859, ele recebeu a visita do Imperador Dom Pedro II, que estava de passagem pelo Recife.³⁴⁸

Antes de cursar o Ginásio Pernambucano, Clarice Lispector estudaria no Grupo Escolar João Barbalho e no Colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro. O primeiro deles é citado por ela na crônica “As grandes punições”, que foi publicada no Jornal do Brasil em 4 de novembro de 1967, narrando o memento em que conheceu Leopoldo Nachbin, de quem se tornou amiga.³⁴⁹

Depois, os participantes do roteiro retornam à condução para continuar a jornada até o teatro de Santa Isabel, que fica do outro lado do rio Capibaribe.

³⁴⁷ GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 97-99.

³⁴⁸ GASPAR, Lúcia. Ginásio Pernambucano. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 30 set. 2020.

³⁴⁹ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1967. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

QUARTA PARADA – TEATRO DE SANTA ISABEL

Na parada do Teatro de Santa Isabel, os participantes do encontro receberão as seguintes informações:

O teatro de Santa Isabel foi inaugurado em 18 de maio de 1850. Muitas personalidades importantes passaram pelos seus palcos, como Castro Alves, Tobias Barreto, Rui Barbosa, Assis Brasil, João Neves. Foi nesse teatro que Joaquim Nabuco proferiu a famosa frase “ganhamos aqui a causa da abolição”. O teatro foi idealizado por Francisco do Rego Barros, o Conde da Boa Vista, então presidente da província de Pernambuco, que chamou técnicos franceses para construí-lo, como a exemplo do engenheiro Louis Léger Vauthier.³⁵⁰

Clarice Lispector assistiu sua primeira peça de teatro no Teatro de Santa Isabel. Era uma peça romântica com as atrizes Alma Flora e Lígia Sarmiento. Ela ficou tão impressionada com a peça que, ao chegar em casa, produziu sua própria peça de teatro, chamada de “Pobre menina rica”. Depois, por vergonha, escondeu a peça atrás de uma estante e nunca mais a encontrou. Anos mais tarde, ela escreveria sua única peça de teatro, chamada de “A Pecadora Queimada e os Anjos Harmoniosos”.³⁵¹

O nome do teatro foi uma homenagem tanto à Princesa Isabel, filha do Imperador Pedro II e responsável por assinar a Lei Áurea, que abolia a escravidão, quanto à santa de mesmo nome. Por isso, a preposição *de* ganha força, porque o teatro não tem, apenas, um nome – Teatro Santa Isabel, como se diz de um nome de rua. O teatro foi entregue a Santa Isabel como oferenda e proteção.³⁵²

Após as explicações, os participantes, junto com o guia, voltam para a condução para seguirem até a última parada: “As Galerias”, no bairro do Recife.

³⁵⁰ BORGES, Geninha da Rosa. *Teatro de Santa Isabel: Nascedouro e Permanência*. Recife: CEPE, 2000. p. 20, 25.

³⁵¹ SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 207.

³⁵² BORGES, Geninha da Rosa. *Teatro de Santa Isabel: Nascedouro e Permanência*. Recife: CEPE, 2000. p. 37-38.

QUINTA PARADA – AS GALERIAS

Descendo no estabelecimento “As galerias”, atenta-se para o que o guia tem a dizer:

Na crônica “O passeio da família”, que Clarice Lispector escreveu para ser publicada no *Jornal do Brasil* no dia 24 de abril de 1971, a escritora descreve acerca de um passeio que sua família fez ao cais do porto. A atmosfera da crônica revela uma certa melancolia, principalmente vinda do pai, e a situação financeira difícil da família. Depois da caminhada e antes de voltar para casa, a família para num bar, com bancos altos, para que a menina Clarice conhecesse pela primeira vez o maltado, bebida que era o carro-chefe da instalação, e que ela batizou na crônica de “ovomaltine de bar”. A autora detalha no texto a sensação de repulsa pela bebida, mas como sabia que o pai tinha feito sacrifício para comprá-la, bebeu até o fim, fingindo estar satisfeita.³⁵³

As Galerias, que se encontra na terceira geração de uma família de origem cubana, abriu suas portas em 1928. Foi inaugurado por Fidélis Lago, um empreendedor nascido em Cuba, que aportou no Recife em 1927, trazendo uma receita que constituía em sorvete artesanal de baunilha, leite e malte da semente selecionada do cacau. Hoje, o estabelecimento pertence a Jorge Gomes, neto de Fidélis Lago, e é considerado como patrimônio cultural gastronômico e imaterial da cidade. Na época em que Clarice Lispector morou no Recife, ele era localizado entre a avenida Rio Branco e a avenida Marquês de Olinda, no número 58.³⁵⁴

Finaliza-se o passeio com os participantes saboreando o maltado, contemplando o bairro do Recife e retornando à condução.

Como resultado do Roteiro histórico-cultural Clarice Lispector, realizamos um vídeo de treze minutos e quarenta e três segundos, que consiste em contar visualmente o itinerário programado para a apreciação dos participantes. As imagens, junto com a

³⁵³ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1971. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³⁵⁴ Entrevista realizada com Jorge Gomes, Recife, 04 de outubro de 2020. Ressalta-se que a pesquisadora Geórgia Alves foi quem apontou pela primeira vez acerca da representatividade do estabelecimento que fornece o maltado, chamado de “As Galerias” desde sua inauguração em 1928, e da ligação da bebida com o “ovomaltine de bar” mencionado por Clarice Lispector na crônica “O passeio da família”.

narração, mostram um pouco do que as pessoas que irão usufruir do evento aprenderão durante o trajeto. A ficha técnica será apresentada a seguir:

Projeto Roteiro histórico-cultural Clarice Lispector e o Recife

Mestrado Profissional em História

Mestrando: Henrique Inojosa Cavalcanti

Orientador: Helder Remigio de Amorim

Produção: Henrique Inojosa Cavalcanti

Imagens de câmera: Sergio Dourado

Direção e edição: Sergio Dourado

Narração: Sergio Dourado

Fotografias: Instituto Moreira Salles; Clarice Fotobiografia – Nádía Battella Gotlib.

Trilha sonora: Só teu amor (Eduardo Souto); St. Matthew Passion BW 244 (Bach); Jura (Sinhô); Marcha nº 1 do Vassourinhas (Matias da Rocha); Symphony nº 6 “Pastorale” (Beethoven); Bachianas brasileiras nº 5 (Villa-Lobos); Fita Amarela (Noel Rosa).